



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

“O Conflito Russo-georgiano e suas Implicações nas relações entre a Rússia e os EUA”

David da Silva Agostinho

Orientador: Professor Doutor Marco António Batista Martins

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

Évora, 2014

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

“O Conflito Russo-georgiano e suas Implicações nas relações entre a Rússia e os EUA”

David da Silva Agostinho

Orientador: Professor Doutor Marco António Batista Martins

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

Évora, 2014

DEDICATÓRIA

À minha mãe.
(Domingas Agostinho da Silva)

(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Efetuar esta pesquisa implicou uma série de sacrifícios e uma vontade imensa para alcançar este objetivo que nem de longe posso afirmar que está alcançado. A busca pelo conhecimento sempre foi meu grande objetivo e graças ao nosso Senhor Deus Todo Poderoso, meus pais e meus irmãos que sempre e com muitas dificuldades puderam suportar-me para alcançar este objetivo.

Agradeço a toda minha família, Adriano Neto, Luzia Sebastião, António, Correia, Lúcia, Ruth, Sebastião, Filomena. Ao meu cunhado Joaquim Cruz, as minhas cunhadas Inês Agostinho, Cesaltina Agostinho, Teresa da Silva Neto, Ana Osório, um agradecimento especial para todos os meus sobrinhos em especial a Balbina Pedro, Carlos Manuel, Adilson Sebastião sua esposa Vera Lúcia e para minha querida Kâmia Madeira.

A todos os meus colegas vai um grande agradecimento, em especial para Lilian Ferreira da Silva, José Vilema Paulo, Nelson Miranda, Zeferino Pintinho, os dois últimos, colegas novamente no Mestrado, André Kizua, Sabino Henda e Aníbal Lopes.

Por fim um grande agradecimento ao meu orientador Professor Doutor Marco António Batista Martins pelo suporte técnico-acadêmico, paciência e amizade para elaboração deste trabalho de pesquisa para a conclusão do curso.

“ Não consigo prever a ação da Rússia. É uma adivinha embrulhada num mistério dentro de um enigma”

Winston Churchill

*“ Quem controla o leste da Europa, governa o Heartland;
Quem governa o Heartland; Governa a ilha do mundo;
E quem governa a ilha do mundo, Governa o mundo”.*

Halford John Mackinder

*“Quem controla o Rimland, governa a Euroasia;
Quem governa a Euroasia, controla os destinos do mundo”.*

Nicholas John Spykman

“ Uma relação contenciosa com a Rússia não é do interesse da América e uma relação contenciosa com a América não é do interesse da Rússia”.

George W. Bush

RESUMO

O Conflito Russo-georgiano e suas Implicações nas relações entre a Rússia e os EUA.

Os Estados Unidos e a Rússia têm disputado zonas vitais na Eurásia para aplicação de seus planos geopolíticos e geoestratégicos por isso, neste trabalho de investigação, partimos por abordar a história e essencialmente o posicionamento geográfico de Rússia e Geórgia, seus recursos naturais e demografia, etc. Um dos objetos de estudo da investigação e por ser também um ator da Relações Internacionais, os EUA, viram suas relações com a Rússia afetadas pelo apoio que deram a Geórgia. Providenciamos um estudo sobre o derrube da ex-União Soviética. Tratamos também da Geórgia no seu percurso histórico e em todos os aspetos ligados ao seu posicionamento geográfico e geoestratégico. Analisamos as principais teorias que regem as relações internacionais para explicar o conflito e sua repercussão nas relações das duas potências.

Palavras-chave: Conflito, Rússia, Geórgia, Estados Unidos, Relações Internacionais.

ABSTRACT

The Russian-Georgian Conflict and its implications on relations between Russia and the Unites States.

The United States and Russia have played vital areas in Eurasia for the application of its geopolitical and geostrategic plans so in this research work, we start by addressing the history and essentially the geographical position of Russia and Georgia, its natural resources and demographics, etc. One of the objects of study and research by also being an actor of international relations, the U.S. saw its relations with Russia affected the support they gave to Georgia. We provide a study of the overthrow of the former Soviet Union. Also treat Georgia in its historical course and all aspects linked to its geographic and geostrategic position. We analyse the main theories governing international relations to explain the conflict and its impact on relations of the two powers.

Key words: Conflict, Georgia, Russia, United States, International Relations

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	VIII
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	IX
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – ABORDAGEM TEÓRICO CONCEPTUAL	13
1.1 – DEFINIÇÃO DE CONFLITOS	13
1.2 – RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERNACIONAIS E MÉTODOS A FIM	18
CAPITULO II - A ANALISE DAS TEORIAS HEARTLAND E RIMLAND NO CONTEXTO DO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO	20
2.1 - A TEORIA HEARTLAND NO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO	20
2.2 - A TEORIA RIMLAND NO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO	26
CAPÍTULO III - A RÚSSIA	30
3.1 – A GEOPOLITICA DA RÚSSIA SOVIÉTICA.....	30
3.2 - O FIM DO BLOCO SOCIALISTA	36
3.3 - A NOVA LIDERANÇA RUSSA	41
CAPÍTULO IV - A GEÓRGIA	46
4.1 - A GEOPOLITICA GEORGIANA.....	46
4.2 – O COLONIALISMO RUSSO NA GEÓRGIA	49

CAPÍTULO V- O CONFLITO RUSSO-GEORGIANO E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA POLITICO INTERNACIONAL	55
5.1 - O CONFLITO	55
5.2 - AS CAUSAS DO CONFLITO	58
5.3 - CONSEQUÊNCIAS DO CONFLITO	62
5.4 - A PROBLEMÁTICA DA GUERRA OU O USO DA FORÇA NAS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS	72
5.5 - O CONFLITO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES ENTRE A RUSSIA E OS EUA	81
CONCLUSÃO.....	98
BIBLIOGRAFIA.....	103

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANGOP – Agencia Angolana de Notícias

BBC - British Broadcasting Corporation

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

CEPS- Centre for Europeans Policy Studies

EUA- Estados Unidos da América

NATO – North Atlantic Treaty Organization

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONU – Organização das Nações Unidas

OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

OTAN – Organização do tratado do Atlântico Norte

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PIB – Produto Interno Bruto

RDG – República Democrática da Geórgia

SDN – Sociedade das Nações

UE- União Europeia

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviética

WEO – World Economic Outlook

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da localização do conflito.....	57
Figura 2 - Cenário de destruição em Tibilisi	66

INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta para a investigação intitulada “O conflito russo-georgiano e as suas implicações nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos”, suscita interesse pelo fato da Rússia ter sido já uma grande potência regional e mundial, mas que agora reaparece no cenário internacional e também com uma influência formidável nível da região da Euroásia, fato que joga papel decisivo. A Geórgia é um pequeno país da região do Cáucaso e que pela grande rivalidade que tem com o “gigante” russo tem-se visto impossibilitado de manter sua sobrevivência político-económica na região. O estado georgiano tem nos últimos anos enfrentado o problema de divisão interna com a intensa tentativa de separação das regiões da Abkhazia e Ossétia do sul que por sua vez anseiam ter a autonomia para conduzir por si as suas próprias políticas a nível interno e externo.

Os Estados Unidos, nosso outro objeto de estudo, tem tido a supremacia nas relações internacionais, pelo facto de ter ocupado o lugar de potência única após o fim da ex-União Soviética. Não se envolve diretamente no conflito, mas incita o acontecimento do mesmo, pelo fato de por ser um concorrente da Rússia, ainda estar presente na Geórgia prestando assistência no campo económico e principalmente militar.

No dia 8 de Agosto de 2008, as tropas georgianas atacaram as regiões de Gori na Ossétia do sul sob pretexto de acabar com os grupos separatistas que se encontraram em exercício na zona em referência. A reação da Rússia não se fez esperar e com os seus tanques derrotou o exército georgiano em apenas dois dias. A Rússia entrou no conflito sob pretexto de defender o imenso número de cidadãos russos que habitam naquela região da Ossétia do Sul. A Geórgia por outro lado, acusou Moscovo de intromissão seus assuntos internos.

Existe um conflito de interesses muito grande por parte dos EUA na Geórgia, este facto é sustentado pelas relações de cooperação entre os dois Estados. Por isso a Rússia acusou os EUA de terem sido os culpados do conflito, por estarem treinando o exército georgiano e por fomentarem a rivalidade com o Estado vizinho.

Nosso principal objeto de estudo é, para além de explicar o conflito, entender e esclarecer até que ponto este conflito colocou em risco a paz mundial, devido a rivalidade entre a Rússia e os EUA, até que ponto afetou as relações bilaterais entre as duas potências mundiais. Talvez tenhamos sido excessivamente audazes ou precipitados em pesquisar a problemática que se coloca neste tema tão polémico nas relações internacionais, mas acreditamos que a comunidade internacional deve estar atenta a todos os episódios isolados que possam colocar em rota de colisão esses dois Estados e perigar a paz mundial.

No primeiro capítulo faremos abordagem da situação histórica dos dois contendores, versará também a questão geográfica dos mesmos, sem descorar das suas capacidades energéticas que são uma das razões do conflito.

Nesta pesquisa, procuraremos analisar até que ponto é que o conflito russo georgiano causou desconfortos a nível das relações entre os Estados Unidos e a Rússia e também a relação entre União Europeia e a Rússia. Pensamos ainda que a proximidade dos EUA à Geórgia tenha causado de facto algum desconforto a Rússia. Quais foram as verdadeiras motivações da Rússia na resposta militar que deu ao exército georgiano? Será que por mais espaço para o transporte de gás e petróleo pelo Mar Cáspio? Analisaremos ainda o facto do uso de excessiva força da Rússia ao sair em “ajuda” aos seus cidadãos que residentes na Ossétia do Sul ou porque achou este como uma via para demonstrar mais uma vez sua força e reaparecer no cenário mundial como uma potência militar que tem uma palavra a dizer sobre os mais diferentes questões a nível mundial.

Estas e outras questões serão analisadas neste trabalho investigativo, porém muito mais fica por dizer, mas esperamos que o nosso pequeno contributo ajudará a compreensão da questão.

Objetivos e Metodologia

A presente dissertação objetiva-se centralmente a estudar o conflito russo-georgiano e a suas implicações nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos da América, levando os leitores a entenderem mais sobre o mesmo, através das teorias explicativas das relações internacionais. Quanto aos objetivos, pretendemos o seguinte:

Estudar o conflito russo georgiano, fazendo a demonstração dos acontecimentos e as reações das partes envolvidas e as suas consequências a nível geral;

Especificamente pretendemos demonstrar as implicações que o conflito trouxe nas relações entre os Estados Unidos e a Rússia;

Quanto a hipótese que nos propomos levantar, consideramos que o conflito Russo-georgiano trouxe efetivamente implicações nas relações entre os Estados Unidos e a Rússia.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi realizado um estudo observacional, analítico, retrospectivo, de natureza básica. O método de abordagem utilizada para a realização da pesquisa bibliográfica caracteriza-se como exploratório, através de coleta de dados, ou seja, de bibliografias e artigos publicados sobre o tema, tendo em vista a elaboração de uma revisão bibliográfica.

Para esta pesquisa será constituída pelo universo das informações referentes ao tema a ser escolhido a partir dos livros e revistas, jornais, arquivos, artigos na internet, fichas, catálogos, entre outras fontes afins, fornecidas pelas instituições, constituindo o campo de estudo, cujo informações foram selecionadas, como amostra para análise.

CAPÍTULO I – ABORDAGEM TEÓRICO CONCEPTUAL

1.1 – DEFINIÇÃO DE CONFLITOS

Abordar um tema ligado ou intensamente associado a um conflito já não tem sido motivo de escândalos nos nossos dias por parte dos estudiosos das Relações Internacionais e não só, primeiro pelo facto dos conflitos serem inerentes ao homem e pelo facto de nos últimos anos estarmos num sentido aonde as relações humanas, mais intensamente se direccionam para os conflitos, ou seja, as relações entre o principal membro da sociedade, o Homem, tem cada vez mais tendido ao conflito.

Nas relações internacionais a realidade não tem sido contrária. Constantemente nos temos apercebido pelas notícias nos órgãos de informação, factos ligados a conflitos entre pessoas e entre nações. Os conflitos têm feito parte do processo evolutivo do homem, não é mau de todo e tem sido uma das fontes principais do desenvolvimento e crescimento das sociedades e neste pensamento, vamos analisar as teorias dos conflitos para entendermos melhor porque se deu o conflito russo georgiano e como inclusive seria possível evitá-lo através da mediação ou de outros instrumentos que se associam a resolução dos mesmos.

As regras da metodologia científica nos recomendam a trazer em primeira instância num estudo para a academia, os conceitos básicos que geram um tema para que se possa compreender com mais exatidão o estudo. Nesse contexto, buscaremos trazer as ideias iniciais e que esperamos que sejam basilares para levarem a compreender o conflito que nos propusemos abordar.

“ (...) a teoria pode ser vista em primeiro lugar como um espelho que reflete a realidade. Observando o mundo, construímos uma teoria que nos explica o seu funcionamento. A teoria pode ser então aplicada para facilitar futuros procedimentos analíticos. Neste caso, a teoria descreve as coisas tal como elas são.

Este propósito descritivo da teoria complica-se um pouco mais quando passamos a ver a teoria como uma lente. Aqui, a teoria é uma espécie de lupa que utilizamos para focar em determinados aspetos que desejamos estudar.” Isto significa necessariamente que outras coisas escapam ao nosso campo de visão, ou que uma outra «gradação» da lente nos permitiria ver de forma diferente.”¹

¹ NUNES, João - **Para que serve a teoria das Relações Internacionais**. Nº 36 (2012), p. 4 [Consult. 28 Fev. 2014] Disponível em: <URL:http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-91992012000400002&script=sci_arttext>. A teoria permite-nos descrever a realidade, mas a mesma realidade pode ser vista de vários ângulos mediante a aplicação de lentes diferentes. Ainda assim, a esta ideia de teoria enquanto lente subjaz o pressuposto de que existem lentes que nos permitem ver melhor a realidade, e ainda que é possível criar lentes cada vez mais perfeitas para que a realidade nos seja revelada tal como ela é.

Se em vez de lente virmos a teoria como uma moldura, uma outra função torna-se aparente. Uma moldura não reflete exatamente a realidade, mas permite-nos organizar as nossas impressões de forma a sistematizar uma versão tão completa quanto possível da realidade. O propósito analítico não passa exatamente pela descrição, mas pela sistematização. Neste caso, reconhece-se de forma mais clara os limites da teoria enquanto versão fiel da realidade.

Os conflitos nas Relações Internacionais e tal como já fora frisado, os conflitos têm sido cada vez mais latentes de formas que é cada vez mais interessante que analisemos as teorias do conflito principalmente de formas a entendermos melhor porque acontecem nas relações internacionais e como podemos evitá-los não somente a nível das relações entre os Estados, Organizações Internacionais e outros autores da conjuntura internacional, mas também das relações interpessoais do homem pelo homem, sendo que tudo começa no mesmo. A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira define conflito como:

“A luta entre as nações, conflagrações, guerra: o conflito geomano-russo, antagonismos dos espíritos, das teorias, dos sentimentos, dos interesses. Contradição, oposição entre as autoridades jurídicas, tribunais: de conflito de jurisprudência”.

Defina ainda a nível do Direito Internacional Público que: As relações jurídicas internacionais dos estados não são, as geradas pelos conflitos de leis, do âmbito do direito internacional privado, mas aquela, em que os Estados se criam reciprocamente direitos e obrigações.

Nessas relações geram por vezes oposições de interesses políticos e ou económicos. Para as resolver, recorrem os estados a meios pacíficos ou coercivos (estes podem ser belicosos ou maliciosos) ”.²

Desde o princípio da humanidade e tal como já fora sublinhado no início, os conflitos têm acontecido de várias formas, podemos afirmar que os conflitos acompanham a existência humana e materializam-se mais pelo facto de o homem viver em conjunto e cada vez mais em sociedade organizada. Os conflitos intensificam pelo facto de os homens serem seres sociais e vivente em comunidade, sujeito a conveniências e inconveniências na conclusão dos seus objetivos.

Para providenciarmos a análise técnica do conflito, é interessante entender as visões da ciência sobre o conflito nas mais variadas áreas do saber. Para já, adianta dizer que não há consenso nos cientistas das ciências sociais, pelo facto de existirem variadíssimas nuances técnicas na área da sociologia, filosofia, pedagogia, psicologia, história, teorias da comunicação, estratégia militar e muito mais.

O dicionário de relações internacionais define conflitos como:

“A rivalidade ou antagonismo entre indivíduos ou grupos de uma sociedade. O conflito pode ter duas formas: uma ocorre quando há um confronto de interesses entre dois ou mais indivíduos ou grupos; a outra acontece quando há pessoas ou coletividades envolvidas em luta direta com outras. O Conflito de interesses nem sempre leva à luta declarada, enquanto os conflitos diretos

² Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira; Edições Zairol. Lisboa/ Rio de Janeiro: Zairol, 2000, p. 27

podem, por vezes, entre grupos que, erradamente, acreditam que os interesses são opostos aos dos outros grupos”³.

Do ponto de vista básico, conflito pode ser definido também como uma diferença de opinião, ou uma diferença do propósito que frustra os interesses, alvos, preferências, e desejos de outrem. Ou ainda, um conflito designa uma oposição de interesses que não se traduz forçosamente pelo emprego da força armada em fim são as expectativas frustradas que passam a produzir conflitos armados no caso das relações internacionais.

Segundo Dougherty e Pfajtzgraff:

*“O termo conflito costuma corresponder a uma situação em que um grupo individualizável de seres humanos de carácter tribal, étnico, linguístico, cultural, religioso, socioeconómico, político ou outro, se opõe conscientemente a um ou mais grupos humanos individualizáveis devido àquilo que parecem ser objetivos incompatíveis”*⁴.

Lewis A. Coser refere-se a conflito como uma «luta em volta de valores e reclamações de estatuto, poder e recursos, todos escassos, em que os objetivos dos competidores consistem em neutralizar, enfraquecer ou eliminar os rivais».

Os conflitos nas relações internacionais normalmente desenvolvem para situações mais embaraçosas e que normalmente são passíveis de grandes argumentos diplomáticos para a sua resolução. As guerras nas relações internacionais são o que chamamos a continuação da política por outros meios e que normalmente iniciam na falta de concordância dos mais variados pontos de vista dos Estados ou dos seus dirigentes. A história da guerra é um estudo que pode oferecer grande contributo no entendimento da Guerra na Ossétia do Sul que opôs a Rússia a Geórgia, contudo, achamos necessário trazer para análise algumas reflexões clássicas que nos ajudam a compreender a origem das guerras nas relações internacionais. Disse Clausewitz que «A guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, o prosseguimento das relações políticas, uma realização desta por outros meios.» Contudo, achamos melhor associar a problemática da guerra e

³ DE SOUSA, Fernando - **Dicionário de Relações Internacionais**. Lisboa: Afrontamento, p. 47.

⁴ DOUGHERTY, James [et al.] - **Relações Internacionais, As teorias em confronto**. Lisboa: Principia, p. 243

do uso da força num capítulo único para ajudar mais efetivamente na compreensão do tema em causa.

Existem duas concessões importantes e que normalmente têm sido usadas nas relações internacionais para os estudos, quer a nível das teorias quer a nível dos acontecimentos pontuais nas relações internacionais. As conceções objetivas e subjetivas sobre o conflito podem de todo dar um excelente apoio na objetividade que se pretende alcançar. António José Fernandes na sua obra intitulada *Relações Internacionais, factos, teorias e Organizações*, faz um estudo e demonstra as duas conceções da seguinte forma:

“Segundo a conceção objetiva, o conflito pode ser definido como «uma situação de competição em que as partes estão conscientes das incompatibilidades das posições possíveis e na qual cada uma delas quer ocupar uma posição que é incompatível com que a outra parte quer ocupar». É esta a conceção de Kenneth Boulding, para quem os conflitos são expressos das incompatibilidades de posições. E há incompatibilidades de interesses (ou de posição) quando a realização simultânea de dois interesses é materialmente impossível.

Segundo a conceção subjetiva, o conflito é «o resultado de uma percepção errada de uma situação objetiva». Uma situação objetiva é entendida em termos de situação incompatível. Por isso, no dizer de John Burton, «o conflito é essencialmente subjetivo».⁵

Charles-Philippe David, conclui que:

“Em termos mais lato, um conflito designa uma oposição de interesses que não leva necessariamente ao confronto armado (por exemplo, os quarenta anos e conflito Leste-Oeste). Quando um conflito evolui para um conflito armado, confunde-se frequentemente com a guerra. O conflito implica no geral uma situação na qual um estado, uma etnia, um clã ou um grupo se envolve numa oposição decidida contra um destes últimos, porque os objetivos procurados são (a exemplo da guerra) incompatíveis. Tais objetivos podem ser políticos, diplomáticos, económicos, militares, identitários, internos ou externos. Lembra que a novidade dos conflitos contemporâneos reside na maior autonomia dos atores coletivos relativamente ao sistema estatal, à sua heterogeneidade, à maior importância dada ao estatuto e aos valores do que às posses matérias e, sobrepondo-se a tudo isso, à influencia crescente do transnacionalismo. Esta nota aplica-se especialmente bem ao contexto dos conflitos intraestatais e dos problemas não militares da segurança. Em todos os casos de conflitos, armados ou não, podem fazer-se distinções que comprovam a sua variedade considerável”⁶

Os conflitos nas relações internacionais têm tomado não só a direção do armado, elas têm sido também de índole político, diplomático, económico e outros tipos, todos estes têm

⁵ FERNANDES, António José - **Relações Internacionais, Fatos, Teorias e Organizações**. Editora Presença. Lisboa: Dom Quixote, 1991, p.350

⁶ CHARLES-PHILIPPE, David – **A guerra e a paz**. Instituto Jean Piaget. Lisboa: 2000, p. 113

tido menos impacto que o armado devido as proporções estrondosas que ela acarreta. Normalmente o conflito armado degenera em perdas humanas, traz um fatídico desgaste a economia na maioria dos casos e contribui imensamente para que outros conflitos a posterior entre os dois ou mais contendores possam eclodir.

No que diz respeito aos objetivos dos conflitos armados, Charles-Philippe David contribui dizendo que eles podem suceder para responder as seguintes necessidades:

“Um conflito pode ter por objetivo o controlo do governo e do estado e ser assim objeto de profundas divisões nacionalistas, ideológicas ou étnicas (o Afeganistão e a República Democrática do Congo representam bons exemplos). O conflito pode ir até a confrontação violenta entre grupos ou facções visando a apropriação, pelo menos em parte, do controlo efetivo do estado (o caso das rivalidades entre guerrilhas na Colômbia);

A questão territorial continua a ser central em vários conflitos, por razões étnicas (ex-Jugoslávia, Sri Lanka, Nagorno-Karabach), económicas (Iraque e Koweit, arquipélago das Spratleys), ou estratégicas (Israel e Síria a propósito do Golã, a Índia e o Paquistão sobre a Caxemira;

A questão ideológica continua a ser importante quando repousa sobre um artigo litígio e uma hostilidade que se envenenou ao longo de vários anos (conflito China-Taiwan ou entre aos Israelitas e Palestinianos)”⁷

Os conflitos internacionais têm tido um carácter cada vez mais decisivo na formação de “ideia central” na busca dos estados em alcançar seus objetivos de uma maneira geral. Nossa visão com relação a abordagem de Charles-Philippe quanto aos conflitos terem a questão ideológica ou territorial, é bem assente sendo que no caso do conflito russo-georgiano, duas questões se aplicam centralmente ao conflito. Primeiro pelo seguinte facto: o conflito pode sim ter o carácter ideológico pelo facto de ainda se vivenciar a nível da perspectiva política russa a continuação do ideal socialista que se consubstancia principalmente pelo facto de manter ou procurar manter as ex-repúblicas soviéticas sob visão do gigante da região; outra questão se refere a aplicação do quesito território neste conflito.

Não é de descorar este facto até porque é de mais patente que a Geórgia, segundo justificação insurgiu-se armamentisticamente contra uma região que proclamava a separação, ou seja, havia duas regiões separatistas que se desligavam da Geórgia e por isso o ataque.

Os conflitos armados na região do Cáucaso, têm tido essencialmente a tónica da questão territorial e ideológica, certos também de que a segundo factor, o ideológico, tem sido a mais patente quando se trata da Rússia sobre seus oponentes e já os de carácter territorial tem sido perpetrado também como é no caso da região do Nagorno-Carabha, mas a Rússia não tem ficado de parte e um exemplo prático tem sido o que decorre neste momento na Crimeia, onde a Rússia tem intensão mais do que evidente de dar início a movimento armado ou a anexação.

⁷ Ibidem.

1.2 – RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERNACIONAIS E MÉTODOS A FIM

A resolução de conflito é uma área do estudo das Relações internacionais que se aprofundou substancialmente a pesquisa principalmente depois no contexto que o mundo viveu principalmente depois da segunda guerra mundial, mais do que nunca, naquela altura ficara provado que os mecanismos de resolução de conflitos teriam que ser mais praticados pelos estados de formas a se evitar perdas humana e materiais.

Os conflitos internacionais são um dos maiores problemas nas relações entre os estados, contudo existem vários instrumentos de resolução de conflito que passaremos a citar abaixo, que por sua vez contamos que seriam de total importância se fossem aplicados para a resolução do conflito entre a Federação Russa e a Geórgia.

“As soluções elaboradas através das técnicas de resolução de conflito pressupõem uma reavaliação de posições e de perspectivas que permitam às partes em confronto, a percepção da possibilidade e da capacidade de realização dos seus interesses e de concretização dos seus objetivos próprios, através de processos não violentos e de formas não conflituais de relação, pressuposto este que inclui, necessariamente, a revisão do próprio tipo de relacionamento. A resolução de conflito privilegia as técnicas académicas em relação às técnicas diplomáticas, concentrando-se em experiência de grupo na resolução de problemas específicos a partir de técnicas características da psicologia social.”⁸

As duas partes no conflito em causa não se dispuseram de todo em tomar a posição de reavaliar posições antes mesmo de entrar em confronto. Segundo os acontecimentos que se desenrolaram em Agosto de 2008, não foi notado qualquer movimentação diplomática como é habitual antes do desenrolar de qualquer conflito armado.

O artigo 33º da Organização das Nações Unidas estabelece que os estados em cujo prolongamento seja suscetível de perigar a segurança internacional devem aplicar os instrumentos da resolução de conflito.

“As partes numa controvérsia, que possa vir a constituir uma ameaça à paz e à segurança internacionais, procurarão, antes de tudo, chegar a uma solução por negociação, inquérito, mediação, conciliação, arbitragem, via judicial, recurso a organizações ou acordos regionais, ou qualquer outro meio pacífico à sua escolha”.⁹

Na visão do que foi estatuído pela Organização das Nações Unidas, passaremos a seguir e dentro da abordagem conceptual, a definir a cada um dos elementos correspondentes com a resolução de conflitos.

⁸ SANTOS, Victor Marques dos - **Teoria das Relações Internacionais, Cooperação e Conflito**, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. IPRI. Pág. 196

⁹CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, [Consut. 13 Fev. 2014]. Disponível em:

<URL:http://www.observatoriodha.com/uploads/5/6/8/7/5687387/carta_das_naes_unidas.pdf>. p. 8.

No processo do conflito russo-georgiano, estes dois instrumentos foram aplicados e teve a eficácia desejada sendo que a intervenção europeia através do então presidente francês Nicola Sarcozi, foi imediata e teve a colaboração das duas partes.

*“Os bons ofícios e a mediação constituem instrumentos que se diferenciam pelo grau de participação ativa de uma terceira entidade escolhida por comum acordo entre os litigantes, e que aceita o convite para desempenhar a função de bons ofícios ou de mediação, ou por manifestação de interesse ou disponibilidade de uma terceira unidade, no sentido desse desempenho”.*¹⁰

As duas partes concordaram em ter a liderança francesa a mediar o conflito e absolutamente verificou-se que quando, e a exemplo deste conflito, as partes devem estar disponíveis a colaborar de formas que se chegue a uma plataforma comum, que considera as partes envolvidas e se caminhe concretamente para a pacificação.

É importante salientar que historicamente, a Rússia tem sido o estado mediador de grande parte dos conflitos na região caucasiana e nesse caso o envolvimento da União Europeia foi absolutamente importante no que respeita ao curto processo de paz, mas que se tornou eficaz.

*“O objeto da negociação não é necessariamente nem exclusivamente o de regular um conflito surgido. Uma negociação que tem por resultado a adoção de regulamentação nova pode assim contribuir para prevenir ou desincentivar situações potencialmente conflituais. Pelo seu objeto bastante extenso, a técnica da negociação permanece pois como um dos instrumentos privilegiados da estabilidade da Sociedade internacional (adaptação às mudanças das circunstâncias).”*¹¹

A conciliação é uma das técnicas pacíficas de resolução de conflitos internacionais. Segundo Victor Marques dos Santos:

*“A conciliação poderá implicar a aceitação de um status quo, relativamente ao qual, nenhuma das partes admite fazer cedências, reconhecendo ambas, no entanto, as vantagens da aceitação mais construtivas, que não inviabilizam indefinidamente a realização de outros interesses mútuos e da concretização de objetivos que, entanto, tenham adquirido relevância no desenvolvimento do processo evolutivo de re-hierarquização das prioridades”.*¹²

A arbitragem é, assim, uma via jurisdicional, porém não-judiciária, de solução pacífica de litígios internacionais. As partes devem: escolher um árbitro, descrever a questão do conflito e a delimitação do direito aplicável. As principais vantagens desse sistema são a celeridade, a confidencialidade o conteúdo da arbitragem fica circunscrito às partes e aos árbitros, a especialização os árbitros podem ser técnicos e a possibilidade de decisão por equidade. Para os contratos internacionais justifica-se também pelos custos envolvidos normalmente mais baixos do que em longas e desgastantes lides judiciais.

¹⁰SANTOS, Victor Marques dos - **Teoria das Relações Internacionais, Cooperação e Conflito**, Universidades Técnica de Lisboa. Lisboa: IPRI, p. 237

¹¹ DINH, Nguyen Quoc; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain - **Direito Internacional Público**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: 1999, p. 730

¹²SANTOS, Victor Marques dos - **Teoria das Relações Internacionais, Cooperação e Conflito**. Universidades Técnica de Lisboa. Lisboa: IPRI, p. 244

CAPITULO II - A ANALISE DAS TEORIAS HEARTLAND E RIMLAND NO CONTEXTO DO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO

2.1 - A TEORIA HEARTLAND NO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO

Das muitas teorias que têm dado rumo as relações internacionais e que pelas quais os Estados Unidos e outras potencias se têm baseado, uma que nos sai a vista e que achamos importante a analisar, é a teoria do “Heartland” (região eixo ou coração continental) de Halford John Mackinder, e a do “Rimland” (território central) de Nicholas John Spykman. A zona do conflito em estudo é uma zona de imensa importância nas relações internacionais, tal como já foi frisado anteriormente. O controlo desta zona vital por parte das grandes potências tem sido objetivo por alcançar. Os Estados Unidos já tiveram muito mais perto por tomar o controlo da mesma, mas tem-se visto a braço com a oposição da Rússia. Porque trazemos a análise desta problemática teórica a este estudo? Acreditamos que o estudo é relevante para ajudar a compreender o porquê do apoio norte-americano a Geórgia e da enérgica resposta da Rússia para com seu vizinho. Passaremos a demonstrar a teoria Heartland, e a análise do pensador John Mckinder no quanto considerava esta zona da Euroásia como de extrema importância para que qualquer potência, tendo em conta a diversidade de riquezas e uma posição estratégica para o alcance de variados objetivos fundamentais a uma nação forte ou a que se pretende.

“Durante um milénio uma série de hordas a cavalo desembocou da Ásia através do amplo corredor existentes entre os montes Urais e o Mar Cáspio, atravessando as estepes da Rússia meridional e atingindo a Hungria no próprio coração da Península europeia onde compeliram os povos vizinhos – russos, alemães, italianos e gregos bizantinos – à resistência, assim modificando o curso da história. Se tais invasores nem sempre conseguiram triunfar sobre as resistências nacionais, a despeito de seus esforços para esmagar a oposição pelo terror, é que pela sua força resídua, principalmente, em sua extrema mobilidade, exercendo-se, em consequência, muito bem nas estepes e planícies, ao passo que se fazia impotente nas florestas e regiões montanhosas.

A conceção a que assim chegamos da Euroásia é a de uma terra contínua, limitada ao norte pelos gelo e por todos os demais lados pelo mar, medindo 54 milhões de quilómetros quadrados, ou seja, o dobro da superfície da Europa, não possuem vias fluviais abertas para o oceano, não obstante, por outro lado, prestarem-se admiravelmente – salvo na região das florestas – às evoluções da cavalaria. A leste, sul e oeste dessa região central, dispostas segundo um vasto círculo, encontram-se em zonas de acesso ao mar.

Sob o ponto de vista da conformação física, pode se distinguir quatro regiões características – é curioso notar que, de maneira geral elas coincidem com esferas de influência de quatro regiões – budista (China), bramanismo (India), muçulmana (Oriente Médio) e cristã (Europa).

As duas primeiras são terras de monções, uma orientada para o Pacífico, outra para o oceano Índico.

A quarta é a Europa, cujo oeste é regado pela chuva do Atlântico. Essas três partes em conjunto medem cerca de 18 milhões de quilômetros quadrados, com mais de 1 milhão de habitantes, isto é, dois terços da população total do globo.¹³

O nosso maior objetivo neste estudo não é irmos a fundo nas características físicas da região, mas demonstrar suas potencialidades de forma a fazer entender que a busca por esta área vital é de extrema importância para as potências mundiais sendo que as imensas potencialidades já tinham sido identificadas intensamente por estudiosos no século passado e tendo encorajado as nações poderosas a investirem na conquista do espaço vital.

É de extrema importância sublinhar a zona do conflito em causa porque acreditamos que uma das motivações dos Estados Unidos da América ao apoiar a Geórgia, mesmo que de uma forma indireta, consistia de formas cada vez mais estratégica a obter posições privilegiadas perto da Rússia e se estabelecer no Heartland.

Num estudo analítico feito por Gilberto Veríssimo, o mesmo faz menção a teoria de Mckinder de formas trazer a importância do Heartland e a posição da Rússia como potência na região que serviria então como um tampão ou impedimento para o alcance de interesses por parte das potências ocidentais.

“Na base desta análise, Mackinder propôs o que também é referido como sua primeira teoria, ou teoria inicial, a teoria da «Área Pivô». Comparando as características da potência continental, em relação à marítima, Mckinder sustentou que a potência continental:

- Possui elevado potencial em recursos;
 - Possui fronteiras seguras e profundidade estratégica;
 - Manobra por linhas interiores;
 - Intervém no exterior por linhas curtas;
- Enquanto a potência marítima:*
- Possui inferiores recursos próprios;

¹³ MCKINDER, Halford - **Democratic Ideals and Reality**. Londres: Foreign Affairs, 1904, p. 202. A terceira parte, que coincide com a região dos cinco mares, ou, como é chamado comumente, o Oriente Próximo, é pouco povoada, despida de florestas, encerra desertos e se presta, em consequência, as migrações dos povos nômadas.

O pivô da política mundial se acha eixado sobre esta vasta região euroasiana, inacessível aos navios, mas aberta, na antiguidade, aos cavaleiros nômades e que, hoje, se acha em condições de ser coberta de vias férreas.

Essa região possui, ainda, as condições de mobilidade essenciais ao desenvolvimento de uma potência económica e militar, embora limitada. A Rússia substituiu o Império Mongol. A pressão sobre a Finlândia, a Escandinávia, a Polónia, a Turquia, a Pérsia, a Índia e a China, substituiu os raids centrifugos dos habitantes das estepes. Ela ocupa em face do mundo, a mesma posição estratégica central que a Alemanha, dentro da Europa. Pode atacar e ser atacada desde todos os lados, menos do norte. O desenvolvimento de suas ferroviárias é uma questão de tempo. E mesmo na revolução social modificaria, indubitavelmente, o princípio pelas limitações geográficas. Pela sabedoria de admitir este princípio é que seu governo se desfez do Alasca, pois é tão tradicional para a Rússia nada possuir além-mar como para a Inglaterra manter o domínio dos mares.”

- *Exerce segurança por interposição do mar;*
- *Tem necessidade de fronteiras terrestres;*
- *Possui linhas exteriores versáteis mais longas.*

Reconhecendo na potencia marítima as vantagens da superioridade de circulação e a capacidade de poder negar às continentais a possibilidade de intervirem no mar, considera que:

- O controlo da Área Pivô por uma potência continental permitiria controlar a Euroásia:

- Dada a inacessibilidade, defensabilidade e inexpugnabilidade, a região é uma ótima base para atuar na periferia da Euroásia;

- Pela sua localização, a Rússia pode lançar ofensivas em qualquer direção;

- Se em situação de equilíbrio, a Rússia não tem as mesmas possibilidades que as potências dos Estados periféricos. Entretanto, se se rompe o equilíbrio e o Estado-Pivot aceder às costas da Euroásia, poderia empregar os seus imensos recursos na construção de uma frota naval e poderia aspirar então aos domínios do mundo.¹⁴

Referimos que a demonstração desta citação não é essencialmente de aclarar comparação entre potência marítima e potencia e continental, mas sim poder trazer a compreensão de que no estudo feito sobre o Heartland ou o “Coração da Terra”, a Rússia já era tida em conta e que no ponto de vista do seu potencial colocava em risco a conquista da zona vital por parte das potências ocidentais.

“(…)a Euroásia é uma gigantesca massa de terras contínuas – na realidade um super continente – que se estende da Europa a Ásia, separada pelas cordilheiras dos Montes Urais, tendo a Rússia parte dos seus imensos territórios espraiando-se pelos dois continentes. No início do século XX, em 1904, Sir Halford Mackinder apresentou-se na London Royal Geografic Society, na conferencia intitulada “The geografic Pivot of History em que expos uma tese radicalmente radical para esta época: O século xx seria marcado pela tendência do poder marítimo e pela ascensão do poder terrestre. Esta exposição continha também outra ideia revolucionária que substituiu uma visão conservadora do espaço, assim como da posição dos continentes e oceanos, por outra perceção inédita que demonstrava as muitas interações entre a superfície líquida e as massas terrestres do planeta”¹⁵.

¹⁴ VERÍSSIMO, Gilberto - **Elementos de Geopolítica e Geoestratégia**. Editora Ler Devagar, p. 75

¹⁵ NEVES, André Luís Varela - **O governo de Jorge Bush (2000-2004): Uma análise geopolítica das Guerras no Afeganistão e no Iraque**. USP. São Paulo: Tese para obtenção do grau de Doutor. 2010, p. 9

Mais do que um conceito geográfico o Heartland é uma ideia estratégica testada empiricamente ao longo das duas guerras mundiais. Originalmente, denominada de Pivot Área foi assim denominada depois da Guerra mundial de Heartland. Esta abordagem de André Luís Varela Neves às teorias de Halford John Mackinder, achamos de imensa importância pelo facto de até hoje ela servir de fonte de estudos dos estrategistas norte-americanos e não só para a atuação nos mais variados espaços do globo e principalmente na Euroásia que nos interesses americanos é vital para o controlo do mundo. Obviamente que esta exposição nos ajuda a entender mais claramente a posição americana no Cáucaso e os entraves que a Rússia tem colocado para impedir este avanço, ou efetivo cerco.

O compromisso americano em manter controlo na área não é somente uma questão que se prende a Geórgia e no compromisso que teve com ela, mas no controle de uma área no geral, no seu todo. Obviamente que o compromisso com a Geórgia não era para ser duradouro e com fim permanente, mas acreditamos que os Estados Unidos usaram a Geórgia para estrategicamente se posicionarem mais perto da Rússia e assim procurar exercer a sua política de domínio territorial segundo a teoria de Mackinder.

Achamos interessante continuar a fazer a demonstração da teoria de Mckinder em função necessidade de ser fundamental à compreensão da mesma sendo que o teórico identificou a zona como muito rica e de extrema importância que se mantivesse em termos de controlo por uma potência continental que no caso analisamos que são os Estado Unidos da América. No artigo sobre o tema, divulgado por ocasião da Conferencia de Paz em Paris (1919), Mackinder declarou:

“ No este da Europa há dois elementos principais: teuto e o eslavo, mas nenhum equilíbrio se estabeleceu entre eles como entre os romanos e os teutos, no oeste europeu. A chave da situação está no leste da Europa.

A guerra que acabou (1914-1918) nasceu na Europa, da revolta do eslavo contra os teutos. Os acontecimentos que a ela nos conduziram, começaram com a ocupação austríaca das províncias eslavas da Bósnia e Herzegovina, em 1817. Berlim suplantou Petrogrado com ponto nelvrágico europeu. O oeste da Europa insular e peninsular deve se opor necessariamente a toda a tentativa de qualquer potência para organizar os recursos do oeste da Europa e do Heartland. A luz desta conceção, a política seguida pela Inglaterra e pela França, há cem anos, é singularmente consistente.

Opusemo-nos ao governo czarista, a meio germânico porque a Rússia foi durante mais de cinquenta anos, a força ameaçadora no este europeu e no Heartland; opusemo-nos ao governo alemão do Kaiser, porque a Alemanha retomarà a política dos czares no este europeu, esmagará a revolta dos eslavos e dominará o este europeu e o Heartland.

A Europa criou novas europas em terras vagas, descobertas entre os oceanos. O que a Inglaterra e a península escandinava foram para a Europa d'antanho a América, a Austrália e, dentro dos limites, a África ao Sul do Saara o são para a Euroásia. A Inglaterra, o Canadá e os Estados Unidos, a África do Sul, a Austrália e o Japão tornaram-se agora um círculo de bases exteriores e insulares do poderio marítimo e comercial, inacessíveis ao poderio continental da Euroásia.”¹⁶

Nesta declaração do teórico, notamos que já na época o Imperio russo era um empecilho na busca do ocidente pelo controlo do Heartland. Nisso, tem sido um processo contínuo a busca por várias formas dos Estados Unidos em alcançar a região pela Geórgia foi mais uma vez uma tentativa. Obviamente que a preocupação da Rússia não se prende somente aos Estados Unidos, mas com todas as grandes potências e principalmente as Anglo-saxónicas, tais como a Inglaterra, o Canadá. Segundo a declaração é uma posição que antecede a segunda guerra mundial e neste caso o estudo por maior aplicação do controle da região tem sido engendrada com mais rigor pelas grandes potências e inclusive pela Rússia. A Rússia tem sido durante todos estes anos uma opositora aos interesses da região e contamos que continuará sendo durante muitos anos. Contamos ainda que a grande preocupação das potências mundiais e principalmente dos Estados Unidos da América não paire somente sobre os russos, mas também sobre a República Popular da China. Tal como já é de conhecimento, é mais do que evidente que o poder da China tem tomado proporções cada vez mais extensivos e o seu poder de influência tem sido cada vez maior. Prevemos ainda que o controlo do Heartland ficará cada vez mais distante dos Anglo-saxónicos e dos americanos principalmente se uma aliança Sino-russa se estabelecer, sendo que as duas podem influenciar com mais rigor e não permitir que os interesses das potências ocidentais se estabeleçam na região, tornando mais difícil os compromissos tanto dos americanos como dos da UE. Neste momento talvez não a Rússia, mas a China tem o trunfo do poder económico para atrair para si as atenções das outras nações que comportam aquela região da Euroásia e afastar ou ir afastando os investimentos norte-americanos na região.

¹⁶ VERÍSSIMO, Gilberto - **Elementos de Geopolítica e Geoestratégia**. Luanda: Editora Ler devagar, 2010, p. 50

A posição norte-americana não é controversa é objetiva e os países da Euroàsia sabem disso, mas há uma espécie de recessão de benefícios, mesmo sabendo dos riscos dos mesmos por partes dos Estados da região. George Friedman abordou esta questão a quando da decisão dos Estado Unidos em instalar um escudo antimíssil na Polónia e Ucrânia.

“Quando a administração de George W. Bush decidiu criar um sistema de defesa contra míssil balístico para a Europa do Leste, os Estados Unidos começaram com rodeios. Decidiram criar um sistema que defendesse de pequenas quantidades de misseis disparados por países de carácter dúbio, sobretudo o Irão. Planearam colocar um sistema de radar na República Checa e fizeram planos para instalar os misseis na Polónia. Isto sem contar com o envio de armamento sofisticado para os polacos, como caças F-16 e mísseis Patriot. O sistema podia ter sido instalado em qualquer outro local; foi instalado na Polónia para deixar claro que a Polónia era essencial para os interesses estratégicos americanos e para intensificar a cooperação entre os Estados Unidos da América e a Polónia fora do contexto da NATO. Os russos compreenderam-no e tentaram fazer tudo para o que conseguiram para bloqueá-lo.

Os russos opuseram-se à colocação de mísseis na Polónia, apesar de o sistema só garantir defesa contra alguns mísseis e de os russos terem quantidades impressionantes. Na verdade, a questão para os russos nunca teve a ver com defesa antimíssil prendia-se sim com o facto de os Estados Unidos estarem a colocar sistemas estratégicos em solo polaco. Um sistema estratégico tem de ser defendido e os russos compreenderam que o sistema de defesa antimísseis balísticos (BDM) era apenas o princípio de um compromisso significativo com a Polónia.

Quando a administração Obama entra em funções, os seus líderes quiseram «reiniciar» as relações com os russos. Os russos deixaram claro que apesar de não queres recuar ao tempo das hostilidades de Guerra Fria, as coisas só podiam avançar se o sistema BDM fosse retirado da Polónia.”¹⁷

As tentativas de aplicação da teoria do Heartland por parte dos Estados Unidos têm sido empregadas com muita regularidade em muitos locais como já referimos, na maioria deles tem sido bem-sucedido. No caso da instalação do sistema antimíssil na Polónia, foi sem sucesso pelo facto de a Rússia se sentir ameaçada e solicitar a desativação da mesma para a continuidade de qualquer negociação possível tanto com os Estados Unidos da América quanto com a União Europeia.

Uma questão poderá surgir aos leitores com esta parte do estudo. O que há de comum no conflitos russo-georgiano com a teoria de Mackinder, e os misseis balístico na Polónia se os americanos não tinham intenção de instalar projeto idêntico na Geórgia? Constatamos

¹⁷ FRIEDMAN, George - **A próxima Década**. Lisboa: Dom Quixote: 2013. p. 172

que até 2008 o processo de adesão da Geórgia à NATO, corria extremamente bem, ora uma aproximação da Geórgia a Organização do Atlântico Norte, era ao mesmo tempo uma aproximação ao Estado Unidos porque conhecemos grandemente a carácter da Organização. Entendemos que as estratégias ou formas de atuação para os dois países eram diferentes, mas para os russos a visão e finalidade eram as mesmas, os Estados Unidos da América estavam posicionando-se estrategicamente mais próximos da Rússia e isso incomoda os russos e qualquer estado soberano. O comentário no livro "A little war that shook the world: Georgia, Russia, and the future of the west", de Ronald Asmus, debruça-se da seguinte maneira:

*"A guerra foi uma punição de Moscovo aos anseios de libertação da Geórgia rumo ao ocidente, cabendo à NATO uma particular cobertura a este tipo de reivindicações, em função de uma agenda considerada imparável de alargamento às democracias pós-soviéticas. Além disso, Asmus olha para o precedente ocidental que avalizou a independência do Kosovo como um erro aproveitado por Moscovo. Estes argumentos, contudo, merecem alguns reparos. Começando pelo fim, a comparação entre Kosovo, Abekásia e Ossétia do Sul não é inteiramente correta. (...) Os restantes argumentos assentam numa lógica de premeditação russa do conflito perante as aspirações da Geórgia à NATO, embora não seja suficientemente sólido nas suas explicações. O seu fervor pelo alargamento contínuo da Aliança Atlântica resvala ainda numa subvalorização da relação com a Rússia quando esta se impõe por um conjunto de dilemas de segurança comuns com os Estado Unidos e restantes aliados europeus."*¹⁸

2.2 - A TEORIA RIMLAND NO CONFLITO RUSSO - GEORGIANO

A abordagem as teorias de Heartland e Rimland nos servem para explicar o carácter dos Estados Unidos da América e a posição da Rússia que como também potência mundial e conhecedor da política do seu adversário tem-se defendido e principalmente para ajudar a compreender melhor o conflito russo-georgiano. Parece necessário fazer uma pequena incursão histórica e explicar a teoria e a origem dela.

¹⁸ ASMUS, Ronald D. - **About the little war that shook the world**. Nova York: Palgrave Mcmillan. 2010. p. 254

“Foi com base na teoria do Heartland que o estrategista americano Nicholas J. Spykman (1893-1943) desenvolveu a teoria do Rimland, também denominada de Estratégia da Contenção, que serviu de base para o desenvolvimento da doutrina de segurança dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial.

Nicholas J. Spykman era um ferrenho defensor de uma política intervencionista norte-americana tanto na Europa quanto na Ásia. Contrariando os argumentos dos estrategistas que defendiam a hegemonia dos Estados Unidos apenas no âmbito do continente americano e o isolacionismo em relação ao equilíbrio de poder na Europa e na Ásia, Spykman dizia claramente que a América seria vulnerável às invasões provenientes tanto do Hemisfério Ocidental (Europa) quanto do Hemisfério Oriental (Ásia). Na avaliação de Spykman, embora os Estados Unidos gozassem de uma posição geográfica privilegiada - com dois oceanos, que o separam dos continentes asiático e europeu - e de uma posição estratégica favorável no continente americano - enquanto poder hegemônico, a tridimensionalidade dos conflitos armados (devido ao desenvolvimento dos poderes terrestre, naval e aéreo) ameaçaria inevitavelmente a segurança da nação.

Conforme argumentou Spykman, o imperativo estratégico americano deveria ser voltado para uma política externa intervencionista. A macro estratégia americana seria baseada na teoria do Rimland, ou poder periférico, tendo como resultado o desenvolvimento do poder aéreo naval e a supremacia nos mares e oceanos.

Levando-se em consideração o princípio de que as condições geográficas de um país determinam sua estratégia de segurança, era indispensável à segurança dos Estados Unidos ultrapassar os limites de suas fronteiras geográficas.

Essa macro estratégia teria como consequência a criação de várias linhas de defesa, baseadas em bases navais situadas no Hemisfério Norte, região do globo terrestre que concentra os principais centros do poder mundial.

A primeira linha de defesa, contudo, deveria estar situada na orla eurasiática, ou seja, em países fronteiriços com o Heartland. Desse modo, pretendia-se conter a expansão soviética para a periferia do continente eurasiático.

O controle político e militar do Heartland, por parte da União Soviética, representaria o domínio dos recursos demográficos e naturais da eurásia e, por conseguinte, a chance de controlar o mundo. Conclui-se, portanto, que a política intervencionista que os Estados Unidos deveriam pôr em prática seria concebida como uma defesa de sua soberania e de sua segurança estratégica. O que, efetivamente, os Estados Unidos fizeram e continuam a fazer”.¹⁹

Os estrategistas americanos não vão desistir de continuar investindo no desenvolvimento das teorias e aplicá-las para o alcance dos objetivos americanos a volta do mundo. No caso da presença americana na Geórgia, não é que a estratégia norte-americana foi a

¹⁹ CAICAN, Renato - **Geopolítica: Teorias do Heartland e do Rimland**. [Consult. 22 Nov. 2013]. Disponível em: WWW:<URL:http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland-e-do-rimland.htm>, p. 2

causadora do conflito, mas que a presença americana na região e concretamente na Geórgia, precipitou o surgimento das tensões e a posterior o conflito.

Depois da segunda Guerra Mundial, esta estratégia americana, motivada pela teoria de Spykman na Euroásia, tem sido bem-sucedida, de notar que a presença americana foi se efetivando na região após o derrube das Repúblicas Socialistas, com o investimento financeiro através do uso das agências financeiras internacionais como o Banco Mundial e o FMI por exemplo.

A Euroásia é uma zona vital, os russos querem manter a influência na região e aumentá-la no máximo. Os Estados Unidos da América têm-se posicionado com algumas cautelas nos últimos anos, mas é um objetivo cada vez mais crescente e que se tem acentuado desde o fim da segunda guerra mundial. Potências emergentes como a China e a Turquia com a herança do antigo império turco têm-se posicionado de formas a manter suas forças em ativo e fortificar influência.

O conflito russo-georgiano é mais um episódio a parte que demonstra que o poder pela conquista do rimland está cada vez mais patente e que as potências mundiais não vão medir esforços para influenciar em larga escala nesta terra que é abundantemente rica em recursos naturais e de posição extremamente importante para os mais variados objetivos geopolíticos e geoestratégicos tanto para a Rússia quanto para Estados Unidos da América, China, Turquia e até mesmo para a União Europeia. O Conflito russo-georgiano, o investimento americano para instalação do escudo antimíssil na e na Ucrânia, é uma clara demonstração de que os Estados Unidos da América vão continuar a engendrar projetos para se sustentar geo-estratégicamente como já frisamos acima para concluir citamos o seguinte:

“ Em suma a teoria de Spykman, conhecida como a teoria do Rimland, apontava que o objetivo da política de segurança do Estados Unidos da América deveria ser o controlo da orla do continente da Euroásia nos seguintes pontos: Na Europa Ocidental, na Ásia Oriental e no Oriente Médio

com o objetivo primordial de controlar qualquer poder emergente vindo do Heartland.”²⁰

²⁰ NEVES, André Luís Varela - **O governo de Jorge Bush (2000-2004): Uma análise geopolítica das Guerras no Afeganistão e no Iraque**. Tese de para obtenção do grau de Doutor, USP. São Paulo: 2010. p. 213

CAPÍTULO III - A RÚSSIA

3.1 – A GEOPOLÍTICA DA RÚSSIA SOVIÉTICA

Narrar a História russa é certamente dos maiores desafios deste trabalho científico sendo que uma série de fatores enchem para o entendimento da problemática que tratamos nesta tese, dando uma grandiosíssima contribuição. Desde os primórdios, a nação russa sempre procurou sobrepor-se a outras nações a sua volta e a dada altura conduziu um império que englobou vários países e inclusive a Geórgia. A Enciclopédia do Mundo Contemporâneo traz-nos os principais factos históricos que marcaram a Rússia até a atualidade.

Antes do surgimento dos eslavos na arena histórica, o território europeu da atual Federação russa, Belarus e Ucrânia era habitado por diferentes povos, como os iscitas, tendo sofrido invasões de hunos, tártaro, godos e magiares. As primeiras menções aos eslavos são no século VI da nossa era. Os escritores bizantinos destacaram a presença de numerosos chefes eslavos em diferentes povos: poliano (como centro de Kiev), drevilianos, dregóvichis, meria e outros.

No século IX, formou-se o primeiro estado russo conhecido como a Antiga Rus ou Rus de Kiev. A Rus de Kiev surgiu na luta contra os kuzars do sul e os varegos (escandinavos) do norte. No século IX, a rota comercial entre o Báltico e o Mar Negro, “a rota dos varegos e dos gregos”, pelo rio Dnieper, alcançou importância europeia.

No ano de 882, o Príncipe Oleg de Novgorod conquistou Kiev e transferiu para lá o centro do Estado russo. Em 907, firmou tratados que seriam muito vantajosos para a Rússia. No reinado de Sviatoslav, neto de Oleg, a luta entre Bizâncio e Bulgária intensificou-se. Vladimir, filho e sucessor de Sviatoslav (980-1015), consolidou a organização política dinástica e territorial do Estado russo. Para superar o isolamento da Rússia pagã perante a Europa monoteísta, Vladimir fez do cristianismo religião do Estado em 988, adotando o elaborado rito bizantino.

No fim do reino de Vladimir, fortes tendências separatistas se manifestaram-se no principado de Novgorod. Para consolidar seu poder, Sviatopolk, sucessor de Vladimir, matou três dos seus irmãos, Boris Geb e Sviatoslav mas Yaroslav o quarto irmão, príncipe de Novgorod, derrotou Sviatopolk e assumiu o poder supremo em Kiev, garantindo vários

benefícios para Novgorod. Após sua morte, formaram-se a república de Novgorod, os principados de Vladimir-Suzdal, Galich-Volin e outros. Em 1147, Moscovo foi mencionada nas crônicas históricas pela primeira vez.

Em 1237, as tropas do khan tártaro batu, neto de Gêngis-kan, invadiram os principados de Riazan e Vladimir, tomando Moscovo e outras cidades russas. Em 1239 e 1240, continuou a conquista de outros principados russos, iniciando-se um período de dois séculos e meio do domínio tártaro. Além dos mongóis a leste, os teutônicos e suecos representavam um perigo adicional a oeste. Em 1242, o príncipe Alexandre de Novgorod derrotou os teutônicos na famosa batalha de sobre o gelo do lago Chudskoye, perto do rio Neva, ganhando com isso o título de príncipe de Nesvsk.

Os mongóis (Horda de Ouro) governavam através de príncipes chefes locais ou dos chefes turcos e mercadores islâmicos a quem conferiam autoridade (valik) para governar. No começo do século XIV. Tver, Moscovo, Riazan e Novgorod eram os principados mais importantes. Dimitri, grande príncipe de Moscovo começou a reunir forças para expulsar os tártaros, mas teve de enfrentar a oposição dos príncipes de Tver, Nizhni-Vovgorod e Riazan. Em 1378, o kam Mamai realizou uma expedição punitiva de conquista contra a Rússia, mas foi derrotado.

Em 1380, Dimitri derrotou Mamai na batalha de Kukilov, perto do rio Don, marcando o início da libertação russa do domínio tártaro. A luta pela libertação estendeu-se por um século e terminou vitoriosamente em 1480, quando Ajmat, o último kam da Orda de Ouro, recusou-se a travar batalha contra as tropas do príncipe Ivan III, junto do Rio Ugra. Ivan concluiu o processo de unificação das terras russas sob a órbita de Moscovo.

Em 1547, Ivan IV, o terrível, subiu ao trono. Em 1552, tomou Kanzas e anexou o território do curso médio do Volga, povoado por tártaros, chuvasques, maris, morduinós e edmurts. Em 1556, ocupou Astracã, enquanto o oeste continuava a guerrear contra o Estado polaco-lituano na tentativa de ganhar uma saída para o Mar Báltico. Estabeleceu-se então o regime servil com os camponeses perdendo o direito de partir sem a permissão do Senhor. Ivan IV estabeleceu o seu poder absoluto eliminando vários clãs boiardos da alta nobreza.

Com a morte de Ivan IV, em 1584, sucedeu-se seu filho Fiodor, pusilânime e abúlico, e o poder foi de facto assumido pelo boiardo Boris Gudov. Em 1591, o Príncipe Dimitri morreu em circunstâncias misteriosas, único herdeiro legítimo do trono (Fiodor não tinha filhos). Gudurov empreendeu uma guerra contra a Suécia firmando aliança com a Geórgia que ficou sobre protetorado russo. A Rússia anexou o protetorado da Sibéria. Com a morte de Fiodor, em 1598, foi interrompida a dinastia reinante. O conselho dos territórios (Zemskisobor) elegeu Boris Gudonov czar. Os clãs boiardos de linhagem mais elevada consideravam-se mais dignos de ocupar o trono iniciando-se assim a chamada Épocas das revoltas na Rússia.

Em 1601 e 1602, no território da Ucrânia (pertencente a Polónia), um impostor como sendo o Príncipe Dimitri, reivindicando ter escapado de um atentado urdido por Boris Godunov. Reuniu-se um exército e dirigiu-se para Moscovo onde conseguiu finalmente amotinar os habitantes a cidade e ocupar o trono.

Em 1606, os boiardos mataram o falso Dimitri, apoiado pelos poloneses, lituanos e suecos. As tropas polonesas ocuparam Moscovo apoiados pelos boiardos traidores. Um amplo movimento popular expulsou os polacos de Moscovo. Em 1613, o Conselho dos Territórios elegeu um novo czar, Mikhail Romanov. Entre 1654 e 1667, sob o czar Alex, a Rússia fez guerra contra os Reinos da Suécia e da Polónia, em sua caminhada para anexar a Ucrânia Oriental.

Sobre os Romanov, o estado russo tornou-se uma monarquia absoluta, administrada sob uma eficiente burocracia e uma oligarquia dos nobres, mercadores e bispos integrados na estrutura estatal. O patriarca Nikon realizou a reforma da igreja, confrontando os livros santos em cirílico com os originais gregos. Parte do clero tradicionalista (os velhos crentes) não concordou e seu porta-voz, o arcebispo Habacuc, foi condenado à fogueira dando origem a uma grande dissensão na igreja russa.

No século XVII, a economia cresceu rapidamente não só pela expansão territorial, mas também devido ao comércio de produtos florestais e semielaborados com a Inglaterra e a Holanda, bem como pela exploração dos recursos naturais da Sibéria.

“Em 1694, após a ascensão de Pedro I, o reino moscovita passou a chamar-se Império Russo. Pedro se voltou-se para o ocidente, interessado em absorver os seus progressos científicos e técnicos, em

especial para desenvolver a Marinha russa. Aliada com a Dinamarca e a Polónia, a Rússia interveio, com êxito na Grande Guerra nórdica contra a Suécia (1700-1721).²¹

Durante o período de 1730 à 1796 a Rússia passou por uma fase de modernização onde os governantes que sucederam a Pedro O Grande continuaram a sua estratégia de ocidentalização e expansão, transformando a Rússia numa forte potência europeia.

Todas estas fases vividas pela Rússia foram marcadas por constantes guerras, principalmente com países vizinhos. Na busca por expansão territorial e outras zonas de influência. Os czares e toda a classe alta russa viviam no mais alto nível de vida enquanto o povo na mais extrema pobreza, com fome, frio e impostos altíssimos. Para fundamentar esta afirmação, atente ao comentário dos historiadores brasileiros, Nicolina de Petta e Eduardo Baez Ojeda, na obra intitulada “Historia, uma abordagem integrada”.

²¹ *Enciclopédia do mundo contemporâneo* – Publifolha. Lisboa: 2000, p. 511.

Em 1703, Pedro fundou São Petersburgo, para onde transferiu a capital imperial. Pedro organizou o governo sobre a base de um conjunto de regulamentos estritos. Para a maioria da população, o reinado de Pedro foi muito opressivo e distante, com uma rígida estrutura normativa que o transformava praticamente num regime de castas. Entre os órgãos de controlo, Pedro montou uma rede de espionagem na administração. O aparato policial passou a ser essencial para garantir a viabilidade do sistema autocrático. Ele esmagou implacavelmente a conspiração dos boiardos conservadores de Moscovo e mandou torturar e executar seu filho Alexei, aliado dos boiardos.

Em 1721, com o tratado de Nystad, a Rússia obteve o controlo da Finlândia e das províncias da costa leste do Mar Báltico. Depois de vencer a guerra contra a Pérsia, Pedro estendeu as fronteiras do sul até ao Mar Cáspio. A expansão territorial, económica e territorial desta época fez da Rússia uma das maiores potências constituídas por um mosaico de etnias e culturas dificilmente assimiláveis e uma mesma unidade.

A morte inesperada de Pedro I em 1725, abriu um período de instabilidade, até a ascensão de Catarina II, em 1762, quando a Guarda do Império destronou seu marido. Por meios militares e diplomáticos, a expansão imperial continuou com a ocupação de Belarus e da parte da Ucrânia situada a leste do Dnieper, a partilha da Polónia entre a Rússia e a Prússia, a anexação da Lituânia e da Crimeia, o controle da costa norte do Mar Negro, a penetração das estepes além dos Urais e a Lago da costa do Mar Cáspio e uma influência cada vez mais forte sobre os Balcãs.

Alexandre buscou a paz, mas Napoleão declarou Guerra em 1805, vencendo-o em Austerlitz. Em 1812, as tropas de Napoleão invadiram a Rússia. A guerra pátria, em que os guerrilheiros camponeses também combateram, terminou com a vitória do Império russo comandado pelo general Kutuzov. A vitória transformou a Rússia numa potência do continente.”

“Em pleno séc. XX, os russos ainda viviam em um estado despótico, governado por um rei (Czar) que conduzia os assuntos públicos de acordo com sua vontade, sem procurar atender as necessidades básicas da população. O governo czarista era ditatorial: Não havia garantias de liberdades individuais; a censura fiscalizava a imprensa e a produção intelectual artística; o ensino era controlado e constituía-se um privilégio da classe abastada. Havia um culto oficial á figura do Czar, que era chamado de “paizinho” e anunciado como representante de Deus na terra; suas acções, portanto, não podiam ser questionadas. Pelo que se conhece da vida dos últimos membros da família real russa, eles, de facto, viviam um delírio de poder, totalmente alheios Estado em que se encontrava a maior parte da população russa. O czarismo caiu porque estava matando o povo russo de fome e frio ou nos campos de batalha das muitas guerras travadas em nome do Czar” ²².

Toda a política implementada na Rússia por suas lideranças levaram-na a uma situação irreversível que foi a Revolução. Naquela altura, um bom número de países tal como a França e a Inglaterra já estavam em um acelerado estágio de desenvolvimento, facto este que encorajou os russos a ansiarem por mudanças radicais a nível da estrutura política do país. A monarquia russa durante muito tempo, teve características muito radicais e por isso as alternâncias não sucessivas, mas por golpes e traições e o controlo do estado russo por parte dos monarcas excessivamente radicais nos atos de governação. Obviamente os governos tinham muito pouco recurso intelectual e económico para o desenvolvimento, sendo que na mesma altura nações como a Inglaterra e a França já estavam num estado de desenvolvimento muito acima da média que havia na altura.

Em 1917, na sequência da revolução russa é introduzido pela primeira vez em todo o mundo um regime de aspeto marxista (socialista revolucionária) tendente ao estabelecimento de um Estado comunista. Durante mais de 80 anos, a Rússia esteve submetida a esse regime que erradicou o capitalismo e repartiu o antigo império russo em Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a partir de 1922. A Rússia tornou-se então numa destas Repúblicas, detendo uma posição hegemónica em função da sua história e

²² PETTA, Nicolina Luiza; OJEDA, Eduardo Aparicio Boaz - **História uma abordagem integrada**. São Paulo: Editora Moderna, 2000, p. 199

língua, o russo que era oficial em toda a União e Moscovo que era a capital da mesma. Vladimir Ilitch Lênin torna-se o primeiro líder comunista da URSS que englobou um conjunto de 15 estados, formando assim um país de esfera continental.

Angola aderiu a ideologia socialista logo após sua independência em 1975. Ideologia esta que deixou de ser implementada com o fim da União Soviética em 1991. Com o fim do Estado Soviético, a Rússia passou a praticar uma economia de mercado que se mostrou desastrosa para a maior parte da população.

A liberdade económica tem provocado reflexos aos quais os russos não estavam habituados; inflação, desemprego, recessão. Alguns sectores da vida económica passaram a ser controlados por uma máfia que abusa dos preços e resolve suas divergências matando seus concorrentes. Para evitar uma crise social mais grave, que levasse os países a ondas revolucionárias, as nações mais ricas têm socorrido financeiramente a Rússia. Mas mesmo com a ajuda, a população russa vem pagando um alto preço pela transição do socialismo para o capitalismo.

No ponto de vista geográfico, a Rússia é uma nação transcontinental cujo território ocupa uma vasta região da Ásia e da Europa, esta região é também rotulada por muitos geógrafos como Euroásia. É o maior país do mundo em termos de extensão, com uma superfície terrestre de cerca de 17.075.400 de quilómetros quadrados, possui a oitava parte das terras firmes do planeta. A República semipresidencialista da Rússia, possui 83 estados, e uma população estimada em 142.000.000 de habitantes, possuindo assim uma baixa densidade populacional de acordo com o espaço territorial que possui. Se estende por todo o norte da Ásia e por cerca de quarenta por cento da Europa. Sendo um país transcontinental, atravessa onze zonas horárias mostrando uma grande variável de paisagens e relevos.

O país tem as maiores reservas em recursos minerais e energéticos do mundo, apesar de não exportar maior parte deles, é considerada maior potência energética do mundo. Possui uma grande reserva florestal e a quarta parte de água doce não congelada do mundo.

A Rússia é, junto da China o país que mais se limita com outros países, sendo catorze no total. Tem fronteira comum com os seguintes países: Noruega, Finlândia, Estónia, Bielorrússia, Lituânia, Polónia, Ucrânia, Geórgia e Azerbaijão, todas elas no noroeste. Incluindo o Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Além disso, possui fronteira

com o Japão e os Estados Unidos da América. Suas costas são banhadas pelos oceanos Pacífico e Ártico e pelos mares Báltico, Negro e Cáspio.

O seguimento do processo geopolítico russo consubstanciou-se em fundamentar as bases do socialismo em seu país. Este processo foi implementado à constituição de 1918 e com a constituição propriamente socialista em 1922, esta que 1940 compôs o país em 15 Repúblicas soviéticas, com o total de 22,4 milhões de quilómetros quadrados.

A implantação do socialismo no maior país da Europa, a Rússia, foi um dos maiores factos geopolíticos da Europa. Fundamentou-se nas ideias sistematizadas de Karl Marx, filósofo alemão do séc. XIX. Estas ideias firmaram-se em contrariedade às ideias liberais capitalistas que nortearam a revolução industrial baseadas nas teorias de Adam Smith (1723-1790).

3.3 - O FIM DO BLOCO SOCIALISTA

O fim do bloco socialista motivado principalmente pelo fim da União Soviética em 1991, por Mikhail Gorbachov, então presidente russo, veio finalizar também a bipolaridade do mundo engendrado pela União Soviética e os Estados Unidos da América, abrindo vazão a uma nova ordem mundial, o unipolarismo pelos Estados Unidos da América, até 2008 data em que alguns analistas apontam como fim do unipolarismo americano e a reafirmação da Rússia como potencia ao posicionar-se contra a independência do Kosovo e a intervenção armada á Geórgia, assunto este que é nosso objeto de estudo e as suas implicações nas Relações Internacionais.

Passaremos resumidamente a citar alguns fatores que foram determinantes para a quebra ou o derrube do bloco socialista que era liderado pela Rússia. O historiador Rubeiro Paulino Rodrigues, pesquisador da USP, faz um interessante resumo do fim do bloco explicando alguns fatores que estiveram na base para o queda do sistema, dentre os quais:

- O atraso material técnico e cultural da velha Rússia e demais nacionalidades da URSS;
- O isolamento e o reformismo político do ocidente; as agressões militares e o fardo dos gastos com a defesa;
- A natureza ditatorial do regime político no centro da explicação do destino final da URSS;

- O esgotamento do modelo extensivo do crescimento, a perda da corrida tecnológica e a desaceleração econômica;
- As grandes transformações sociais, culturais e comportamentais ocorridas no mundo e também dentro da URSS, a revolução da informação e as mobilizações democráticas em todo o leste europeu erodiram por baixo o sistema soviético;
- A Perestroika, as mobilizações nacionalistas e a ofensiva restauracionista selaram a desagregação da URSS;

Nas razões descritas pelo historiador decidiu-se analisar três que achamos muito importantes e que mais impacto causaram para o derrube do sistema socialista e que interessante partilhar para uma melhor compreensão do subtema e do tema em geral que nos propusemos investigar nesta tese de dissertação. Lembrando que para a intervenção militar russa acreditamos ser um adas motivações, as feridas mal curadas do desmembramento da Geórgia do bloco comunista, a adesão a democracia e o crescente relacionamento com o rival americano.

“A Rússia do início do século XX, como os demais povos que a ela se somaram quando da constituição da URSS em 1922, não estava pronta e não poderia passar sozinha à instauração do socialismo. Seu Nível de desenvolvimento técnico e cultural estava muito atrasado em relação aos países centrais, de desenvolvimento capitalista mais avançado, a partir dos quais Marx e Engels derivaram sua visão do socialismo e esperavam que se iniciasse seu advento e construção. A revolução russa erradicou o incipiente capitalismo na Rússia e subverteu até mesmo antigas relações sociais sobreviventes de modos de produção pré-capitalistas, criando novas formas jurídicas-políticas de propriedade e tentando estabelecer relações sociais e de produção de novo tipo, diretamente socialista. Entretanto, o programa político socialista, as novas formas de propriedade e as novas relações sociais que se tentou introduzir no estado nascente logo se mostraram em gritante desconformidade com a precária base material e cultural sobre as quais tiveram que ser assentadas. Essa contradição colocou imensas dificuldades e tarefas completamente distintas e inesperadas para os socialistas russos, levando, como se verá, a todo o tipo de deformações do projeto socialista original e a um regime político burocrático e despótico. Ao contrário de um ambiente de considerável riqueza e abundância que Marx e Engels edificavam nos países centrais, que permitiria relações sociais mais igualitárias no terreno da repartição do produto social, o atraso material da Rússia implicava em escassez, pobreza e na continuidade de competição pelos artigos necessários à sobrevivência, impondo, assim, a necessidade e o fortalecimento de uma nova burocracia

*organizada no estado, à qual deveria caber acelerar a industrialização e a modernização do país e administrar a repartição do produto social.*²³

O atraso da URSS, foi dos principais entraves para o verdadeiro posicionamento das Repúblicas soviéticas, obviamente que a estrutura organizativa em alguns sectores administrativo dos países era de nível considerável, mas que não eram o suficiente para fazer face ao completo rumo competitivo das repúblicas capitalistas da altura. Tal como sublinhou Robério Rodrigues, a industrialização atrasada e sem modernização da URSS, dificultava até mesmo a exportação de produtos de qualidade para os estados socialistas ou em estágio socialista naquela altura nos continentes europeus, africanos e sul-americano. Um dos fatos importante foi sem dúvidas a burocratização excessiva do estado que não permitia assim o rápido acesso das invenções tecnológicas para a aplicação na sociedade através do investimento merecido do estado. O atraso técnico bloqueou o avanço significativo a bases estruturantes das repúblicas e o mesmo se refletia inclusive na vida das populações.

Na principal caracterização das relações internacionais que são as relações entre os estados, os avanços dos mesmos nos mais variados aspetos deve se fazer sentir de formas a servir com mola impulsionadora na aplicação da estratégia do mesmo sobre os outros. Desta forma, os avanços a nível tecnológico, de crescimento económico, o desenvolvimento de infraestruturas e outras demais áreas devem ser impulsionadas pelo estado para que sirva os seus próprios interesses.

“O esgotamento do modelo extensivo do crescimento, a perda da corrida tecnologia e a desaceleração económica. Durante a maior parte da sua existência, a economia soviética conseguiu se expandir em um ritmo superior a média dos países capitalistas em base a um modelo extensivo de crescimento, em que contavam mais os grandes volumes de produção, o aspeto quantitativo, e menos a qualidade dos produtos, a renovação tecnológica e a eficiência dos processos. Como havia abundancia de recursos naturais e humanos na URSS, tal padrão de crescimento funcionou bem por muito tempo, mesmo com grandes desperdícios, prejuízos ecológicos e baixa produtividade de trabalho. Com o tempo esses recursos se tornaram, contudo, mais escassos. A continuidade do desenvolvimento de que se pudesse converter todo o mecanismo económico de um padrão extensivo para um novo modelo intensivo em tecnologia, ou seja, da rápida elevação da eficiência do sistema. Porém, o caracter estagnante do sistema político impediu esta reconversão. (...) A baixa eficiência e o reduzido grau de renovação tecnológica de sua industria, cada vez mais obsoleta frente aos padrões mundiais – exatamente

²³ RODRIGUES, Robério Paulino - **O colapso da URSS: Um estudo das causas**. São Paulo: 2006. Dissertação para a obtenção de grau de Doutor, p. 272

quando a fronteira tecnológica no restante do mundo se afastava vertiginosamente para frente -, contribuíram para colocar a URSS em uma rota de desaceleração econômica, que chegou praticamente a estagnação ao final dos anos 70, abrindo uma séria crise que passara a ameaçar a estabilidade do regime político, quitando-lhe autoridade e impondo reformas urgentes.”²⁴

A fraqueza econômica foi um fator fundamental para o derrube do império soviético, conseguimos perceber que durante certa altura o crescimento tecnológico soviético se acompanhado da estrutura governativa com uma burocracia mais limitada, teria sido mais eficaz e também competitiva com as economias ocidentais, sendo que no essencial não faltava capital humano e matéria prima em toda URSS. O fator econômico é hoje nas relações internacionais um preponderante instrumento que impulsiona os estados e por isso é que os mesmos devem impulsionar as indústrias com investimento em tecnologia para que as mesmas não se tornem obsoletas e ultrapassadas. Hoje a maior herdeira do quebrado bloco soviético já tem uma percepção diferente e existe uma ampla estratégia de desenvolver a indústria para impulsionar a economia russa. George Friedman faz uma análise sobre o assunto, concordando com o estudo do historiador Robério Rodrigues em muitos aspetos.

“A estratégia de Putin, de concentração na produção e exportação de energia é uma ferramenta a curto prazo soberba, contudo, funciona apenas para servir de base para a grande expansão econômica. Para realçar este objetivo maior a Rússia tem de lidar com as suas fraquezas estruturais mais subjacentes, contudo estas fraquezas estão enraizadas em problemas geográficos que não podem ser ultrapassado de imediato.

A estrutura doméstica já está a emergir, com a Rússia, a Bielorrússia e o Cazaquistão a chegarem a acordo quanto a uma união econômica, discutindo agora a moeda comum. A Arménia, o Quirguistão e o Tadjiquistão já expressaram interesse em juntar-se e a Rússia já lançou a ideia de a Ucrânia também aderir. Esta é uma relação que vai evoluir para uma união política de algum tipo como a União Europeia, um alinhamento que irá longe na recriação das características centrais da antiga União soviética.”²⁵

É notável que os recursos energéticos hoje tem sido usados com fonte de rendimento para dinamizar a emergente economia russa. É uma estratégia interessante tal como descreveu George Friedman, mas o estado russo não pode se esquecer que este dinamismo tem de ser com alguma urgência e com planos de ação bem elaborados, transparentes e abertos,

²⁴ RODRIGUES, Robério Paulino - **O colapso da URSS: Um estudo das causas**. São Paulo: USP, 2006. Dissertação para a obtenção de grau de Doutor, pp. 277-278.

²⁵ FRIEDMAN, George - **A Próxima década**. Lisboa: Editora Dom Quixote, 2008, pp. 165-166.

porque o mundo tecnológico ocidental está numa velocidade quase que inalcançável, a não ser que se proceda mudanças completamente revolucionárias.

Para terminar a análise da queda do bloco soviético achamos importante salientar que a perestroica, as mobilizações nacionalistas e a ofensiva restauracionista selaram a segregação da URSS.

“A perestroica de Gorbachev, foi uma reação da burocracia soviética ao estado de estagnação da economia e às pressões que vinham de dentro e de fora do país por liberalização política, mas terminou mas, terminou por acelerar ela mesma a de integração da URSS. Era um programa de mudanças preventivas, que pretendiam reformar o sistema de gestão da economia, aparentemente mantendo o seu carácter estatal, renovar tecnologicamente o mecanismo produtivo e ao mesmo tempo promover reformas políticas parciais e controlada, sob direção da PCUS. Como havia uma resistência de parte da nomenklatura, a Glosost foi utilizada como instrumento de luta democrática pelos reformistas para derrotar os conservadores. As reformas liberalizantes abriram, no entanto, uma torrente incontrolável de pressões por maior velocidade na abertura, pois a sociedade logo demonstraria que não aceita limites imprevistos para a democratização, levando a que o PCUS perdesse controlo do processo. No terreno económico, a Perestroica, ao tentar reformar o enferrujado sistema de planeamento e gestão estadual, introduzindo mecanismos de mercado, terminou de desarticulá-lo completamente, gerando queda na produção, inflação, caos e mais escassez, reduzindo, completamente, o apoio inicial às reformas. O caos económico alimentou a confusão política e enfraqueceu a autoridade do partido e do estado, o que por sua vez reduziu a ameaça e o medo para ações reformistas mais audazes.”²⁶

Dos grandes impecílios que travaram o avanço proposto pelo então presidente da URSS Mikhail Gorbachev foi a excessiva burocracia e o conservadorismo existente na altura na república que e impediam qualquer tipo de reformas. O comportamento do estado russo, digamos do sistema administrativo, a indústria, os condutores económico e muito mais era perceptível pelo facto de não estarem habituados aos exercícios reformistas que os estados ocidentais normalmente estavam acostumados a passar. As reestruturações económicas num estado devem obedecer a esquemas bem estruturados e que devem ser gradativamente aplicados de formas a que paulatinamente cada sector da sociedade absorva e passe a criar assim os resultados desejados.

“No momento crucial em que Gorbachev abriu as janelas da Rússia ao mundo em finais dos anos 1980, a Rússia não tinha uma oposição que apresentasse uma alternativa credível ao sistema nem indivíduos pragmáticos dentro da

²⁶ RODRIGUES, Robério Paulino - **O colapso da URSS: Um estudo das causas**. São Paulo: USP, 2006. Dissertação para a obtenção de grau de Doutor, p. 283

equipa de governação capazes atuar numa atmosfera politicamente competitiva. Não menos influente é o facto de a Rússia ter estado alheada do período da história europeia em que o espírito constitucionalista floresceu [...] Sem essa base a sociedade russa não podia avançar nos próximos estádios da transformação,” a hora do economista” e a “ hora do cidadão.”
27

Ainda sobre a Perestroica e o processo de desmembramento da URSS, Lilia Shevtsova considera que:

*“(…)Política porque o incremento da “Perestroica” e a “Glasnost” desestabiliza do poder soviético e atesta a sua capacidade de se reformar sem mudar radicalmente o sistema. O Presidente Mikhael Gorbachev enfrentava dificuldades para implementar as reformas face ao conservadorismo existente, vendo-se obrigado a abandonar o cargo. Então, mais do que nunca, como causa e consequência do fim do comunismo, o desmembramento da URSS acelera-se. Uma a uma, cada república soviética proclama a sua soberania. Por isso a grande modificação do sistema internacional começou com a desconstrução do socialismo que culminou com um fenómeno de uma excecional amplitude: o brutal desaparecimento da URSS.”*²⁸

3.4 - A NOVA LIDERANÇA RUSSA

Depois de todo o processo se derrube do sistema soviético, e o conseqüente período da Guerra Fria, o mundo passou a um desequilíbrio e sobre um nova ordem mundial onde o multilateralismo era liderado pelos Estados Unidos da América. A liderança soviética sempre apostou em ser estabelecida de uma maneira a efetuar políticas para de várias formas e principalmente militarmente criar o máximo de dificuldade a os grandes opositores americano. Consideramos que depois da queda do sistema, a liderança de Boris Yeltsin de 1991 a 1999 dois outros autores têm criado políticas que ainda prometem

²⁷ SHEVTSOVA, Lilia - **Post-Comunist Russia: a historic opportunity missed**. Lisboa: In International Affairs. [Consult. 25 Out. 2013]. Disponível em: [<URL:http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1065825##>](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1065825##). 2007, p. 89

²⁸ GOMES, Enrique Manuel Candeia Rosa - **A nova ordem mundial – do fim do mundo bipolar à emergência de novos atores internacionais**. Lisboa: 2009 [Consult. 04 Abr. 2014]. Disponível em: [<URL:https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2053/1/Tese%20de%20Mestrado%20Final.pdf>](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2053/1/Tese%20de%20Mestrado%20Final.pdf). p. 22

alterar a situação russa e criar uma Rússia mais forte, herdeira do Império Soviético e um estado capaz de ditar mais energicamente os maiores *dossiers* mundiais, contrabalançando o poder americano.

Nuna Mazzarati e Franklin Serrano nos ajudam a compreender melhor sobre estes atores da liderança russa:

“A chegada de Vladimir Putin à Presidência interina da Rússia em 31 de Dezembro de 1999, confirmada com a sua eleição como presidente em 26 de Março de 2000, marcou, então o início da recuperação geopolítica da Rússia, cuja posição tinha sido enfraquecida durante a década de 1990. A presidência de Medvedev, iniciada em 2008, não representou nenhuma mudança em termos de opção geopolítica na medida em que Medvedev, mais do que um aliado fiel, é um seguidor de Putin. Apesar dos recorrentes boatos sem fundamento sobre eventuais divergências entre os dois, na prática os factos concretos entre os dois são que: 1) Medvedev indicou Putin para Primeiro-Ministro assim que assumiu; 2) mais recentemente, indicou Putin para candidato a eleição em 2012; e 3) Putin então indicou Medvedev para ser o seu Primeiro-Ministro.

Além disso, o que é mais importante é que Putin (ou Putin-Medvedev) representa (m) a ascensão ao poder de uma ampla e sólida coalizão de interesses económicos e políticos quanto a necessidade de se recompor as bases mínimas de operação de um Estado capitalista moderno que superasse a fase selvagem e predadora da “acumulação primitiva” na Federação Russa. A nova estratégia de afirmação geopolítica, segundo as explicações “psicologizantes” presente em boa parte da literatura ocidental sobre o tema, seria resultado de um suposto “revanchismo” russo, alimentado pelas múltiplas humilhações enfrentadas pela Rússia durante os anos 90.”²⁹

Tal como podemos observar nesta pesquisa, o enfraquecimento no sector económico foi fundamental para que o bloco se derrubasse. Hoje a liderança russa deve compreender que os vários ajustamentos que iniciaram com Mikhael Gorbatchev devem continuar a ser efetuados e transformar a economia russa em uma alavanca de desenvolvimento cada vez mais competitiva no mercado e capaz de dar resposta aos anseios internos e externos.

“Quando Putin chegou ao governo, iniciou-se uma nova fase no desenvolvimento das relações entre a Rússia e o ocidente. O presidente declarou imediatamente novos princípios para a política externa que, afirmou ele, deve assentar no reconhecimento de novas realidades, no pragmatismo, na escolha certa das prioridades e do uso dos recursos económicos que não vão durar para sempre. Esta afirmação política de Putin, que foi publicada no

²⁹ MAZARATI, Numa; SERRANO, Franklin - **A geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da comparação ao conflito**. Aikos. 2011. [Consult. a 23/03/13]. Rio de Janeiro. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.revistaoikos.org/seer/index.php/oikos/article/view/293/165>>, p. 17

*fim de 1999, tornou claro que presidente via a Rússia como parte das nações democráticas. Ao referir o sucesso do desenvolvimento económico dos países ocidentais, Putin afirmou que «há quase sete décadas que a Rússia segue um caminho sem saída, que fica longe da grande estrada da civilização».*³⁰

Tudo foi muito claro de que o governo de Putin estava muito interessado em modificar o paradigma vigente na altura. Para isso era necessário um reenquadramento da nação russa no quadro internacional e isso passava por intensificar o fator económico para tornar o estado mais competitivo.

Na nossa análise, o pragmatismo russo depois da chegada de Putin ao poder foi crucial para o momento, contando que dos grandes problemas da economia russa tem sido a falta de coerência empresarial e uma fortíssima dependência do estado.

Maria Freire contribui com um estudo importante sobre a liderança russa e traz alguns números que nos permitem tecer alguma ideia comparativa e analítica quanto a atual posição económica da Rússia.

“A eleição de Dimitry Medvedev como presidente da Rússia a 2 de Março de 2008, apesar de implicar continuidade, trouxe uma nova abordagem aos temas económicos. Uma mudança muito necessária expressa numa política de diversificação de investimentos, e no desenvolvimento de outras áreas setoriais (não-energéticas) de forma a ultrapassa problemas económicos estruturais que resultam de uma excessiva concentração de recursos energéticos, apesar dos interesses explícitos particularmente das elites económicas não necessariamente concordando com esta abordagem. A demasiada dependência num setor económico tornou a economia russa extremamente vulnerável com ajustamentos necessário para evitar flutuações inesperadas nos preços do petróleo e do gás natural como acontece na altura da crise financeira de 2008 que atingiu fortemente económico e financeiro, com consequências diretas na economia russa. Atualmente, a Rússia regressou a um nível de crescimento do seu PIB, registando 4.3% em 2010 e 2011, estando a recuperar a quebra de -7.8% registada em 2009 (WEO-2012). Contudo, esta recuperação mantém-se ainda assente e muito dependente do

³⁰ GULBENKIAN, Fundação Calouste – **Relações Transatlânticas – Europa – EUA**. 1ª Edição. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 172

preço do petróleo nos mercados internacionais, prevendo-se no entanto que apesar de um ligeiro abrandamento e crescimento se mantenha na casa dos 4% para 2012 (3.9% para 2013) (World Economic Outlook).”³¹

É gritante a aplicação que governação russa tem procurado implementar de formas a maximizar a sua economia, mas tem grandes desafios por ultrapassar como por exemplo fazer com que a mesma não seja tão dependente das altas do petróleo e do gás no mercado internacional, porque estas mesmas variações podem causar uma balança inclinada ao negativo e dificultar o alcance que a Rússia pode ter ao se tronar uma economia forte e competitiva no cenário europeu e mundial.

“Os dirigentes russos, na década passada decidiram concentrar seus esforços na conquista de um domínio geopolítico sobre a área da ex-União Soviética. Eles pretendem obter que seja respeitada a “linha vermelha” que corresponde às antigas fronteiras da União Soviética, os países Bálticos representando uma exceção a esse princípio. Para evitar o risco de dispersão de recursos e propriedades, as últimas bases militares extra-regionais, remanescentes do período soviético foram fechadas.”³²

A atual governação russa deve também no campo político se preocupar em fortalecer as relações com os seus parceiros na região e criar fatores que vão tornar a região numa zona de exclusiva influência da Rússia e estes fatores não devem ser os mais habitualmente

³¹ FREIRE, Maria Raquel - **Repensar Política externa: uma perspetiva positiva. O caso da Federação Russa.** IPRI. [Consult. 14 Fev. 2012]. Lisboa Disponível em: <URL:http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005>, p. 22.

³² MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin - **A Geopolítica das relações entre a Federação Russa e os EUA: da cooperação ao conflito.** [Consult. 01 Julh 2013]. Disponível em: <URL: http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/Seminarios/geopolitica_russia_Fraklin_Serrano_Numa_Mazat.pdf>. p. 14

Mas a maior preocupação dos russos em termos de segurança provem da OTAN no ex-bloco soviético. Assim, a Rússia se opôs vigorosamente em 2007 ao projeto de escudo antimíssil que os norte-americanos queriam instalar na Europa central (Polónia, República Checa), por meio da OTAN. Esse escudo antimíssil deveria supostamente proteger os membros europeus da OTAN contra a ameaça iraniana. Os EUA continuam afirmando que o Irão estaria desenvolvendo um programa nuclear avançado incluindo lançadores de mísseis de longo alcance, o que representaria um risco global. O Presidente Putin não foi convencido por estes argumentos e afirmou que isto constituía uma verdadeira provocação, intolerável para a Rússia. Disse que a política americana na Europa, e especificamente as suas propostas sobre instalação de mísseis, é semelhante a da crise dos mísseis de Cuba. “Está a ser uma ameaça as nossas fronteiras”. Tendo feito a analogia disse que não havia agora uma crise semelhante, devido à mudança de relações da Rússia com a União Europeia e os Estados Unidos

usados, como o abastecimento de energia por exemplo, mas explorar em si novas formas de dinamizar relações com seus parceiros.

A liderança russa não deve ainda continuar a estabelecer boas relações com a União Europeia, neste momento a União precisa mais da Rússia do que o contrario, sendo que tem muito a ganhar também se continuar estabelecendo relações privilegiadas com a Alemanha. A Alemanha tem o que a Rússia perdeu há muito tempo e precisa recuperar com urgência que é a tecnologia e o desenvolvimento económico. A Alemanha tem como colaborar com a Rússia de formas a mais rapidamente este objetivo ser alcançado.

CAPÍTULO IV - A GEÓRGIA

4.1 - A GEOPOLITICA GEORGIANA

A Geórgia é um pequeno país da região do Cáucaso, e integrava a ex-República Socialista Soviética, mas que não tem tido muitos sucessos políticos e económicos como alguns outros da região que também pertenceram ao antigo bloco comunista, muito devido a falta de recursos do país e também muito por causa das más relações que tem tido como gigante da região, a Rússia. Passamos no próximo capítulo a fazer uma demonstração do que é a história da Geórgia, de forma a facilitar a compreensão do estudo em causa, sendo um factor de enorme importância também a geopolítica da Geórgia.

A Geórgia feudal prosperou nos séculos XI e XII, sob o reinado de David, o Construtor (1089-1125), e da rainha Tamara (1184-1213).

“Nos séculos XIII e XIV, a Geórgia foi invadida e devastada pelos tártaros e por Timur Lenk (Turmilão). No século XV, o reino desintegrou-se em pequenos feudos. Do século XVI e XVIII, foi objeto de disputa entre a Turquia e o Irão. Na segunda metade do século XVIII, a Geórgia começou a entrar na esfera de influência da Rússia.

Pelo tratado de Georguievsk (1783) a Rússia estabeleceu seu protetorado sobre a Geórgia oriental. Em 1801, a Geórgia oriental foi anexa ao Império russo. Na segunda metade do século XIX, a Geórgia ocidental (Tiflis e Kutaisi) teve a mesma sorte. As províncias georgianas foram incorporadas à Transcaucásia, onde o governo era exercido por um vice-rei designado por Czar.

A anexação á Rússia trouxe uma serie de consequência negativas para a vida dos georgianos. A língua autóctone foi eliminada dos documentos administrativos, proibida na literatura e nas escolas, para ser substituída pelo russo. A igreja de São Jorge foi desmembrada, seus patriarcas deportados e substituídos por bispos russos ortodoxos. Paralelamente, o czarismo promoveu o assentamento de colonos russo em todas as cidades da Geórgia. Isso explica a força do movimento revolucionário na Geórgia, com tendências nacionalistas, populistas e social-democratas marxistas, onde Iosif Dzhugasshivili conhecido desde então pelo pseudónimo de Stalin, iniciou sua carreira política. Após as frequentes rebeliões desse período, os georgianos desempenharam um papel importante na revolução que sacudiu o Império em 1905.

Ao estoirar a primeira guerra mundial, os combates entre a Rússia e a Turquia se desenvolveram no Cáucaso. Os georgianos formaram uma legião para combater ao lado dos turcos. Em Fevereiro de 1917, durante a nova onda de rebeldia, gerada pela política de guerra e pela fome, os povos do Cáucaso derrubaram o regime czarista.³³

³³ MILENIO, Editora Terceiro - **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo** – Terceiro Mundo. São Paulo: 2000. p. 291 Em 1953, Moscovo designou Eduard Shevardnadze para chefiar a Policia de Tbilissi, um

Uma das questões inerentes a este estudo é a intrínseca ligação dos dois estados. Na narração descritiva da Enciclopédia Mundo contemporâneo, nota-se que a ligação entre os dois estados já se articula desde a segunda metade do séc. XIX. De certa maneira e até mesmo se quisermos arriscar, de uma maneira efetiva, o domínio russo à Geórgia acentua-se desde a um tempo considerável.

Em 1978, a nova constituição da URSS, que impunha o russo como língua oficial, reavivou o protesto, mas Shevardnadze conseguiu que a medida fosse abolida. Ao mesmo tempo, autorizou a exibição de um filme anti-stalinista, que marcou o princípio dos movimentos “*perestroika e glasnost*” (ação governativa aplicada na União Soviética em 1984 pelo presidente Mikhail Gorbatchev, cujo objetivo era produzir mudanças na economia e na sociedade. As palavras em russo querem dizer reconstrução e transparência).

Shevardnadze permaneceu à frente do Partido Comunista e do governo da Geórgia até 1985, quando foi designado ministro das relações exteriores da URSS. Depois das mudanças introduzidas na cena política soviética pelo presidente Mikhail Gorbatchev, surgiram na Geórgia movimentos e partidos que reivindicavam a independência do país, a qual consideravam perdida desde 1921, com a instalação do poder soviético.

Em Outubro de 1990, ocorreram as eleições para o soviete (parlamento) da RSS da Geórgia. A vitória coube ao bloco de partidos Mesa Redonda-Geórgia Livre. Zviad Gamsajurdia, opositor político do regime soviético, tornou-se líder do bloco. Por decisão do soviete, a RSS da Geórgia trocou seu nome para República da Geórgia.

Para concluir, gostávamos de afirmar que o Estado georgiano passou por grande parte de toda etapa de sua história principalmente a etapa de 1921-1945, como a fase de firmamento de toda as atividades de firmamento russo sobre o Estado georgiano. Neste período marcado como o grande início da opressão, foi implementada pela Rússia a anexação da Geórgia, a conseqüente abolição dos costumes, cultura própria, a crença religiosa, sendo que cerca de 1500 igrejas foram destruídas em toda a Geórgia, com a grande intenção de tornar o ateísmo como a grande “religião” oficial do Estado. As

georgiano até então dirigente da Juventude Comunista (Konsomol), enquanto Vassili Mizhavanadze era o homem forte da Geórgia. Mizhavanadze foi substituído em

perseguições e detenções fizeram parte do Estado e a flexibilização e desenvolvimento intelectual limitado e com a intenção de abolição total. A língua fora substituída pelo russo. Após a anexação do território por Lênin em 1935, as terras, rodoviários, ferrovias, frotas, bancos, etc., foram todos socializados.

As rebeliões na Geórgia eram facilmente controladas pelo governo russo que localizava e reprimia, tudo graças também aos comunistas georgianos que agem sempre em conformidade com as direções de Moscovo, facilitando assim um sistema político e económico soviético.

No ponto de vista económico, durante os anos 20 Geórgia passou por um considerável processo de industrialização sendo que várias fábricas foram construídas estações hidroelétricas, minas de carvão e manganês foram abundantemente explorados.

Durante a década de 40, no ponto de vista, da educação, o governo comunista russo por Stalin estabeleceu na Geórgia a Academia de Ciências e Artes aonde as artes e a ciência se desenvolveram, mas nesta mesma altura, a repreensão de Stalin aumentaram e as aspirações da população eram cada vez mais aterrorizadas e enfraquecidas.

A repreensão russa teve uma mão muito pesada e forte particularmente sobre a Geórgia. Milhares de pessoas foram enviadas para as “Gulags”, campos de trabalho sem condições onde incluía a fome, frio e situações bastante penosas que iam até aos excessivos horários de trabalho. Estes campos eram comparados com os campos de concentração nazista. Por causa deste elemento aterrorizador e fatal, a população georgiana na mesma década era de 3, 6 milhões de pessoas, teve 700.000 incluídas no exército onde somente 400.000 retornaram causando uma baixa considerável a densidade populacional da mesma. As fronteiras de 1918-1921 da Geórgia foram formadas através de conflitos de fronteira com seus vizinhos, e dos subsequentes tratados e convenções.

No norte, a Geórgia fazia fronteira com diversas as politeias surgidas no período da Guerra Civil Russa, até que o poder bolchevique fosse estabelecido no Cáucaso do Norte na primavera de 1920. A fronteira internacional entre a Rússia soviética e a Geórgia foi regulada pelo Tratado de Moscovo daquele mesmo ano. Durante o conflito de Sóchi, com o Exército Branco russo, a Geórgia controlou brevemente o distrito de Sóchi (1918).

No sudoeste, a fronteira da RDG com o Império Otomano foi alterada com o decorrer da Primeira Guerra Mundial, e acabou se firmando depois da derrota otomana; a Geórgia readquiriu o controlo sobre Artvin, Ardahan, parte da província de Batumi, Akhaltsikhe e Akhalkalaki. Batum foi finalmente incorporada à república após a evacuação britânica da área, em 1920. O Tratado de Sèvres, daquele ano, garantiu à Geórgia o controle sobre a parte oriental do Lazistão, incluindo Rize e Hopa. No entanto, o governo do país, que não desejava se envolver numa nova guerra com os Revolucionários Turcos, pouco fez para manter o controlo destas áreas.

As disputas de fronteira com a República Democrática da Arménia por parte do distrito de Borchalo levaram a uma rápida guerra entre os dois países em Dezembro de 1918. Com a intervenção britânica, a "zona neutra" de Lorri foi criada, apenas para ser reocupada pela Geórgia após a queda da república Arménia para as forças soviéticas no final de 1920.

No sudoeste, a Geórgia fazia fronteira com o Azerbaijão, que reclamava o controlo do distrito de Zaqatala. A disputa, no entanto, nunca chegou a um conflito armado e as relações entre os dois países continuaram pacíficas até a sovietação do Azerbaijão. Os projetos de 1919 e a constituição de 1921 da Geórgia garantiam às regiões da Abekásia, Ajária e Zaqatala um grau de autonomia.

A ocupação soviética da RDG levou a uma redistribuição territorial significativa na região, na qual a Geórgia perdeu quase um terço de seus territórios. Os territórios de Artvin, Ardahan e parte das províncias de Batumi foram cedidos à Turquia, a Arménia ganhou o controlo de Lorri e o Azerbaijão de Zaqatala. Uma parte das fronteiras da Geórgia ao longo do Cáucaso Maior foram passadas para a Rússia.

4.2 – O COLONIALISMO RUSSO NA GEÓRGIA

No século 19, a Geórgia foi um reino independente. Sua população possuía também muçulmanos, embora a maioria pertencesse à Igreja Ortodoxa georgiana. Sendo um pequeno país, a Geórgia envolveu-se nas guerras turcas e a fim de parar os turcos, o Czar russo ocupou e anexou a Geórgia, abolindo a igreja, a cultura e recolocando a igreja ortodoxa, costume e a cultura russa.

Depois da ocupação da Geórgia por Lénine, os comunistas russos lá se instalaram e tornaram o país como sendo russo. As terras foram socializadas, indústrias, ferroviárias, frotas, bancos, etc., passaram para as mãos do governo. Maciças perseguições e exílios se tornaram a ordem do dia. Antigos oficiais, e intelectuais e representantes da nobreza eram o alvo preferido. O ateísmo se tornou uma religião. Comunistas destruíram igrejas, exterminaram religiosos e entre 1922-1923, mil e quinhentas igrejas foram destruídas na Geórgia.

Havia uma resistência anti-comunista, mas os russos impuseram ao governo facilmente manipulável, que se localizasse e reprimisse a resistência e assim os comunistas prenderam os líderes da religião. A República Soviética da Geórgia foi planeada em Moscovo, o que facilitaria seus passos para uma política e um sistema económico soviético.

A RSS da Geórgia foi, de facto, um estado federal. No final de 1921, à luz do acordo da aliança, a República Socialista Soviética a de Abekásia (uma República autónoma desde 1931) entrou nesta estrutura e foram criadas as Repúblicas Independentes de Adjar em 1921, no território da Georgia.

A RSS da Geórgia, com o Azerbaijão e a Armênia, por proposta de Lénin em 1922, se tornaram parte da federação Transcaucasiana que foi abolida em 1936 e o Estado da Georgia entrou novamente na estrutura da União Soviética.

Na segunda metade dos anos 20, um rápido processo de industrialização e coletivização começaram no Estado Soviético que foram dirigidos para a consolidação do regime existente. Várias fábricas, estações hidroelétricas e minas foram contruídas na Georgia. Carvão, manganês foram largamente explorados. Chá e cítricos foram plantados para o consumo do imenso mercado soviético. As indústrias construídas em passo acelerado eram de baixa qualidade. Madeira foram cortadas e produtos foram colhidos. Monoculturas foram criadas em todas as regiões, se perdendo assim variada agricultura georgiana.

O dogma comunista pregava a industrialização e a coletivização como a principal condição para o socialismo. Nos anos 20 e 30 a quantidade de escolas secundária e superiores cresceu na Geórgia. A ciência e a arte se desenvolveram.

Em 1940 foi estabelecida a Academia de Ciências da RSS da Geórgia, mas naquele tempo as pessoas representantes do meio intelectual, da literatura e das artes eram escassas. A ideologia ditatorial comunista tinha de ser obedecida e com o objetivo de aterrorizar e enfraquecer a população, o Governo de Stalin organizou grandes repressões na segunda metade dos anos 30, que foi realmente maciça nos anos 1937-1938.

A Geórgia foi uma das regiões da URSS, onde a máquina repressiva foi particularmente ativa. Durante aqueles anos, milhares de pessoas inocentes foram mortas na Geórgia como também foram enviadas para os “gulags”, onde a maioria morreu. Entre estas pessoas estavam os melhores representantes intelectuais, incluídos notáveis representantes da cultura georgiana, como o escritor M. Javankhishvili, os poetas T. Tabidze e P. Iashvili, o Diretor de teatro S. Akhmetelevi, o cientista-filósofo Gr. Tabidzeli, o maestro E. Mikeladze, Etc. Aldeias foram envolvidas nesta maciça repressão, onde milhares de camponeses morreram por causa da coletivização. Que terminou naquele período.

A população da Geórgia em 1940 era de 3.6 milhões de pessoas, das quais 700.000 foram destacadas para o exército russo, onde apenas 400.000 retornaram. A guerra dividiu a Geórgia: Muitas pessoas lutaram pelas ideias alemães acreditando que a Alemanha restauraria a independência da Geórgia e a grande maioria restante lutou no exército russo. Esposas ocuparam os lugares de seus maridos nas fábricas, onde armas e uniformes eram produzidos. As fazendas coletivas implementaram grandes projetos agrícolas.

A Geórgia também abrigou milhares de pessoas que foram evacuadas de territórios ocupados pelos nazistas. Os soldados soviéticos se recuperavam em seus famosos *resorts* e instituições médicas. Dessa forma, a população da Geórgia teve um papel importante na grande vitória do povo soviético contra o fascismo.

“Após a queda do regime czarista na Rússia, a Ossétia do Sul aliou-se ao partido bolchevique para lutar contra a Geórgia menchevique. Em 1921 o Exército Vermelho saiu vitorioso, o que fez com que a Ossétia do sul tornasse um oblast (subdivisão administrativa), autônomo da República soviética da Geórgia.

O fim da União Soviética ocasionou uma grande fragmentação em seu território, o que resultou em fronteiras muitas vezes não delimitadas de forma precisa. Dessa forma a Geórgia anexou o seu território a Ossétia do sul e a Abekásia, No entanto, por serem de uma etnia totalmente diferente dos georgianos, ou seja, com uma cultura social diferente, língua e costumes

totalmente distintos, em 1990, o Supremo Conselho da Ossétia do Sul entrou com um pedido de mudança para uma república estatal autónoma. Tal pedido foi negado e considerado ilegal pelo Supremo Conselho da Geórgia, o que acirrou mais ainda a tenção entre ambas as partes”³⁴.

A Ossétia do sul é uma região dentro da República Socialista Soviética da Geórgia que se declara independente desde conflito osseto-georgiano desde o início da década de 1990. A “independência” do país não recebeu reconhecimento diplomático oficial de nenhum dos membros da organização da Nações Unidas, que continua a considerá-la como parte integrante da Geórgia.

Em 2007 foi criada a Entidade Administrativa Provisória da Ossétia do Sul, comandada por antigos membros do governo separatista para negociar com as autoridades da Geórgia a respeito do estatuto final e da resolução do conflito.

Em 1992 acontece um primeiro referendo que tem como resultado o apoio maciço da população da Ossétia sobre a separação da Geórgia. A questão se desenvolve acerca novamente, do termo “autonomia”. Esse referendo não foi aceito pela comunidade internacional e continuou a aceitar legalmente a Ossétia do Sul como parte da Geórgia.

Nos fins de 2006, outro referendo foi promulgado levando 95% da população local as urnas; e com resultado de 88% de aprovação a separação da província. Nesse sentido, um movimento político de oposição ao governo secessionista organiza eleições e consegue eleger por vantagem considerável, Dimitri Sanakoev, antigo funcionário do governo secessionista na década de 1990, serviu, sob a tutela russa, na Lituânia durante a Guerra fria. Lutou intensamente no primeiro conflito separatista na região (1991-1992), logo em seguida sendo nomeado Ministro da defesa do país; em 1998 chega ao cargo de Primeiro-Ministro. Nas eleições de 2006 sai vitorioso por larga maioria para o cargo de Administrador provisório da Ossétia do Sul, cargo este que ocupa até o presente momento.

Eduard Dzhabeievitx Kokoity é uma das centrais do atual conflito em questão. Nascido em 1964 na cidade de Tskhinvali, capital da Ossétia do Sul, assumiu a presidência do país

³⁴ CASTRO, Guilherme Antunes - **A questão separatista entre Geórgia, Ossétia do Sul e Abkhazia**. Minas Gerais. 2010. [Consult. 15 Nov. 2012]. Disponível em: <URL:http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20101101130439.pdf>, p.1

desde 2001. A vitória de Kokoity nas eleições de 2001 foi em larga escala auxiliada pela família Tedeiev, que se encontra dentre as mais influentes e poderosas famílias do país envolvidas com contrabando, tráfico de drogas e armas e possuindo ainda uma milícia pronta para o combate, não sendo um dado incomum na região, cuja cultura política é comum. Os Tediev financiara a campanha presidencial de Kokoity, entretanto, agora oficialmente para a política até a expulsão de Albert Tediev, então Secretário de Segurança do cargo.

“Kokoity sempre deixou claro sua insatisfação com Geórgia, mas em seus discursos apresentava sempre resolução do problema através de vias diplomáticas.

A Ossétia do Sul é um país de pouco mais de 7.000 habitantes, aproximadamente, com uma área física de 3.900 km quadrados. Os ossétios descenderam diretamente da tribo sármata que habita o sul do rio Don, hoje território russo. Na idade média foram invadidos Império Bizantino que converteu parte da população ao cristianismo. O ponto mais relevante pós-ocupação bizantina foi a dominação Mongol que leva a sua migração desta população cruzando a região do Cáucaso até a Geórgia. A Ossétia do Sul é formada pela antiga Tuallag, parte do principado histórico georgiano de Samachablo, onde os ossetas encontraram refúgio dos invasores mongóis. Atualmente a configuração religiosa do país divide-se em uma expressa maioria católica e uma pequena parcela de muçulmanos.

Em 1881 tanto a Geórgia quanto a Ossétia do Sul foram incorporadas ao império russo Império Russo. Após a revolução de 1917 na Rússia a Ossétia do Sul foi incorporada a República da Geórgia, começando ai uma série de protestos e movimentos de cunho separatistas.

O país tem uma economia voltada primordialmente para agricultura através de gêneros como cereais, frutas e vinhas. Incluem-se também neste plano econômico a criação de gado e alguns complexos industriais principalmente em torno da capital Tsikinvali, que também é uma rota de suma importância para o setor de energia da região.”³⁵

Outra vertente explicativa mais sucinta nos aclara que a relação dos ossetas com os georgianos sempre foram tensas, acreditamos que a característica da mesma favoreceu a entrada dos russos no conflito. Na verdade, ao analisar o conflito russo georgiano, concluímos que os russos saem em auxílio dos ossetas contra os georgianos.

“Os ossetas vieram para o território do Cáucaso no século XII. Em 1774, a Rússia anexou os territórios por eles dominados, criando, em 1918, autônoma da Ossétia (na então República Federativa da Rússia). Em 1922, foi criada na

³⁵ CHAVES, Daniel; SCHURSTER, Karl - **Soberania nacional no pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão**. Rio de Janeiro: Interllectur [Consult. 03 Abr. 2013]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.revistaintellectur.cenegri.org.br/ed2009-10/danielchaves-karlschurster-10.pdf> >. pp. 6-7

Geórgia a região autónoma da Ossétia do Sul. Nos anos 1980, ocasião que vários movimentos de autodeterminação surgiram em inúmeras partes da União Soviética, começou a crescer na Ossétia do Sul a ideia de se reunir à República Autónoma da Ossétia. Em Setembro de 1990, a Ossétia do Sul se autoproclamou república soberana. Em dezembro do mesmo ano, o parlamento da Geórgia cassou o status de região autónoma da Ossétia do Sul, declarando o estado de emergência no território, a que deu início ao conflito armado na região. Uma Força de Paz russo-ossétia-georgiana conseguiu acabar com o conflito em 1992.

Em 1994, L. Chibirov foi eleito presidente do parlamento da Ossétia do Sul, tornando-se, em 1996, presidente do território. Desde então os encontros e as reuniões entre georgianos e ossétios têm fracassado em produzir um consenso sobre o status político da Ossétia do Sul”³⁶.

³⁶ MILENIO, Editora Terceiro - **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: Terceiro Mundo, 2000, p. 513

CAPÍTULO V- O CONFLITO RUSSO-GEORGIANO E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA POLITICO INTERNACIONAL

5.1 - O CONFLITO

No dia 10 de Outubro de 2008, a região separatista da Abekásia, declarou “Estado de Guerra” ao ser atacada por bombardeamento aéreo e por tanques georgianos, na região de Kodori. No mesmo dia, por forma de decreto, o presidente da Abekásia, Serguei Bagapch, garantiu que o mesmo decreto teria a duração de 48 horas nos distritos de Gali, Tkvancheli, Otchanchyra e Goulripch, bem como uma parte da capital da Abekásia, Soukhoumi. Além de Kodori, o Presidente Bagapch, avançou uma mobilização parcial dos seus reservistas e manteve tropas até as margens do rio Ingouri, na fronteira com a Geórgia, no distrito de Gali, uma região abkhaze com uma população de maioria georgiana.

A Rússia teve um envolvimento muito prematuro no conflito ao apelar as NU que retirassem seus observadores da Abekásia e de Zougdidí, na região oeste da Geórgia. Na nossa opinião. Este comportamento da Rússia explica-se, pois haveria um envolvimento mais intenso a nível do conflito, pelo que seria bom que os observadores estivessem ausentes.

Os separatistas pró-russos da Abekásia lançaram aquela que seria a sua primeira operação militar contra soldados georgianos em Kodori, criando uma frente de combate contra as forças de Tbilissi, que lançou um dia antes, uma ofensiva a Ossétia do Sul, outro território independentista pró-russo.

Durante a mesma semana, houve troca de acusações, uma delas foi a do Secretário do Conselho de Segurança georgiano, Alexandre Lamaia, que afirmou que navios militares russos estavam atracados no porto abkhaze de Otchanchyra, situado a 30 quilómetros da fronteira entre a Abekásia e a Geórgia.

Figura 1 – Mapa da localização do conflito



Fonte: http://resistir.info/russia/ossetia_08ago08.html

De acordo com João Marques de Almeida, no seu artigo sobre o distinto conflito no Cáucaso, ficou claro o seguinte:

“Num horizonte mais temporal alargado, a crise na Geórgia refere-se a um período entre as hostilidades militares, no dia 7 de Agosto, e a deslocação dos Presidentes do Conselho Europeu e da Comissão Europeia e do alto-representante a Moscovo e Tbilissi, nos dias 8 e 9 de Setembro. Há três momentos marcantes em todo o processo. Em primeiro lugar, o confronto militar. Em segundo a apresentação do plano e Cessar-Fogo pelo Presidente do Conselho Europeu, no dia 12 de Agosto. Por fim, o Conselho Extraordinário de 1 de Setembro para lidar com a crise na Geórgia. Foi durante quatro semanas que se definiu a resposta europeia. Mais importante, os estados-membros e as instituições europeias retiraram conclusões sobre o significado da crise para evolução das relações entre a EU e a Rússia”³⁷.

Estamos em crer que o objetivo da Rússia não era de todo que o conflito se estendesse por muito tempo, até porque de acordo com o que o exército russo conhecia do poder de

³⁷ ALMEIDA, João Marques de - **A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia**, 2008. [Consut. 23 Out. 2013] Disponível em: URL: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a02.pdf>>. Lisboa: IPRI. p.22

seu oponente, não havia força suficiente, nem apoio externo que reforçasse o contingente georgiano para resistir a ofensiva russa até porque as atenções americanas, que eram as grandes apoiadas da Geórgia, estavam viradas para o Iraque. De qualquer forma, a intervenção europeia surtiu o devido efeito sendo que galvanizou as partes a pararem com as hostilidades. Este sentimento era mais forte da parte da EU, do que da Rússia pelo facto de que era necessário continuar a desenvolver as conversações com a Rússia e atingir-se o objetivo preconizado.

Ao nos debruçarmos sobre o conflito, achamos importantes trazer algumas contribuições académicas sobre a preservação dos conflitos de maneira a fazer entender como lidar com situações de desentendimentos entre os Estados e principalmente os da região do Cáucaso.

“A prevenção dos conflitos recorre ao normativismo que se desenvolve diante de uma série de propostas, nomeadamente, a condenação jurídica da guerra (jus contra bellum); regulação do direito excepcional à guerra (jus ad bellum); regulamentação do exercício da guerra (jus in bello) e a punição dos atos de guerra (jus criminis belli). As formas regressivas ou institucionais agem como preventivas, pelo simples facto da sua existência”³⁸.

Sobre o conflito, Adriano Moreira apresenta a seguinte perspetiva:

“A prevenção dos conflitos no que toca a restrição jurídica – jus ad bellum, remete-nos a fundamentos católicos como Santo Ambrósio um dos doutrinadores a definir as ideias de paz justa e guerra justa, mas é Santo Agostinho que distingue a guerra justa da guerra injusta, sendo necessário, para estarmos perante a primeira, a iniquidade do inimigo. São Tomás, sistematizou apresentando três condições para que a guerra fosse justa: a primeira, a guerra deve ser declarada por autoridade competente; segunda, com justa causa e terceira deve haver a reta intenção que se traduz em evitar o mal inútil.

Os juristas receberam esta tradição teológica, como Vitória e Suarez, tendo dificuldades na definição de justa causa. Entretanto, a definição de meios preventivos e repressivos (jus contra bellum), teve seu primeiro passo com a Conferência de Haia em 1907: exigia a declaração prévia de guerra (declaração formal ou ultimatum condicional) e restringia o direito de fazer a guerra para cobrança de dívidas. O Pacto das Sociedades das Nações após a Primeira Guerra Mundial, condenou as seguintes guerras: as de conquista (artº10); guerras começadas sem prévio recurso a arbitragem, solução judicial ou exame pelo conselho judicial da Sociedade das Nações, ou antes

³⁸ MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra: Almedina, 2011, p. 310.

de ter decorrido três meses sob decisão judicial ou do conselho dando razão ao agressor (artº12) [...]

A Carta da ONU (artº 2, 4) diz: “ os membros da Organização, nas suas relações internacionais, abster-se-ão de recorrer à ameaça ou ao uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer estado, outra forma incompatível com os propósitos da Nações Unidas”. Todavia, a carta considerou legítima a guerra de legítima defesa, a guerra de libertação nacional, a ação internacional determinada pelo conselho de Segurança ou pela Assembleia Geral”³⁹.

5.2 - AS CAUSAS DO CONFLITO

As regiões da Abekásia e da Ossétia do Sul foram até o princípio da década de 1990, áreas pertencentes a República Democrática da Geórgia. Uma união fragilizada pela posição estratégica das mesmas e pelo grande interesse do “gigante” da região, a Rússia que exaustivamente apoiou a sua separação, contando também com o grande número de russos que vivem nestas duas regiões e por razões económicas sendo que por esta área passam importantes oleodutos responsáveis por transportar petróleo e gás natural da Ásia para a Europa.

“Após a queda do regime czarista na Rússia, a Ossétia do Sul aliou-se ao partido bolchevique para lutar contra a Geórgia menchevique. Em 1921 o Exército Vermelho saio vitorioso, o que fez com que a Ossétia do sul tornasse um oblast (subdivisão administrativa), autónoma da República soviética da Geórgia.

O fim da União Soviética ocasionou uma grande fragmentação em seu território, o que resultou em fronteiras muitas vezes não delimitadas de forma precisa. Dessa forma a Geórgia anexou o seu território a Ossétia do sul e a Abekásia, No entanto, por serem de uma etnia totalmente diferente dos georgianos, ou seja, com uma cultura social diferente, língua e costumes totalmente distintos, em 1990, o Supremo Conselho da Ossétia do Sul entrou com um pedido de mudança para uma república estatal autónoma. Tal pedido foi negado e considerado ilegal pelo Supremo Conselho da Geórgia, o que acirrou mais ainda atenção entre ambas as partes”⁴⁰.

As fronteiras russas, são sem dúvida dos principais objetos de preocupação deste grande país. Uma das principais causas que apontamos, é a busca por espaço por parte da Rússia e pode ter contribuído para alcance do mesmo a futura anexação da Abekásia e da Ossétia do Sul, espaços que aproximariam mais a Rússia à Geórgia e inclusive ao Mar Cáspio

³⁹ MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Almedina, 2011, pp. 311-322

⁴⁰ CASTRO, Guilherme Antunes - **A questão separatista entre Geórgia, Ossétia do Sul e Abkhazia**. Minas Gerais. Conjuntura internacional. 2010 [Consult. 02 Jul. 2013] Disponível em: <URL:http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20101101130439.pdf>. p. 1

que é uma zona rica em hidrocarbonetos e estratégica para a passagem de gasodutos para a Europa, como já supra citamos. Com base no estudo sobre os Fatores de Poder elaborado por Justino da Glória, professor da cadeira de Relações Internacionais da Universidade Privada de Angola, o mesmo diz que:

“É interessante constatar que historicamente são os grandes Estados aqueles que têm demonstrado uma tendência para o alargamento dos seus territórios, enquanto os mais pequenos pretendem unicamente mantê-lo e garantir a sua sobrevivência.

De todos os fatores de poder, este é sem dúvida aquele que apresenta contornos de maior estabilidade. Os vários grupos humanos são naturalmente afetados pelas características decorrentes da geografia dos seus territórios, as quais desempenham um papel preponderante na sua evolução das sociedades. Apesar do grau de influência que o meio físico exerce sobre o poder de um Estado ser controverso, um facto irrefutável é que desde sempre o homem se tentou adaptar a este meio e adaptá-lo às suas necessidades com o intuito de daí retirar maior número de dividendos”⁴¹.

Claramente que a Rússia como maior potência na região, tem grandes pretensões expansionistas com a futura anexação ao seu território, das regiões da Abekásia e da Ossétia do Sul. Esta obviamente não é uma conclusão difícil de se tirar tendo em conta o percurso histórico imperialista e expansionista da nação russa.

Um breve relato histórico dos conflitos no Cáucaso, pode ajudar-nos a compreender melhor a originalidade das causas dos conflitos nesta região e inclusive o em estudo.

“As primeiras contestações territoriais surgem no fim da década de 80 do século XX. A pirâmide imbricada de regiões étnicas instauradas por Estaline é posta em causa e o que então decorria da velha tática de “dividir para melhor reinar” revela-se um rastilho de bombas ao retardador. Uns exigem a anexação ao Estado e vizinho (os arménios de Karabakh à Arménia, os ossetas do sul a Rússia); outros reclamam a independência (os Abcázes e os tchetchenos). Estas tenções degeneram em conflitos armados que destroem o Cáucaso, provocando a fuga de cerca de 2 milhões de refugiados. Com a intervenção da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) são negociados cessar-fogos no sul do Cáucaso, sem que os conflitos sejam

⁴¹ RAMOS, Justino da Glória – **Manual de Relações Internacionais**. Luanda: Universidade Privada de Angola. 2004, p.144

solucionados. Toda a região fica assim numa situação de “nem guerra, nem paz” que propicia todas as tensões.”⁴²

O que se percebe na apresentação destes factos, é que os conflitos no Cáucaso já datam de alguns anos e têm desde já uma componente territorial e étnica. É uma realidade que também assenta nos conflitos tanto na Geórgia (Abekásia e Ossétia do Sul), e na região de Nagorno Karabakh, por exemplo onde as questões económicas, de auto proclamação de independência e de demonstração de supremacia estão na base principal.

Ainda quanto a origem do conflito e no que concerne as dificuldades da Geórgia em manter seu território o estudioso Manuel da Silva diz o seguinte: “A Geórgia teve dificuldades para resolver os problemas de separatismo da Abekásia e da Ossétia do Sul. Os abekases são fortemente islamizados devido à influência otomana; os Ossetas do Norte são cristãos, mas os do sul deixaram-se islamizados as invasões muçulmanas”.

Entre Agosto de 1992 e Setembro de 1993 travou-se na Abekásia uma verdadeira guerra convencional, entre os secessionistas e as forças governamentais, à qual se seguiu uma falsa paz. Neste período, Moscovo, à luz da crise da Chechénia, alterou as suas relações com os abekases e deixou de os apoiar.

“As autoridades ossetas, possivelmente com apoio russo, declararam a independência da Ossétia do Sul a 20 de Setembro de 1990, mas a 6 de Janeiro do ano seguinte as autoridades georgianas decidiram intervir e controlar a situação.”⁴³

É um desafio técnico-académico poder elaborar um estudo exaustivo sobre este conflito e trabalhar para que se possa compreender profundamente as causas do mesmo, porque tal como já demonstrado, as motivações georgianas podem em grosso modo ser consideradas como as de simplesmente lutar para manter a soberania do seu território, e assegurar o controlo da passagem dos oleodutos pela região obtendo lucros e outros benefícios económicos desta região. Infelizmente estes interesses conflituavam com os interesses da Rússia.

⁴² DIPLOMATIQUE, Le Monde - **Atlas da Globalização**. Lisboa: Campo da Comunicação. 2000, p. 148

⁴³ SILVA, Manuel da - **Terrorismo e Guerrilha**. Lisboa: Edições Sílabo. 2010, p. 315

Para compreendermos mais sobre as causas do conflito é interessante conhecer o contexto que se vivia antes do eclodir do mesmo. O contexto não era dos melhores porque as duas regiões já proclamavam independência e principalmente porque eram apoiadas pela Rússia, mas não só porque durante anos anteriores ao do conflito, já as duas nações tinham muitas contradições no ponto de vista diplomático.

A publicação da BBC online do dia 7 de Agosto de 2007, mostra que as clivagens diplomáticas entre os dois Estados já datam desde antes do colapso da antiga União Soviética, aquando do esmagamento da revolução independentista de 1989. A publicação menciona ainda que recentemente as relações complicaram-se no ano de 2006 devido a proibição da Rússia a produtos importados da Geórgia. A resposta do Estado georgiano fez-se logo a seguir com declarações agressivas e com prisão seguido de expulsão a quatro oficiais russos. Em retaliação a Rússia no mesmo ano expulsara o embaixador do estado vizinho e mais trezentos cidadãos georgianos alegando questões migratórias.

As relações tiveram uma ligeira melhoria a quando da resolução da questão do gás que a Geórgia devia pagar a Rússia, mas a questão do tráfego aéreo voltara a colocar os dois Estados em rota de colisão pelo facto de a Rússia ter suspenso o uso do seu espaço aéreo por parte da Geórgia por alegadamente não terem sido cumpridos os requisitos ligados ao pagamento anual das tarifas de circulação.

Desta publicação conclui-se que os dois Estados têm de facto muitas questões não resolvidas no campo diplomático. As normas de boa vizinhança não têm imperado na região e principalmente nas duas em causa. A Geórgia tem-se posicionado de uma forma intransigente e até mesmo provocadora, talvez motivada pelas boas relações que tem com os Estados Unidos da América. A Rússia tem por sua vez procurado fazer valer a sua força como potência na região e não tolera que um Estado dependente em muitos aspetos possa contrariar os seus interesses geopolítico-geoestratégicos e causar a condicionamentos ou qualquer redireccionamento forçado dos interesses russo.

Conclui-se então que antes mesmo das hostilidades militares, já no âmbito político-diplomáticos, as relações entre os dois Estados não eram das melhores e por isso adivinhava-se, que se chegasse ao extremo.

Antes da guerra dos cinco dias a Geórgia não pautou pela aplicação dos princípios diplomáticos porque não reavaliou as suas posições de Estado em desvantagem e tentar subtrair vantagens das situações vividas na altura. Obviamente que a postura da República da Geórgia deve-se ter dado em função do que se considera o orgulho nacional georgiano pelo facto de as regiões separatistas serem suas e que a Rússia estava a intrometer-se nos seus assuntos internos. A pouca dedicação da Geórgia em tentar resolver as situações diplomaticamente custou-lhe caro pelo facto de ter perdido a guerra contra os russos.

5.3 - CONSEQUÊNCIAS DO CONFLITO

Cada conflito perpetrado por uma ou outra parte, em larga ou baixa escala tem seus danos ou seja, suas consequências que podem ser recuperadas tanto a curto, longo ou médio prazo. O conflito russo georgiano não foge à regra. Principalmente porque um dos intervenientes é uma potência imperialista.

Num artigo escrito por Kornely K. Kakachia com o tema “*A interpretação do conflito Rússia vs Geórgia*”, e principalmente no que concerne as perdas por parte da Rússia diz o seguinte:

“A resposta brutal do Kremlin, com a ocupação de extensas áreas do território georgiano fora da Ossétia do Sul e da Abekásia e o reconhecimento da independência das regiões separatistas, deixou a Rússia isolada diplomaticamente. A Rússia está a sofrer política e economicamente pela sua intervenção na Geórgia. Mesmo que tenha obtido ganhos a longo prazo, Moscovo está agora mais isolada e é menos digna de confiança do que há um ano. Há uma forte posição internacional às tentativas de Moscovo de redesenhar à força, as fronteiras da Europa e, até agora, apenas um país, a Nicarágua, seguiu o Kremlin no reconhecimento das regiões separatistas da Geórgia, o que nas palavras da ex-Secretária de Estado norte americana Condoleeza Rice “difícilmente pode ser considerado um triunfo diplomático”. Segundo Kornely, a invasão da Geórgia tornou ainda mais complexa as relações internacionais entre os Estados Unidos e a Rússia, uma relação que no futuro assistirá, provavelmente a um misto de competição, conflito e cooperação. No ponto de vista económico, os mercados financeiros russos perderam quase um terço do seu valor. Os investidores retiraram do seu país

*cerca de 20 mil milhões de dólares, e o rubro deprecia-se cerca de 10 por cento.*⁴⁴

Tendo como base a interpretação de Konely Kakachia, no que diz respeito ao isolamento diplomático russo, consideramos incerto até que ponto é que este isolamento pode ser encarado como perda por parte da Rússia, tendo em conta que desde alguns anos, a Rússia não tem experimentado esta abertura, principalmente por causa da sua não adesão aos pressupostos colocados pela União Europeia, e também por causa da sua posição com relação ao *dossier* nuclear do seu próprio país.

A Rússia sofre fortes entraves para aderir a Organização Mundial do Comércio (OMC). No nosso entender, resumimos dizendo que é um isolamento que se sobrepõe a outro isolamento, que não deixou de constituir preocupação ao governo russo. Um isolamento que contrasta com o poder russo que é chamado sempre a decidir as questões mais candentes, principalmente as de segurança mundial tal como o *dossier* nuclear iraniano e atualmente no da República Islâmica da Síria.

No que diz respeito à tentativa de redesenhar à força as fronteiras da Europa e acreditando que é um risco que a Rússia quer correr, penso que de todas as Repúblicas que fizeram parte do antigo bloco socialista, a Geórgia é a que mais vem se manifestando independentista e desafiadora do poderio russo algo que não terminou com o fim da União Soviética.

Quanto a baixa na economia russa, contando com a depreciação do Rubro e o retiro de cerca de 20 mil milhões de dólares do país por parte dos investidores estrangeiros, esta pode ser compreendida em vários pontos de vista, primeiro no que concerne a segurança dos investidores tendo em conta o carácter instável da economia principalmente quando o país está envolvido num dado conflito, considero que é um comportamento perfeitamente normal este dos mercados de capitais.

No que diz respeito ao entrave à adesão da Geórgia e da Ucrânia a NATO, concordamos plenamente com a opinião de Konely Kakachia, porque se se consumasse esta adesão, a Rússia sentir-se-ia fortemente ameaçada pelo facto de outros países membros saírem em

⁴⁴ KAKACHIA, Kornely - **A guerra dos cinco dias**. [Consult. 15 Set. 2013]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a03.pdf>>. Lisboa: IPRI. 2009, p.83

defesa da Geórgia e da Ucrânia no caso que uma delas fosse atacada, conforme estatuído na carta da Organização.

As partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51. ° Da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte.

Qualquer ataque armado desta natureza e todas mais providências tomadas em consequência desse ataque são imediatamente comunicados ao Conselho de Segurança. Essas providências terminarão logo que o Conselho de Segurança tiver tomado as medidas necessárias para restaurar e manter a paz e a segurança internacionais.

As autoridades de ambas as partes do conflito têm a responsabilidade de garantir os direitos daqueles que foram forçados a abandonar suas casas para que retornem com segurança e dignidade e sejam responsáveis por suas vidas.

Figura 2 – Cenário de destruição em Tbilisi



Fonte: http://resistenciademocraticabr.blogspot.pt/2008_08_12_archive.html

A falta de transparência da linha de demarcação estabelecida entre a Geórgia e a Ossétia do Sul depois da guerra é mais uma fonte de insegurança. A situação é agravada pela reduzida possibilidade de uma efetiva verificação internacional da situação após o encerramento das missões de monitoramento da Organização para Segurança e Cooperação na Europa e das Nações Unidas; os supervisores internacionalmente nomeados, como a Missão de Observadores da União Europeia, atualmente não podem entrar nas áreas controladas pelas autoridades de facto na Ossétia do Sul (e na outra região dissidente de Abekásia).

Todas estas consequências apontadas tanto a nível das relações internacionais como a nível das populações locais, nas regiões georgianas principalmente, evoluíram até aos dias de hoje, sendo que anos depois, o cenário continua a ser o mesmo tanto a nível local como aponta o relatório da Amnistia Internacional e também a nível internacional como o que podemos observar nas relações entre os Estados da Rússia e a Geórgia.

Nas relações Rússia-EUA, o conflito veio demonstrar também que os países que têm uma visão contrária aos Estados Unidos, podem dentro do plano de conclusão das suas estratégias contar com a potência russa. Hoje podemos verificar o mesmo na posição da Rússia com relação a Síria, existe um contrabalanço nas relações internacionais que a

Rússia cria ao posicionar-se contrariamente aos Estados Unidos. Voltamos ao estágio da Guerra fria? Alexandre Reis Rodrigues no seu artigo sobre o conflito russo-georgiano escreveu o seguinte:

“A pergunta faz algum sentido se também tivermos em conta a recente postura de afirmação da Rússia na procura de zonas de influência e de cooperação militar com países que têm interesse divergentes dos Estados Unidos. São exemplos desta situação os seguintes casos: a próxima realização dos exercícios navais com a Venezuela; a oferta de cooperação militar oferecida a Chaves e a Daniel Ortega; os voos bombardeiros, de longo raio de ação, até à Venezuela, Islândia, etc.; as recentes escalas de navios de guerra na Líbia e na Síria (onde está a ser reática a base de Tartus utilizada na Guerra Fria) e as notícias postas a circular sobre a possível construção de bases militares na Venezuela e em Cuba bem como a obtenção de facilidade portuária no Iémen.”

45

Obviamente que poderá ser uma apreciação apressada esta a de que a Rússia esteja a forçar uma busca aos tempos da Guerra Fria, mas é constatável que todas as atividades da potencia oriental estão viradas a mudar o curso unilateral que as relações internacionais têm levado nas últimas décadas. Não tem faltado nas declarações de Vladimir Putin e mesmo do atual Primeiro-ministro Dimitry Medvedev, afirmações de que a Rússia pretende desenvolver liderança no quadro da distribuição mundial do poder.

Maria Raquel Freire chama a atenção para o aproveitamento que a Rússia fez da situação para mostra seu poder na região contra Geórgia e afirma também que o mesmo apesar de ser um momento sublime russo, não lhe dá o atributo de potência que tinha no passado. Não concordamos de todo com a estudiosa pelo fato de não ter havido uma resposta cabal do EUA.

Os EUA, se limitaram a somente condenar os ataques russos e nada mais fizeram a não ser colocar a disposição da Geórgia um fundo para reconstrução de infraestrutura

⁴⁵ RODRIGUES, Alexandre Reis - **A crise na Ossétia do Sul**. [Consult. 12 Dez. 2012]. Disponível em: WWW:<URL: http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/russia/A%20Ge%C3%B3rgia%20e%20a%20NATO%202.pdf >, p. 58

destruídas pela guerra dos cinco dias. Há estudiosos mais radicais, tal como Stephen J. Blank que afirma:

“Mais uma vez a Rússia regrediu a uma autocracia neozarista, com elementos de ambos os sistemas soviéticos e fascistas e uma tendência inerente ao aventureirismo militar. Pela quarta vez desde 1993, a Rússia decidiu unilateralmente empregar a força maior além do necessário para resolver as lutas internas de sucessão e revisar os acordos territoriais pós-1991.

A Europa já não pode presumir uma Rússia pacífica. A política de segurança nacional da Rússia pressupõe conflito com a OTAN e vê os Estados Unidos como principal inimigo – uma designação que a Rússia logo consagrará na nova doutrina de defesa. Sua política nuclear básica se apoia no corolário que para Moscovo ficar segura nenhuma outra capital europeia pode ficar segura. A Rússia quer retornar às políticas da Guerra Fria de intimidação com armas nucleares tácitas e de mísseis balísticos de curto e longo alcance lançados de submarinos.”⁴⁶

Com efeito, para a Geórgia há lições que são importantes aqui sublinhar são totalmente negativas e advêm principalmente de uma tentativa frustrada de pela força tentar recuperar as regiões separatistas. Segundo Alexandre Rodrigues:

“Sakashvili, irresponsavelmente ao dar-lhe oportunidade deitou quase tudo a perder: tornou remoto o ingresso de seu país a NATO, ainda que o discurso oficial desta insista em que não haverá qualquer impacto da crise nesta possibilidade; tornou mais improvável a possibilidade de as duas províncias separatistas voltarem a soberania da Geórgia, porque se acentuaram os ressentimentos e divergências; criou dificuldade aos projetos do ocidente para tornar a Geórgia um trânsito alternativo às exportações de petróleo e gás provenientes do Mar Cáspio, reduzindo a dependência da Rússia; bem como levou a Geórgia a dar passos atrás no seu processo de desenvolvimento pela destruição que as ações militares provocaram pela situação de instabilidade em que o país caiu, o que vai dificultar a aproximação os investidores de que o país precisa”⁴⁷.

Uma questão fundamental recai sob o facto de como a Rússia se irá comportar com as regiões separatistas da Geórgia, para as duas, conta-nos que foi oferecido livre passagem

⁴⁶ BLANK, Stephen J - **Geórgia: a Guerra que a Rússia perdeu**. Moscovo. Military Review, 2009. [Consut. 17 Nov. 2013] Disponível em: <URL:http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20090430_art006POR.pdf>, p.20

⁴⁷ RODRIGUES, Alexandre Reis: **O conflito na Ossétia do Sul**. [Consut. 10 Nov. 2013]. Disponível em:<URL:http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/russia/A%20Ge%C3%B3rgia%20e%20a%20NATO%202.pdf>, p. 60

e passaporte russo aos mesmos, certamente é um revés imenso ao estado georgiano pelo facto de perder absolutamente a soberania neste região e o contributo do elemento importante para a governação que são os cidadãos. Apontamos como consequências ainda deste conflito, o facto de as regiões separatista passarem a ser uma preocupação a mais para o governo russo, sendo que por agora para os abekases e ossetas, a “libertação”, dos russo servir os seus interesses, mas a longo prazo, poderá ser uma questão problemática para o estado russo.

“A guerra da Geórgia deteriorou o relacionamento entre as partes em sua totalidade (Rússia, Geórgia e organizações ocidentais – OTAN e União Europeia), resultando na rutura de fóruns importantes de relacionamento (Conselho Rússia-OTAN, por exemplo). Complicou o relacionamento de Moscovo com as repúblicas separatistas de seu território, visto o reconhecimento à independência da Ossétia do Sul e da Abekásia.

Mas, se o custo pago pela Rússia foi alto, por outro lado o recado foi claro. As linhas de fornecimento de energia para a Europa dependem da chancela do estado russo. Ficou evidente a vulnerabilidade das linhas de transporte de energia e da precariedade não apenas diante da ação militar direta da Rússia, mas de eventuais proxis seus. Este é o caso das milícias e forças de auto defesa da Ossétia, que usando mísseis ou foguetes de curto alcance podem atingir e inviabilizar qualquer gasoduto e oleoduto. Em suma a segurança energética europeia no que diz respeito à Ásia passava a ter de levar em conta mais a Rússia.”⁴⁸

Ainda sobre o conflito, importa salientar que surgiram várias reações por parte de muitas entidades internacionais, inclusive da UE que é a organização internacional regional que mais perto esteve do conflito, tanto do ponto de vista geográfico como político e que emitiu sua opinião sobre o mesmo, através de um relatório que segundo podemos perceber, acusa a Geórgia de ter iniciado o conflito ao proporcionar um ataque na madrugada de 08 de Agosto a região separatista da Abekásia, como citamos abaixo:

“Na sequência do conflito iniciado na Geórgia e da reação militar da Rússia o Conselho extraordinário de Setembro decidiu adiar as reuniões para as reuniões para a negociação do acordo de parceria, enquanto não se realizasse a retirada das tropas para as suas posições anteriores a 7 de Agosto.

⁴⁸ PICCOLLI, Larlecianne - **Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia: O papel da defesa antimíssil.** Porto Alegre: 2012. Dissertação para obtenção do grau de Mestre, p. 22

Solicitou igualmente que fosse examinada com atenção e em profundidade a situação e as diferentes dimensões das relações União Europeia-Rússia, nomeadamente na perspetiva da cimeira de 14 de Novembro em Nice.

O Conselho Europeu de 15 e 16 de Outubro tomou nota, com satisfação, da retirada das tropas russas das zonas adjacentes a Abekásia e à Ossétia do Sul, bem como do lançamento em Genebra de discussões a nível internacional. Solicitou, contudo, que prosseguisse uma avaliação completa e profunda sobre as relações com a Rússia”⁴⁹.

As declarações publicadas no Relatório da EU, analisando o conflito, mostram nos que era desejo da União que o conflito não se estendesse por muito tempo devido os interesses económicos na região em particular com a Geórgia pelo facto de ser uma área estratégica no ponto de vista geopolítico importante no domínio da energia. Quanto as ações mais práticas, a União nomeou também um representante para a região, tal como se lê no relatório e adiou reuniões com a Rússia sobre acordos e parcerias enquanto as tropas russas se mantivessem em território georgiano. Notamos que o relatório referiu-se muito ambigualmente sobre o conflito, com muitas limitações e sem uma precisão mais convincente. É facto que a UE, aplicou de todo os recursos diplomáticos na elaboração e publicação do relatório sendo que tem forte colaboração com a Rússia não colocaria em risco tal negociações com a mesma. Tem também uma série de contactos importantes com a Geórgia e por isso valeu que de certa maneira tomasse um equilíbrio na observação do conflito.

Reconhecemos que houve sucesso no ponto de vista da continuação do projeto da UE na região pelo facto do conflito não se ter estendido por muito mais tempo sendo que para esta organização regional seria muito mais difícil ver seus objetivos políticos e económicos alcançados.

José Milhazes no comentário que teceu a Agencia Lusa no dia 8 de Agosto de 2008, fez menção profunda ao relatório com conclusões muito interessantes. Comenta que:

⁴⁹ **Relatório da União Europeia**, EU. [Consult. 3 Maio 2012]. 2008. Disponível em: WWW:<URL:http://europa.eu/geninfo/query/resultaction.jsp?SMODE=2&ResultCount=10&Collection=EuropaFull&Collection=EuropaSL&Collection=EuropaPR&ResultMaxDocs=200&qtype=simple&DefaultLG=pt&ResultTemplate=%2Fresult_pt.jsp&page=1&QueryText=relatorio+sobre+a+ossetia#queryText=relatorio+sobre+conflito+na+ossetia+do+sul&tab=europa&locale=pt >, p. 173

“As autoridades russas e georgianas interpretam de forma diferente as conclusões contidas no relatório elaborado pela Comissão Europeia (órgão Executivo da União Europeia) sobre a guerra na Ossétia do Sul, travada em agosto do ano passado. Em comunicado divulgado em Moscou, o ministério russo das Relações Exteriores considera que o relatório da Comissão Europeia deixa claro que a Geórgia foi responsável pelo conflito, ao agredir a Ossétia do Sul. A Rússia afirma ainda que o documento evidencia a completa ilegitimidade das ações georgianas.

“Os esforços da Comissão da União Europeia não foram em vão: qualquer pessoa pensante tirará do relatório publicado a 30 de setembro a conclusão fulcral de que a agressão contra a Ossétia do Sul na madrugada de 8 de agosto de 2008 foi desencadeada pela atual direção da Geórgia”, acusa a nota. A diplomacia russa considera também que é de extrema importância o fato de o relatório relacionar os países que armaram e treinaram o exército georgiano.

O ministério russo chama atenção para o fato de o documento conter “uma série de ambiguidades”, entre elas “o emprego desproporcionado da força pela parte russa em resposta à agressão georgiana contra a Ossétia do Sul”. “Grandes interrogações provoca o parágrafo do relatório sobre o suposto emprego desproporcionado da força pela parte russa. Porém, no mesmo relatório é fácil encontrar argumentos que mostram o caráter artificial de semelhantes raciocínios”, defende a diplomacia russa. Já o governo georgiano disse estar, “em geral, satisfeito” com as conclusões da Comissão Europeia.

“Nas conclusões, que ainda não estudamos até o fim, assinala-se que a guerra em Tskhinvali (capital da Ossétia do Sul) não começou a 7 de agosto, mas antes. Nessa conclusão em parte alguma se diz que a Geórgia começou a guerra, explicou o ministro para Questões da Reintegração da Geórgia, Temur Iakobachvili, citado pela agência Interfax. O ministro disse que a parte georgiana discorda da missão da UE quando afirma que não houve entrada em massa de tropas russas na Geórgia. Também não concordamos que a parte georgiana empregou força exagerada no início do conflito armado, acrescentou. Consideramos as ações da Rússia uma agressão, porque foram precisamente as suas tropas que invadiram a região de Tskhinvali, ressaltou. A guerra terminou com vitória da Rússia, que decidiu reconhecer a independência da Ossétia do Sul e da Abkhazia, duas regiões separatistas georgianas.”⁵⁰

Na parte do relatório onde a entidade se refere ao conflito, nota-se desde já o fraco interesse da União Europeia em analisar profundamente porque prima pela superficialidade para demonstrar a sua posição e fazer as devidas recomendações as parte envolvidas no processo. Mais uma vez e através deste relatório deu para notar a importância que a Rússia tem, sendo que para além de merecer uma atenção especial nas relações bilaterais, é somente avisada de que se não paras com as hostilidades as negociações seriam canceladas. Tal como vamos desenvolver mais afrente na pesquisa

⁵⁰ MILHAZES, José - **Rússia e Geórgia divergem em relatório da EU sobre conflito**. Lisboa. [Consult. 22 Jul. 2013]. Disponível em: WWW:<URL:<http://darussia.blogspot.pt/2009/09/russia-e-georgia-divergem-em-relatorio.html>>.

em curso, a União Europeia precisa mais da Rússia do que o contrário nisso a EU teve de na altura ter o máximo de cautelas para não perigar o já fabuloso percurso de negociações que teve com o parceiro russo. No caso da análise que e levou a cabo ao relatório da União Europeias, as acusações de ambas as partes pouco ou nada são relevantes sendo que a Organização regional já emitira sua opinião sobre o assunto e claro com uma posição imparcial porque esta deve ser a posição considerável no assunto em causa.

5.4 - A PROBLEMÁTICA DA GUERRA OU O USO DA FORÇA NAS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS

O conflito entre a Rússia e a Geórgia é tratado também por muitos analistas como “A guerra da Geórgia” e muitos ainda como a “Guerra dos Cinco dias”. A uma diversidade analítica na forma como se encaram os acontecimentos de 8 de agosto na Ossétia do Sul. Tal como já tivemos a oportunidade de apresentar a posição de outros autores com relação a esta questão é mais acertada considerar os transatos acontecimentos na Ossétia como um conflito e não como uma guerra sendo que os conflitos normalmente são considerados como uma insurgência de um estado contra um pequeno grupo, etnia, tribo, clã, se bem que no caso em estudos surge no mesmo conflito um outro Estado, a Rússia que ataca um outro estado, a Geórgia. Nos apegando a este facto, consideramos importante este capítulo de formas a trazer a reflexão a problemática da guerra ou do uso da força nas relações internacionais e mais concretamente nas relações entre a Rússia e a Geórgia.

*“A guerra é a violência organizada promovida pelas unidades políticas entre si. A violência só é guerra quando exercida em nome de uma unidade política. O que distingue a morte infligida ao inimigo durante a guerra do assassinato é o carácter do testemunho oficial, a responsabilidade simbólica da unidade política em nome da qual atua quem matou. Da mesma forma, a violência exercida em nome de uma unidade política só é guerra se dirigida contra outra unidade política; a violência empregada pelo estado para executar criminosos e eliminar piratas não se qualifica como tal, porque tem por alvo indivíduos”.*⁵¹

É interessante aqui a abordagem de Bull sendo que na nossa opinião ressalta a questão de que para ser considerada guerra, o processo deve ser infligido por uma força política. O facto em causa levou em desentendimento até ao uso da força a agremiação política orientada pela Rússia contra a da República Democrática da Geórgia. O estudo nos parece pertinente sendo que o mais nos ressalta nesta guerra são as implicações dela do que propriamente os danos que ela causou.

O facto é que a Organização das Nações Unidas proibiu o uso da força por parte das unidades políticas, neste caso os estados, mas na prática a normatização ou efetivação desta proibição é gravemente inaplicada, certamente também porque os detentores do poder político têm-se sentido no direito de agir por vontade livre. Mais uma vez neste caso se levanta o facto de que o grande problema nas relações internacionais é o facto de

⁵¹ BULL, Hedley - **A sociedade anárquica, Um estudo da ordem internacional**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 211

não haver uma Instituição supra nacional que exerce poder sobre os mesmos de formas a ordená-lo também e principalmente a nível da não efetivação do uso indevido da força.

Na sua importante obra “*Man, the state and war*”, Kenneth N. Waltz, distingue três imagens das relações internacionais, ou níveis de análises, segundo as quais é usual procurar analisar as causas da guerra.

“De acordo com a primeira imagem, é possível encontrar as causas da guerra na natureza e no comportamento humano. Os defensores da segunda imagem procuram explicações para a guerra na estrutura interna dos Estados, sendo que este grupo inclui tanto os liberais (que acreditam que os democracias são mais pacíficas que as ditaduras) como os marxistas-leninistas (que acreditam que os estados capitalistas fomentam a guerra, enquanto o socialismo conduz a paz). A terceira imagem apresenta as causas da guerra na forma conhecida dos teorizadores políticos clássicos incluindo Kant, Espinosa, Russou e, nos tempos modernos, o próprio Waltz juntamente com outros realistas e neo-realistas [...] como anarquia internacional – ou seja, a ausência dos instrumentos próprios da lei e da organização social, eficazes na manutenção da paz. Por estas palavras e de acordo com a terceira imagem de Waltz, é uma deficiência no sistema de estados que torna necessário que cada estado prossiga com seus próprios interesses e ambições e que, além do mais, aja como juiz em causa própria sempre que se envolve em disputa com outros estados. Por conseguinte, tudo isso torna os conflitos, incluindo algumas guerras ocasionais, inevitáveis e recorrentes, ao mesmo tempo que a expectativa da guerra se transforma num traço normal do sistema de estados.”⁵²

Outra explicação para a Guerra em estudo é que os choques de interesses entre dois Estados são tipicamente resolvidos pela imposição da vontade dum sobre o outro. Portanto a guerra é uma fase normal das relações entre dois Estados.

Tal como já descrevera Tucídides quanto ao que originara a Guerra do Peloponeso, o objetivo era segundo ele, «aumentar o poder de Atenas e no receio que isso provocou a Esparta». O mesmo impulsionou o acontecimento da Segunda Guerra mundial, sendo que

⁵² WALTZ, Kenneth N. - **Man, the state and war: A theoretical analysis**. New York: Columbia University Press, 2001. p. 222

a Alemanha granjeava aumentar seu poderio, provocando assim a outra potência, a Grã-Bretanha.

“As guerras no mundo não têm acontecido de forma natural e desmotivada no ponto de vista analítico para a sua execução, mas tem sido conscientemente orquestradas para os maiores benefícios a serem tirados. A guerra não acontece por acaso nem é motivada por forças emocionais ou provenientes do subconsciente; antes, a guerra deriva de uma «abundância excessiva de racionalidade analítica.»⁵³

As Guerras revelam uma abrangente expectativa funcional dos objetivos que os seus protagonistas desejam alcançar ao fazê-las acontecer. Em muitos casos é uma atitude frustrada como foi o caso da Geórgia ao atacar as regiões separatistas da Abekásia e Ossétia do Sul. A reflexão dos analistas procura entender os tipos de conflitos, como são elaborados e desenvolvidos para a sua execução.

O conflito Russo-georgiano é sem dúvida uma das principais demonstrações de força e presença na arena internacional por parte da Rússia, depois da Guerra Fria. Não pode de todo escapar-nos o facto da participação dos Estados Unidos no conflito como principal apoiante da Geórgia, facto que será explicado nas próximas linhas. Acreditamos que esta relação de cooperação Americano-georgiana precipitou o agravamento das relações com o vizinho gigante russo e desencadeou o conflito.

Quanto ao uso da força, Adriano Moreira escreve o seguinte:

“ Até a primeira guerra mundial (1914-1918), não existia uma proibição do uso da força nas relações internacionais, e a segunda convenção de Haia de 1907 apenas limitava o recurso à força para a cobrança de certas dívidas contratuais. ”⁵⁴

Obviamente que a noção do uso da força teve um desenvolvimento sem precedentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até os dias de hoje. O aparecimento de vários fatores ou passaram a caracterizar as relações entre os Estados depois da segunda grande

⁵³ HOWARD Michael - **The Causes of war and Other Essays**. Cambridge: MA, Harvard University Press, 1983, p. 22

⁵⁴ MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra: 2011. Editora Almedina, p. 306

guerra foram propiciando novas oportunidades para surgimento de tensões, conflitos no mundo.

Contudo, seguindo e analisando a apresentação de Adriano Moreira, entende-se que a construção dos ideais para o uso da força sempre foram liberais, ou seja, sempre foi aceite entre os Estados, entende-se também que é um recurso que os mesmos não descartam e sempre esteve em eminência no sentido de ser aplicado dentro do senso deliberativo de todos. Obviamente que hoje muitos estados condenam quando um outro usa contra um terceiro de forma não consensual, caso EUA-Iraque, mas todos eles têm a real ideia de que é necessário o uso da força ou que tenha em sua posse os instrumentos para tal.

A filosofia do uso da força era liberal até a primeira guerra mundial pelo facto de não existir naquela altura um órgão regulador como o que surgiu a posterior a II Guerra, a ONU. A ONU hoje define a questão do uso da força por parte dos Estado e também a manutenção da paz. De acordo com o artigo 51º da Carta da ONU, é patente a manifestação de que os Estados têm a opção de legitima defesa individual, mas que qualquer outra investida relacionada ao uso da força que deve regulada pelo conselho de segurança.

Os idealistas defendem que o órgão máximo que rege as relações Internacionais é o direito internacional. Seguramente no plano internacional, a ONU demonstra o Direito internacional disposição legal da sua carta. Esta situação cria um paradoxo porque no ponto de vista técnico-prático as incursões ao uso da força principalmente pelas potências mundiais têm sido levadas a cabo sem o aval da ONU, no caso específico do conflito russo-georgiano, o envolvimento russo no conflito efetivou-se sem o estabelecido no artigo 51. Mais uma vez notou-se a incapacidade do funcionamento do aparelho jurídico da ONU.

Outra questão que não limitou o uso da força por parte da Rússia foi a estrutura governativa do Estado, o sistema de governo russo facilitou a execução do ataque à Geórgia. Há uma diferença técnica para a execução no ponto de vista prático do uso da força nos Estados democráticos e nos totalitários. De acordo com a constituição russa, a Federação é democrática, mas não houve qualquer debate público, senso ou qualquer consulta popular para que se iniciasse qualquer bombardeamento a Tbilissi.

Adriano Moreira explica o seguinte acerca desta diferença técnica nos Estados de direito e totalitários para engendrar conflito pelo uso da força.

“Politicamente, o Estado de Direito teria assim a vantagem de usar a força, e o limite de apenas a poder usar de acordo com leis conhecidas, e nas condições exatas que as leis definem; os seus adversários sujeitos a ameaças legais, teriam porém a vantagem da criatividade, a possibilidade de utilizar qualquer meio de ataque, mesmo violento para se apoderarem da sede do poder.

O Estado totalitário, esse assume claramente a mesma criatividade e não se embaraça com a lei escrita para selecionar os meios de intervenção destinados a assegurar da sede do poder. Enquanto para o Estado de direito, de raiz liberal e democrática, a lei é também um instrumento, mas desde que em vigor funciona como um limite para o Estado totalitário a lei é um princípio-guia, um quadro geral indicativo, e um instrumento que pode a todo o momento ser substituído ou completado por outro por outro mais eficaz.”⁵⁵

O recurso à força foi para a Rússia no conflito em estudo, uma forma eficaz de demonstrar sua hegemonia na região. O poder da Rússia sobre a Geórgia não podia ser demonstrado por via diplomática, sendo este método internacionalmente aceite, aprovado e recomendado pela ONU, recordando que a característica dos conflitos no Cáucaso são muito sustentados pelo recurso à força.

“Apesar de internacionalmente condenado, o recurso à força toma formas cada vez mais variadas: corridas aos pressões, salvaguarda das posições adquiridas no quadro de certos sistemas económicos, reforços dos blocos e das esferas de interesse até à agressão. Afrontamentos através de terceiros, conflitos locais e limitados, intervenções armadas na ingerência nos assuntos internos de outrem.

O recurso à força multiplica-se igualmente sob a forma de procedimento hegemónicos mais diversos, tentando impor modelos de desenvolvimento estranhos ou impedindo mudanças sociais específicas.

As crises e os focos de crise agravam-se em redor das zonas delimitadas por blocos ou quando arbitrariamente entendidas como zonas vitais e, alguns poderes anunciam o seu direito de intervirem militarmente, nas regiões ricas em produtos energéticos essenciais.”⁵⁶

Subscrevemos a opinião de Manuel Martins Lopes e aplicamos ao conflito russo-georgiano salientando que para a defesa dos seus interesses económicos e geoestratégicos, era vital para a Rússia usar a força de forma a impor a sua vontade ou forma de pensar à Geórgia. O uso da força vem servir também para forçar a sujeição dos oponentes a

⁵⁵ MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra: Editora Almedina, 2011, p. 223

⁵⁶ LOPES, Manuel Martins - **A problemática dos conflitos regionais**. Lisboa: Leilões. 1991, p. 270

potencia ou o Estado que a usa. Neste caso específico podemos afirmar que a Geórgia submeteu-se a Rússia, primeiro porque as regiões separatistas, se separassem de facto e também porque não houve qualquer represália ou resposta armada nos últimos cinco anos desde que terminou o conflito.

O uso da força no Cáucaso não é o instrumento mais apropriado pelo facto de ainda haver um grande peso do passado que sobre os ânimos dos Estados na região. Certamente que a solução pacífica para os desentendimentos que podem levar ao uso da força na região passa pela aplicação dos princípios diplomáticos e na base do direito internacional.

Dando continuidade a nossa explicação deste conflito, gostávamos de demonstrar mais as teorias explicativas que balizam o entendimento das Relações Internacionais e inclusive os conflitos de várias ordens que se colocam entre os Estados e outros atores da Relações Internacionais.

No entanto, Alberto Kizua, confere que:

“Para os realistas, como ficou demonstrado pela fraqueza da SDN (Sociedade das Nações), pela agressividade hitleriana e japonesa, pela efervescência da Guerra Fria, a paz mundial não pode ser assegurada pelas Organizações Internacionais com base no Direito Internacional, mas sim pelo estabelecimento de equilíbrio de forças, de uma balança de poderes que evite a hegemonia e os apetites expansionista de qualquer potencia, porque numa comunidade interestadual, cada um dos seus membros procura satisfazer os seus interesses nacionais através da afirmação do poder”⁵⁷.

Esta explicação de Alberto Kizua sobre a essência da teoria realista é absolutamente aplicável se quisermos perceber de facto o que se passou na região do Cáucaso em Agosto de 2008. O mundo depois do fracasso da SDN e dos sucessivos insucessos da ONU tem perdido a confiança na capacidade de resolução dos conflitos por parte das Organizações internacionais, pelo que na nossa opinião tem acontecido devido a fraca aplicação das resoluções por elas tomadas. A título de exemplo, temos a ONU que mesmo depois de

⁵⁷ KIZUA, Alberto - **Manual de Teoria das Relações Internacionais**. Universidade Privada de Angola. Luanda: 2004, p. 31

repudiarem a tentativa de ofensiva dos EUA ao Iraque não foi capaz de impedi-la e mesmo depois da ofensiva não sancionou.

Obviamente tudo isto se deu pelo facto dos EUA serem a nação mais poderosa do mundo e conseqüentemente o maior contribuinte do orçamento geral da Organização em causa. Os realistas dão maior primazia ao poder, não descoram da importância que os outros mecanismos como a negociação, a diplomacia, por exemplo têm, mas não os consideram suficientemente fortes para serem os mais decisivos.

A relação da Rússia com os seus oponentes, penderes na maior parte das vezes pela demonstração de força, principalmente na fase em que o mundo estava dividido em dois blocos. Recordamos o exemplo aquando da sublevação política na Hungria em 1956 e na Checoslováquia em 1968, por tentarem estabelecer políticas próprias, com um certo grau de independência em relação as determinações do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Nos dois casos, o poder central mandou suas tropas e seus tanques, a rebeldia foi rapidamente controlada. As participações na primeira e segunda Guerra mundial vieram principalmente com esta ultima marcar a capacidade de intervenção da Rússia. Facto este que foi reforçado com a obtenção da Bomba Atómica (A) em 1949 (H) em 1953.

As teorias explicativas sobre as Relações Internacionais, revelam-nos a possibilidade de entendermos melhor as Relações Internacionais, tal como dissemos nos parágrafos atrás.

Outra teoria clássica, é sem dúvidas a teoria idealista, Demétrio Magnoli no seu livro “*Relações Internacionais, teoria e história*”, faz uma abordagem sobre esta teoria que se consubstancia no seguinte:

“No pensamento idealista, o uso eventual da força pelos Estados, encontra justificativa apenas pelo desígnio de eliminar a força do interior do sistema, resguardando a justiça internacional das agressões de agentes que não compartilham as regras consensuais. De certa forma, ecos da visão Rousseana do contrato social ressurgem aqui em um contexto específico. Os Estados formam uma “Comunidade Internacional”, assentada sobre um contrato moral baseado na noção de justiça.

Esta antiga tradição filosófica corporificou no mundo anglo-saxão, sob a forma de reação moral aos horrores da primeira Guerra Mundial (1914-1918). As doutrinas e políticas formuladas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha no final da guerra e no entre guerras, expressaram a rejeição prática estabelecida da “política da força” e refletiram a vontade de submeter as relações entre os Estados ao Império da lei.

A escola idealista assenta-se sobre a ideia iluminista da possibilidade de uma sociedade perfeita. Esta tieta moral condiciona o carácter francamente reformista dos autores idealistas que se preocupam em adaptar o Sistema Internacional às exigências do Direito e da Justiça. Os célebres “catorze pontos” do presidente americano Woodrow Wilson, bem como os princípios fundadores da Liga das Nações, inscrevem-se como exemplos da influência idealista do diplomata do Séc. XX.”⁵⁸

As duas teorias de interpretação das Relações Internacionais, demonstradas aqui por Alberto Kizua e Demétrio Magnoli, nos dão a possibilidade de analisar melhor a atitude da Rússia, que se fundamentou no uso da força, sustentado pelo artigo 51º da Carta Magna das Nações Unidas que dá direito a legítima defesa no caso de um ataque armado contra um membro das Nações Unidas. Ora, este facto sustenta a afirmação do Embaixador da Federação Russa em Angola, Serguei Nenáchev que disse em entrevista à Angop no dia do aniversário do conflito russo-georgiano, que a Rússia saiu em defesa pessoal e saiu em legítima defesa quando intervieram na Ossétia do Sul.

Podemos ainda concluir que este conflito, sob o olhar da teoria idealista, que prima pelo direito internacional e pelas Organizações Internacionais, que a Rússia usou a norma do Tratado Internacional para legitimar a sua ofensiva armada e discordo assim do Embaixador russo que salientou que seu país somente saiu em defesa própria.

Este conflito serviu ainda a Rússia para mostrar o seu poderio e controle da região, face a forte aproximação norte-americana na região, tanto pelas relações diplomáticas como pela parceria a nível das forças armadas, como foi declarado durante a visita à Geórgia, da então Secretária do Estado Norte-Americano, Condolesse Rice.

Acerca do conflito russo-georgiano Maria Raquel Freire, conclui que:

“Com esta ação militar, Moscovo pretende travar o alargamento da NATO, fazer recuar a presença ocidental da CEI, e deixar um sinal de aviso às antigas Repúblicas quanto ao seu poder, influência e capacidade de ação. E, de facto, a Rússia conseguiu com a intervenção na Geórgia, ganhos em diferentes níveis; a nível local, com o enfraquecimento da república georgiana, uma dupla vitória face a um apoio ocidental que não se materializou como Tbilissi esperava; a nível regional, com Moscovo a reafirmar-se na área e a sublinhar o seu envolvimento em matéria de interesse estratégico; a nível internacional, demonstrando que a política de contenção face ao ocidente não é mera retórica. No entanto, e apesar do nível de tensão, o discurso de nova Guerra

⁵⁸ MAGNOLI, Demétrio - **História e Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2000, p. 104

Fria é desajustado num cenário onde a resposta é cautelosa e a Rússia se mantém disponível para dialogar.

Num mundo multipolar assimétrico, a Rússia deixa assim, com a sua intervenção de força na Geórgia um aviso claro: Quer ser ouvida. Quanto aos Estados Unidos e a UE, além de condenarem esta ação, desconforme com os cânones Internacionais (e que a Rússia deve entender como tal), devem também saber ouvir”⁵⁹.

Para inferir o capítulo em análise, é imprescindível salientar que a Rússia ao derrotar a Geórgia no conflito armado, estava, sobretudo, cimentando seu poder imperialista na região. A Rússia tem todo um passado imperialista sobre a região favorável a si. E certamente os regimes democráticos e os acordos entre a Geórgia e os Estados Unidos da América têm inquietado o ‘gigante da região’.

Contudo, acreditamos que o poder deve ser exercido pelo Estado que de facto o tem, e a Rússia não pode partilhar espaços e zonas de influência perto do seu território. A título de exemplo, nos recordamos que a política do “*Big Stick*” ou “grande porrete” formulada pelo antigo presidente norte-americano James Monroe, que dizia que “*América é para os americanos*”, afastava qualquer potência mundial de intervir no continente americano porque é zona de influência dos EUA.

A Rússia tem de outras formas levado a cabo as mesmas políticas e na nossa opinião deve continuar a fazê-lo e inclusive com intervenções militares como foi o caso recente com a Geórgia. Temos uma visão realista, e nos baseamos no poder como um dos principais fatores nas relações Internacionais, acreditamos que não existe outro Estado na região com poder suficiente para suplantar o da Rússia e isto é fator determinante para que esta potência nuclear possa fazer valer seus interesses na região.

⁵⁹ FREIRE, Maria Raquel - **Uma nova guerra fria**. IPRI: 2009 [Consult. 21 Fev. 2014]. Disponível em: <URL:http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992008000300005>, p. 53

5.5 - O CONFLITO E AS SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES ENTRE A RUSSIA E OS EUA

Analisar o conflito russo-georgiano e suas consequências nas Relações entre os Unidos da América e Rússia, é uma tarefa muito sugestiva pelo facto de tratar-se de um conflito onde esteve envolvida uma das grandes potências mundiais, a Rússia, contra um pequeno Estado vizinho, a Geórgia, que por sua vez era apoiada pelos Estados Unidos, outra grande potência mundial. Convenceu-nos o facto de que há aqui uma série de fatores importantíssimos a analisar. E não esquecendo o facto da característica controversa e imprevisível da Rússia que são as de não ser clara nas suas posições nos grandes dossiês internacionais como a que tem tido na questão nuclear do Irão a Síria e agora recentemente com os acontecimentos na República vizinha da Ucrânia e em outras questões de repercussões mundiais. Suscitou-nos o interesse de analisar a fundo o tema e poder esperar por consequências nefastas para as Relações entre os Estados Unidos da América e a Rússia.

Durante muito tempo, principalmente depois da Segunda Grande Guerra, o mundo ficou dividido em dois grandes blocos. Na esfera política, económica e ideológica. Esta divisão formou uma nova ordem mundial que norteou o mundo consequentemente durante anos. Com o fim da Guerra Fria, que aconteceu principalmente devido ao desmoronamento da União Soviética, muitos Estados passaram a ser palco de novas zonas de influência. Assunto este que na nossa opinião passa a ser sem dúvidas um dos fatores principais do conflito.

Conforme ora argumentado, a região do Cáucaso é uma zona de influência exclusiva da Rússia ou pelo menos ela pretende que seja. Com o derrube do Muro de Berlim este quadro geopolítico muda quase que drasticamente, passando a ser uma zona de relações privilegiadas dos Estados Unidos da América, fornecendo apoio económico e bélico aos países da região e estrategicamente se colocando cada vez mais perto da Rússia.

A queda do muro de Berlim deixou muitas situações por se resolver. O conflito russo-georgiano é um caso prático porque ainda continua a ser um espaço de disputa das grandes potências. E fundamentalmente porque a questão no Cáucaso é sem dúvidas muito problemáticas. Numa Mazati e Franklin Serrano nos trazem um trecho do que tem sido as relações entre os dois estados e principalmente nas últimas duas décadas.

“Neste novo contexto, as relações entre a Rússia e os Estados Unidos da América (EUA) mudaram bastante em relação ao que podia ser observado durante a Guerra Fria. Nas duas últimas décadas, essas relações conheceram uma trajetória conturbada, principalmente ligada às mudanças internas da própria Rússia. Assim, aparece claramente uma primeira fase, que corresponde aos anos 1990 e à presidência de Boris Ieltsin, quando a Rússia, extremamente enfraquecida por seu processo de transição do socialismo para o capitalismo, adotou uma política externa pró-ocidental de “cooperação” com os EUA. Essa tentativa de aproximação do Ocidente foi usada pelos Estados Unidos para enfraquecer sistematicamente o poder do Estado russo. A Europa, também, como aliada subordinada dos norte-americanos, participou deste processo que lhe permitia reduzir o perigo potencial que a Rússia poderia vir a representar para sua própria segurança.”⁶⁰

Passaremos em seguida a uma demonstração histórica recente do rumo das relações entre a Rússia e os Estado Unidos da América de formas a ajudarmos a compreender o fio de pensamento que as duas potencias têm uma pela outra, até chegarmos o conflito que é nosso objeto de estudos e as suas consequências nas relações entre as duas.

“A relação EUA-Rússia esteve no seu melhor ponto, no período imediato que se seguiu ao ataque terrorista nos EUA no dia 11 de Setembro de 2001, com George W. Bush presidente americano e Vladimir Putin como presidente russo. Os eventos de “11 de Setembro” mudaram dramaticamente a atitude de Washington em relação a Moscovo, e forneceram um grande apoio emocional para os EUA na Rússia. Por esta altura, os EUA estavam menos preocupados com a evolução interna da Rússia, e mais preocupados em receber a ajuda de Moscovo, ou, pelo menos, evitar a sua obstrução, nas questões internacionais prioritárias para Washington, como a luta contra o terrorismo. Putin reafirmou o seu apoio contra a Al-Qaeda e os Taliban, concedeu direitos de passagem de aviões americanos no território russo, e concedeu bases aos EUA na Ásia Central. Claro que Putin tinha em mente os interesses próprios da Rússia, considerando que os EUA iriam ajudar a Rússia na sua luta pessoal com o terrorismo islamista. Tal com outras alianças, a cooperação entre russos e americanos no contra-terrorismo existe devido a interesses partilhados, e não, devido a uma ideologia comum ou amizade. Foram circunstâncias favoráveis para a construção de uma parceria, que se visionava, forte e duradoura, sendo que, a Rússia juntou-se aos EUA no esforço para lidar com o terrorismo transnacional, uma nova ameaça muito real e prioritária na agenda dos governos. O terrorismo passou a fazer parte dos assuntos prioritários de Putin e Bush, que contemplavam também, a proliferação nuclear e a questão energética. O próprio governo de Washington trabalhava ativamente para que Moscovo entrasse na luta contra as ameaças globais, o que é bastante significativo, tendo em conta o passado. Todos os outros possíveis pontos de fricção entre os dois países eram ultrapassados ou “esquecidos” por alguns tempos para que a cooperação continuasse forte. Putin demonstrou, naquela época emocional para o sistema internacional, um compromisso com o Ocidente que foi bem visto pelos

⁶⁰ MAZARAT, Numa; SERRANO Franklin - **A Geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da Cooperação ao Conflito**; [Consult. 01 Mar. 2014] Disponível em: <URL:http://www.ie.ufrj.br/images/posgraduacao/pepi/Seminarios/geopolitica_russia_Fraklin_Serrano_Numa_Mazat.pdf>. p. 2

principais líderes europeus e norte-americanos. O efeito de aproximação que o “11 de Setembro” provocou entre Moscovo e Washington, foi notório, de facto, e Putin ficou com a reputação de líder que pretendia modernizar realmente o seu país. O período de forte cooperação foi benéfico para a campanha dos EUA no Afeganistão, já que, a Rússia partilhou informações dos seus serviços de intelligence muito úteis para os estrategas militares americanos. A Rússia colaborou com os EUA na questão da não-proliferação nuclear e armas de destruição massivas, entrando em contactos diplomáticos com a Coreia do Norte, dando importância ao sector da segurança global.”⁶¹

Acertadamente depois da Guerra Fria, os acontecimentos do 11 de Setembro foram o momento de maior aproximação entre a Rússia e os Estados Unidos da América, foi um acontecimento onde os Estados Unidos procuraram aproveitar para com uma certa persuasão trazer ao seu conhecimento quem estava do seu lado e quem não estava. Acreditamos que a posição da Rússia em colaborar com os americanos não era no sentido de temer ataques ou qualquer outra punição de Washington, mas o de aproveitar o momento para alcançar objetivos tal como a luta contra o terrorismo islamita, e tal como foi dito na citação acima, e outros interesses partilhados que em outra ocasião não era possível aproveitando a fraqueza emocional do seu “opositor”.

O período de boas relações entre os dois países não durou muito tempo, elas se viram impedidas por uma questão que mexeu com as relações dos dois estados e do mundo “O Iraque”. No *dossier* Iraque os Estados Unidos movidos por uma vontade de décadas em retirar Saddam Hussein do poder e também motivada por aspirações económicas, não se limitou mesmo de forma unilateral em atacar o Estado asiático. Esta posição americana feriu o orgulho russo sendo que a mesma opôs-se a invasão e inclusive aliou-se a França e a Alemanha, mas não foi possível travar o avanço americano. Obviamente que neste processo, os russos tinham seus interesses no Iraque, mas se viam de braços atado pelo facto de não ser ter sido viável na altura uma posição drástica russa pelo ainda frágil processo de recuperação económica que desenvolvia na altura.

Um dos expoentes máximos da política russa nos últimos anos tem sido o seu atual Presidente, Vladimir Putin. Achamos importante buscar os últimos acontecimentos na Rússia e mostrar como tem sido a relação dos dois Estados e principalmente dentro do legado de Putin, suas colaborações e principalmente os desentendimentos.

De facto com a chegada de Vladimir Putin ao poder no Kremlin, as relações russo-americanas, tornaram-se mais tensas pelo facto de Putin considerar que a Rússia tivera

⁶¹SOUSA, Pedro - **Relações EUA-Rússia: Os Anos Recentes**; [Consut. 22 Abr. 2013]. Disponível em: <URL:<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/working-papers/relacoes-externas-de-portugal/relacoes-eua-russia-os-anos-recentes/Relacoes-EUA-Russia-Os-Anos-Recentes.pdf>>, p. 7

perdido o poder e o protagonismo com o fim da União Soviética e com o ingresso de muitas das ex-repúblicas Soviéticas a NATO e a União Europeia. No Governo de George Bush, Vladimir Putin teve uma posição em termos de política externa com os Estados Unidos da América, uma posição extremamente diplomática.

Com o 11 de setembro em 2001, aconteceu algo que surpreendeu o mundo, que foi a declaração de ajuda aos Estado Unidos por parte da Rússia na luta contra o terrorismo. Este clima de entendimento e de colaboração não dura muito tempo pelo facto de em 2003 com a Guerra do Iraque, Putin ter-se oposto a intervenção americana. Putin ainda em 2003 opõe-se ao avanço da OTAN no leste europeu, sendo esta uma zona de influência russa durante o período soviético, concluindo também que as intensões americanas em explorar os recursos energéticos na região, contrariavam os interesses russos. A esta situação os americanos rebateram afirmando que a Rússia estava a ter atitudes não democráticas e que não era este o caminho a seguir, colocando assim a relação entre os dois estados, mais uma vez em situação conturbada.

Tal como já fora referenciado neste estudo, a relação entre os dois estados teve seu pior momento segundo muitos analistas, em 2008 quando os Estados Unidos da América decidiram construir um escudo anti míssil na Europa, com o propósito de impedir que ataques por mísseis proveniente dos regimes iranianos e norte coreanos pudessem atingir a Europa. Putin obviamente notou que a conclusão deste projeto americano ameaçava a Rússia e construiu “o míssil balístico continental”, era capaz de destruir o sistema americano, esta atitude russa provocou a descontinuidade da construção do sistema americano na Polónia.

Em 2008, as relações entre os dois estados tomaram mais uma vez uma caracter rústico, a quando do ataque da Geórgia a região separatista da Ossétia do Sul. Este momento teve repercussões alargadas pelo facto da Geórgia estar sendo apoiada pelos Estados Unidos e a Rússia atacar a Geórgia saindo em defesa dos seus cidadão que habitavam na região, conflito este que é o nosso motivo de estudo.

Uma última questão mais atual e que provocou embaraço na relação entre os dois estados foi a questão da redução do arsenal nuclear que foi iniciado com o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START I) de 1991.

Vladimir Putin é tido por muitos analistas com o presidente que tem procurado dar um rumo mais equilibrado possível as relações entre os Estados Unidos da América depois da Guerra Fria. Da Guerra Fria (1990) até a chegada de Vladimir Putin a presidência russa de 2000 a atualidade, tem de várias formas procurado desenvolver a economia russa. Vladimir Putin compreende que existe um grande fosso em termos de capacidade económica entre a Rússia e os Estados Unidos e que não existe outra forma de equilibrar que estruturar um economia que funcione de facto.

Ainda nessa senda de ideias Vasco Rato analisa que:

*“Putin, laconicamente, limitou-se a caracterizar os Estados Unidos como «um parceiro» do seu país. Meses mais tarde, no seguimento dos ataques de 11 de Setembro de 2001, Putin, ciente das vantagens que poderia colher junto do Presidente americano em resultado do combate que conduzia contra o «terrorismo checheno», decidiu reforçar a cooperação com Washington através da partilha de intelligence e do fornecimento de armas à Aliança do Norte afegã. Não menos importante, anuiu perante o «estabelecimento temporário» de bases militares americanas nas ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central. Espelhando a colaboração evidenciada durante os primeiros meses da «guerra contra o terrorismo», a Estratégia de Segurança Nacional (esn), publicada em Setembro de 2002, afixava que a relação entre os Estados Unidos e a Rússia passara do «confronto à cooperação». A avaliação relativamente benigna do relacionamento russo-americano contida na esn, não era, porém, partilhada por Moscovo. Os acontecimentos que decorreram dos ataques da Al-Qaida a Nova Iorque e Washington – particularmente a presença de bases militares americanas na Ásia Central – levaram grande parte do establishment de segurança nacional russo (os siloviki, a base do poder político de Putin) a concluir que Bush visava apertar o «cerco estratégico» que começou a ser preparado com a expansão da NATO para leste. Esta leitura dos objetivos americanos consolidar-se-ia durante os meses que antecederam a investida militar no Iraque. Com o intuito de quebrar o «cerco», Putin desenhou uma grande estratégia para pôr fim à hegemonia americana que, na ótica do Kremlin, relegara a Rússia para um segundo plano entre as grandes potências”.*⁶²

Num acontecimento mais recente, Washington e Moscovo, declararam:

*“Durante a Cúpula de 24 de maio de 2002 em Moscovo, na Declaração Conjunta do Presidente George W. Bush e do Presidente Vladimir V. Putin sobre o Novo Relacionamento Estratégico entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa, os dois lados declararam que a era em que os Estados Unidos e a Rússia tratavam um ao outro como inimigos ou como ameaça estratégica acabou. São parceiros e vão cooperar para promover a estabilidade, segurança, integração económica e enfrentar juntos os desafios globais e ajudar a solucionar conflitos regionais. Respeitarão os valores essenciais de democracia, direitos humanos, liberdade de expressão e média livre, direito da lei e oportunidades económicas. Tudo isso será a fundação para a cooperação entre eles. Ao rejeitar o modelo de rivalidade entre grandes potências, os dois presidentes fortaleceram seus compromissos referentes ao combate do terrorismo internacional.”*⁶³

Para terminar a análise histórica das relações recentes entre os dois países, apresentamos a opinião de Alexandre Reis Rodrigues sobre qual será a provável posição dos Estados

⁶² RATO, Vasco - **À procura da alma de Putin: A Rússia e as eleições americanas**. R:I. ISSN 16455-9199. VOLUME Nº 20. (2008), p.5

⁶³ KORTUNOV, Sergei - **Washington is renouncing the ABM Treaty**. International Affairs, Moscovo: 2002, pp. 68-74

Unidos nos próximos anos e qual deverá ser o trunfo de Moscovo para que possa obter maior paridade com os Washington.

“ Em quase tudo continuará a haver dificuldades:

1. Os EUA querem evitar a ressurgência da Rússia e por isso não vão desistir de a tentar confinar ao seu próprio espaço, usando todos os mecanismos ao seu dispor para não a deixar “recuperar” progressivamente as áreas de influência que estiveram sob o seu controlo durante a Guerra Fria; um desses mecanismos será o alargamento da NATO, vista por 40% da população como a principal ameaça e que agora se aproxima de uma zona de extrema sensibilidade, a da Ucrânia. A seu favor, os EUA têm a determinação do atual líder ucraniano para tentar libertar o seu país da influência russa mas a base de apoio popular em que essa decisão se deve basear está longe de ser inequívoca. Na Geórgia, com duas províncias separatistas, muito ligadas à Rússia, a situação é talvez mais complexa.

2. A Rússia não vai querer ceder mais espaço, leia-se influência; considera que já foi longe demais quando, para salvar a economia, então perto do colapso total, se viu obrigada a desistir da paridade estratégica com os EUA e deixar criar alguns vácuos à sua volta, para poupar o essencial. Este processo, iniciado por Andropov, teve o seu ponto crítico com Ieltsin, altura em que o PIB caiu 40% e a Rússia deixou, aos olhos do Mundo, de ser uma superpotência militar. Para manter a mesma importância geopolítica teria que gastar muito mais do que poderia disponibilizar sem pôr em causa, de forma inaceitável, a sobrevivência da sua já massacrada população. Por momentos, passou de pobre, mas militarmente forte e influente, para ainda mais pobre e militarmente fraca.”⁶⁴

A maioria dos analistas e observadores europeus e também norte-americanos, mais realistas ou mais liberais, consideram que a guerra na Geórgia marca uma rutura nas relações entre os países ocidentais, e a EU em particular, e a Rússia. Ronald Amus, analista norte-americano, próximo do partido democrata, afirma que a «invasão alteou as regras do jogo». Para Michael Emerson, investigador num dos principais *think-tanks* (CEPS) de Bruxelas, a guerra da Geórgia foi «uma pequena guerra com implicações maciças». Charles King, Professor da Universidade de Georgetown, considera «que a crise na Geórgia marca o fim do respeito da Rússia pelas regras regionais existentes e o início de um multilateralismo russo».

⁶⁴ RODRIGUES, Alexandre Reis - **As relações Russo-Americanas**. [Consut. 20 Mar. 2014] Disponível em:<URL: http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/russia/As%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Russo%20Americanas.pdf> p. 1

Quanto ao que Rússia queria mostra ou mundo e aos Estados Unidos com a guerra na Geórgia, João Marques de Almeida fornece o seguinte:

*“Moscou enviou três sinais a Europa, aos Estados Unidos e ao resto do mundo. Antes de mais, há uma esfera de influência russa junto das suas fronteiras onde Moscovo faz o que for necessário para defender os seus interesses e de modo unilateral. Em segundo lugar, a Rússia de Medvedev-Putin não hesita, nem teme, em hostilizar o «ocidente». Pelo contrário, pretende demonstrar os limites de poder quer dos países europeus, quer dos Estados Unidos, e mostrar um novo equilíbrio de poder regional, mais favorável aos russos. Por fim, a Rússia reserva o direito de recorrer ao uso da força militar para prosseguir e defender interesses políticos.”*⁶⁵

Contudo, achamos não ser necessário a Geórgia radicalizar constantemente as relações com o vizinho russo e privilegiar as suas relações com os Estados Unidos da América, que é sem dúvida o “grande inimigo russo”. Concluimos ainda que, os contínuos avanços feitos pela Geórgia antes do ataque para aderir a União Europeia e a NATO, irritaram os russos, que pretende que seus vizinhos não alterem de dependência russa na região caucasiana.

Uma questão emerge ainda dentro desta análise. O que os georgianos aprenderam com o conflito? Tal como dissemos atrás, e ao contrário de muitas teorias das Relações internacionais, o mundo tem sido maioritariamente guiado não pelas doutrinas pacifistas, mas pela vontade de materialização dos interesses de cada Estado, principalmente grandes potências mundiais. Os interesses dos Estados ainda têm suplantado todas as outras forças teóricas dentro das Relações Internacionais. Vejamos por exemplo que recentemente aconteceu em Copenhaga na Dinamarca a conferência do clima que fracassou totalmente porque as grandes potências não se reviam no que a maior parte das forças mundiais defendiam, colocando em causa a existência do planeta em que vivemos todos, e situações a esta existem muitas mais nas relações internacionais.

⁶⁵ ALMEIDA, João Marques de - **A União Europeia e a Rússia após a crise na Geórgia**. IPRI, 2088, [Consult. 02 Jul. 2011]. Disponível em: <URL:<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a02.pdf>>. Lisboa: p. 23

Acreditamos que para os georgianos, é importante que não se posicionem nas Relações com as superpotências como se tem posicionado até agora, privilegiando as relações com os Estados Unidos em detrimento da Rússia, principalmente porque os interesses americanos na região são maioritariamente propositados em alvejar ou prejudicar a Rússia a longo ou médio prazo. Sabemos também que nas Relações Diplomáticas, existem relações privilegiadas com uns e não com os outros, sendo que as relações são baseadas também em fatores históricos, culturais, étnicos, religiosos e mais. E nem todos os Estados respondem as mesmas condições. Por exemplo as relações que Angola tem com as Honduras não devem comparar-se com as com Portugal, mesmo com o mau momento que se vive, mas o que deve haver é um equilíbrio, e é isto que acreditamos que a Geórgia não tem conseguido ou pretendido efetivar. Prevemos que com a mudança de governo possa haver uma transformação nas relações entre os dois países sendo que o vencedor é de um partido pró-russo.

Os Estados Unidos, a Rússia devem ter seus interesses assentes na Geórgia de forma equilibrada para que desta maneira pudessem dar seu contributo nesta coexistência pacífica ainda existente no mundo, se bem que de acordo com o historial de rivalidade dos dois isto seja muito pouco provável. Geórgia deve a atrair investimento de todos os países, inclusive dos emergentes, tais como a China, Brasil, Índia, os Tigres Asiáticos que são Hong-Kong, Taiwan, Singapura e Coreia do Sul, e assim poder desenvolver suas relações e seu próprio país. Desde que a materialização destes interesses não traga desvantagens para seu próprio povo.

Ainda nesta abordagem final sobre nosso estudo, gostávamos de citar parte de uma análise de George Friedman, sobre a sua previsão a relação futura dos Estados Unidos da América: Segundo Friedman:

“A Geórgia tem vindo a esgotar os Estados Unidos, oferecendo poucos benefícios. Por este motivo, a estratégia na Geórgia devia ser eliminada. Trata-se de um resqúicio de um período durante o qual os americanos acreditavam que tais posições eram desprovidas de riscos e de custos. Numa altura em que os riscos e os custos estão a aumentar, os Estados Unidos têm de gerir a sua exposição com mais cuidado, reconhecendo que a Geórgia é mais um passivo do que ativo. Na próxima década vai haver uma pequena janela durante a qual os Estados Unidos vão poder retirar-se da Geórgia e do

Cáucaso sem provocar danos psicológicos à nova coligação. Contudo, o mais provável é que abandonar a Geórgia viesse a criar incerteza psicológica na Polónia e nos países intermarium. [...] Assim, repensar a Geórgia o mais cedo possível tem quatro vantagens. Em primeiro lugar dá aos Estados Unidos tempo para estabilizarem a psicologia dos intermarium. Em segundo lugar deixa claro que os Estados Unidos estão a agir no sentido de tomarem essa decisão pelos seus próprios e não devido a pressão da Rússia. Em terceiro lugar, vai demonstrar aos turcos que os Estados Unidos conseguem mudar de posição, tornando a confiante Turquia mais cautelosa em relação aos Estados Unidos.”⁶⁶

Nota-se na observação deste especialista que a Geórgia não tem muito a ganhar com os Estados Unidos no ponto de vista de uma consistente posição perante a Rússia, a não ser a de ser usada para que os Estados Unidos se posicionem estrategicamente mais próximo da Rússia e esta efetivação é muito pouco provável de acontecer pelo facto de a Rússia conhecer bem os interesses norte americanos na região e objetivamente negar e impedir ao máximo qualquer projeto que periguesse seu estado como foi da tentativa de instalação do escudo anti-missil na Polónia e na Ucrânia. Tal como disse Friedman, em curto prazo os Estados Unidos vão se retirar da Geórgia pelo facto e não tencionarem principalmente se oporem aos interesses russo na região, sendo que com o ataque a Geórgia a Rússia mais uma vez deixou claro que não tem qualquer problema em hostilizar o ocidente com ações idênticas e também porque não é intenção dos norte-americanos se desentenderem em termos de entendimento com a potência na região.

Ao estabelecer relações com a Geórgia, os Estados Unidos fizeram promessas que agora lhes será difícil cumprir, até porque o cumprimento destas promessas colocariam mais ainda a Geórgia na mira dos Russos e a possibilidade de outros conflitos estaria sempre aberta e com certeza aumentar mais o contencioso entre a Rússia e os Estados Unidos.

No ponto de vista estratégico, não só a Geórgia tem pouca importância para os Estados Unidos e é absolutamente importante para a Rússia, principalmente porque ajuda a

⁶⁶ FRIEDMAN, George - **A próxima Década**. Lisboa: Dom Quixote. 2013, p. 176

proteger a sua fronteira a sul e também como é sobejamente conhecido, facilita a transportação de petróleo e gás para fora da Rússia pela Geórgia, mas concretamente para a Ásia e Europa.

Ao obtermos estes dados e refletirmos a fundo na questão, concluímos que o conflito russo-georgiano suscitou muitas interrogações e trouxe algumas certezas com relação ao que iria suscitar. A primeira foi o facto de que o mundo estava a voltar ao estágio da Guerra Fria, o cenário estava criado sendo que uma potência a Rússia atacou um estado menos forte que era apoiada por outra potência que é os Estados Unidos. Talvez tenha sido uma abordagem excessivamente positivista no ponto de vista do confronto entre as duas potências mundiais.

Na Guerra Fria os dois blocos criava a chamada correlação de forças que estabelecia um balanço de poder nas relações internacionais, a entrada da Rússia com as suas tropas a 8 de Agosto veio marcar na nossa opinião o fim do unipolarismo do mundo que detinha os Estados Unidos. Concordamos que após o conflito na Geórgia a postura dos americanos mudou consideravelmente sendo que com relação a outros *dossiers* mundiais teve de ponderar a posição da Rússia para tomada de qualquer decisão, como é por exemplo no caso do dúbio programa nuclear iraniano.

Comprendemos também que os Estados Unidos estão neste momento em estado de contenção forçada porque se vê a braços com uma recuperação económica cada vez mais desacelerada resultado de uma receção e pelo facto de estarem em retirada estratégica de algumas empreitadas militares como é o caso do Afeganistão sendo que em situação normal a potencia América já mesmo unilateralmente se colocaria em disposição para atacar o regime sírio, mas não há condições nem materiais nem psicológicas para operações de carácter desgastante a este nível.

O fim do Unilateralismo americano ficou acentuado também porque depois do ataque russo notamos que a União Europeia se dignou somente a condenar os ataque e não partiu para qualquer sanção trágica contra a Rússia. A União Europeia é um forte aliados dos Estados Unidos, mas se sentiu encurralada porque neste momento ela precisa mais da Rússia do que o contrário.

Em segundo lugar, concluímos que este conflito veio marcar o reaparecimento da Rússia no cenário mundial. Obviamente que pela duração do conflito o ceticismo pode procurar encobrir a realidade dos factos pelos cinco dias que foram, mas a verdade é que depois do fim das Repúblicas Socialista Soviética a Rússia não mais investiu em uma aventura bélica como esta na Geórgia. E já se estava a dar mostra deste comportamento porque a posição russa foi enérgica a quando da instalação do escudo antimíssil americano na Euroásia.

Em terceiro lugar, concluímos que este conflito veio acirrar ou então reforçar o acirramento das relações entre os Estados Unidos e a Rússia, sendo que entrou a discussão sobre o tratado nuclear. Esta é uma das consequências que mais gritantes sendo que o mundo reconhece os efeitos nefastos as armas de destruição em massa. É claro que o fim ou o bloqueio deste tipo de negociações não levariam nem uma nem outra potencia a utilização das mesmas, mas coloca sempre o mundo em estado de alerta pelo facto de não permitir o andamento de um processo que se espera seguro. Tal como proferiu George O conflito Russo-georgiano não trouxe resultados suficientes capazes de atrair as duas superpotências a se digladiarem diretamente, mas levou a que muitas situações como as citadas acima fossem levadas em conta e obviamente pra surpresa de toda a comunidade internacional trouxe o regresso da Rússia ao cenário internacional com suficientemente capaz de decidir avançar por si mesma nos objetivos que tem de revalidar o Cáucaso como uma zona de influência exclusiva sua e enviar um recado importante para o seu oponente e aos Estados Unidos em particular que no jogo de decisão mundial ela não está sozinha.

Em quarto lugar e de forma mais conclusiva, passaremos a citar algumas questões iniciais que foram levantadas no início do estudo e que são de uma magnífica importância para o entendimento do tema em causa que nos fascinou investigar e trazer este pequeno contributo a ciência. O mundo viveu durante muito tempo, mais concretamente depois da segunda guerra mundial até o derrube do Muro de Berlin, aquilo que chamamos de Guerra Fria. Esta “Guerra,” tinha como seus dois grandes contendores os estados Unidos de um lado e a União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS) do outro. As duas conseqüentemente procuravam alargar as suas zonas de influência, uma com a ajuda económica e recuperação financeira, através de um sistema capitalista que fomentava a economia de mercado e a outra com um sistema socialista, baseado essencialmente na

possessão por parte do Estado de todas as formas de produção dos países por eles apoiado, sistema que não veio a durar muito pelo facto de não favorecer o crescimento e desenvolvimento dos países que adotavam a mesma ideologia.

*“A queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (urss) implicou (1) o fim de uma ideologia unificada sustentada em princípios marxistas-leninistas que permitiam coesão social; (2) a perda de identidade, agregada durante décadas sob a planificação e governação centralizada do Partido Comunista; (3) um processo de transição para um modelo de governação que a Rússia nunca antes havia experimentado; (4) novas fronteiras e a redefinição de relações com uma vizinhança instável, lado a lado com a redefinição do papel e lugar da Rússia na Europa e no mundo. Este contexto indefinido libertou o nacionalismo simultaneamente como incentivador à reforma e obstáculo à mudança: a então elite soviética permaneceu leal a velhos princípios, a sociedade civil e movimentos sociais eram praticamente inexistentes, a elite dos negócios beneficiava das lutas políticas internas e de um processo de privatização sem planificação, fortalecendo-se como classe emergente com poder político e económico – os oligarcas. Este foi um processo de mudança complexo com impacto claro na definição de uma política externa diferenciada no contexto pós-Guerra Fria”.*⁶⁷

Durante este período as controvérsias entre as duas grandes potências eram das mais variadas possíveis, mas não propiciaram em momento algum um embate direto entre as duas. Com fim desse período em que muitos apontam a vitória do capitalismo sobre o socialismo, o mundo deixou de ser bipolar e passou a ser unipolar, sendo que o enfraquecimento da Rússia levou a que o Estado Unidos da América se posicionassem como a potência mundial que ditava por si só as maiores questões mundiais, como foi o caso da sua intervenção militar de forma isolada e mesmo com a não aprovação o Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A Federação Russa, apesar da crise que atravessa, permanece uma grande potência em termos do seu potencial, da sua influência no curso dos acontecimentos mundiais e da responsabilidade que assume como resultado disso. É responsável não só pela nova ordem mundial que emergiu após o colapso do campo socialista, mas especialmente pela criação

⁶⁷ FREIRE, Maria Raquel - **A política externa em transição, o caso da Federação Russa**. IPRI. 2009. [Consult. 25 Mar. 2014]. Disponível em:<URL:http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005>, p.79

de um novo sistema de relações positivas entre os estados que faziam parte da União Soviética, oferecendo a garantia de estabilidade nestas relações.

Acreditamos que o Conflito Russo-georgiano de Agosto de 2008 não remeteu-nos diretamente a um estágio da guerra fria, mas trouxe a atualidade alguns dos aspetos caracterizantes, principalmente no concernente as duas potências que discordavam uma da outra em questões que era eminentemente ligado a conflito armado. Ao nos posicionarmos nessa toada ideológica, assumimos que o mundo estava não em perigo eminente, mas expectante na altura sendo que as duas potencias poderiam não atacarem se mutuamente ou em alvos estratégicos um do outro, era muito pouco provável e continua sendo até agora, só não podemos nos esquecer que a atitude improvável da Rússia sempre suscitou muitas inquietações principalmente pelo facto de durante muito tempo a potencia oriental ter-se calado durante muitas questões importante do dossier mundial e que o seu “opositor” se aproximava-se cada vez mais de suas fronteiras e nesse caso usando a República da Polónia, Ucrânia da Geórgia no caso mais específico. E hoje ainda é importante sublinha que a maior herdeira do Império Soviético toma e tomará sempre uma posição opositora das investida americanas.

*“Se prestarmos atenção à retórica russa e às ações russas ao longo dos últimos nove anos, descobriremos um padrão. Nos meses recentes, os russos vinham agindo como se desejassem provocar um rompimento com os americanos. Eles querem colocar-se aberta e honestamente do outro lado da cerca. Se houver um conflito global em qualquer lugar do mundo, o governo russo quer tomar o lado do inimigo dos Estados Unidos. Na Venezuela, na África, no Oriente Médio, no Extremo Oriente, os russos querem renovar a confrontação entre o Leste e o Ocidente”.*⁶⁸

A posição em si é radical, mas nos sentimos seguros em levantar a hipótese na altura pelo facto de que normalmente em situações idênticas, uma situação vem atrás da outra e não deveremos nos surpreender se por falta soluções palpáveis não mantivermos o *status quo* pacífico entre os Estados, no caso os dois maiores herdeiros da guerra fria, os Estados

⁶⁸ NYQUIST, Jeffrey R. - **Entenda o conflito Rússia x Geórgia**. [Consult. 10/10/12]. Disponível em: <URL: <http://pensarigor.blogspot.pt/2008/08/entenda-o-conflito-rssia-x-gergia-ii.html> >.

Unidos da América, a Rússia e os Estados pequenos e não só que podem ser usados tal como a Geórgia foi pelos Estado Unidos.

Ainda na senda de explicar o conflito em si, acreditamos que uma das motivações que propiciou o eclodir do conflito foi o facto de a Rússia aperceber que os objetivos estratégicos norte-americanos se situavam cada vez mais das fronteiras russas como aqui já foi citado. Já nas reações do pós-conflito, o Presidente russo afirmou que a Rússia tinha informação de que tropas americanas estavam em território georgiano a instruir o exército local. Obviamente que não era somente um processo de trocas de acusações, mas de efetiva presença de militares americanos na Geórgia e que não tranquilizavam os russos. O ataque russo veio servir também para dar um recado aos Estado Unidos da América que estavam próximos de mais das suas fronteiras e que qualquer Estado que quisesse proceder deste jeito teria a curto ou longo prazo uma resposta igual ou semelhante a que se estava a dar a Geórgia. Acreditamos sim que a presença norte americana na Geórgia precipitou de que maneira o ataque russo a República vizinha.

Obviamente que ao nos referimos do interesse norte-americano na região e na Geórgia mais propriamente, nos referimos principalmente a intenção de adesão a NATO por parte da Geórgia, assunto já abordado aqui neste estudo. Com os Estados que fazem fronteira com a Rússia a aderirem a NATO ou a pretenderem aderência, os russos ficam cada vez mais cercados e este é um processo que não se refere somente a NATO, mas também a UE, tal como vimos nos acontecimentos atuais na Ucrânia. A União Europeia é dos maiores aliados dos Estados Unidos na Europa e uma adesão ucraniana a UE, pode colocar o interesse russo cada vez mais ameaçados e por isso é importante para Rússia que a Ucrânia tenha aliança forte com ela e não adira a União Europeia.

Estas conclusões serão confirmadas no artigo escrito por Carlos dos Santos Pereira:

“Os alarmes disparam então nas chancelarias ocidentais. Washington multiplicou advertências a Moscovo para as sérias consequências da intervenção russa e insiste na integridade territorial da Geórgia. A Rússia responde consolidando a cada dia posições no terreno, enquanto em Moscovo, Vladimir Putin acusa Washington e a NATO de estarem por detrás da iniciativa do líder georgiano. Saakashvili multiplica apelos ao Ocidente, garantindo estar iminente um assalto russo à capital georgiana. Mikheil Saakashvili é tido como o mais fiel peão americano na área e a Geórgia representa uma peça mestra na batalha pelos recursos energéticos e pelo controlo estratégico da região que se estende entre o Cáucaso e a Ásia

*Central. Face à aposta americana na Geórgia, o conflito assume desde logo acentos de um braço de ferro entre Washington e Moscovo.*⁶⁹

É certamente um comportamento compreensível o da Geórgia em apelar ao apoio ocidental, mas tanto a Geórgia, a Ucrânia a Chechénia e outros estado que pertenceram ao antigo bloco soviético devem ter em conta que enquanto a Rússia se mantiver como potência na região, conflitos sangrentos ainda continuarão a ser tendencial.

*“O relacionamento entre a Rússia e as antigas repúblicas da URSS continuará a conter uma atitude paradoxal. Esta continuarão a ser incapazes de conviver politicamente com um vizinho que a seu olhos se afigura terrível e ameaçador, mas do qual não conseguem nem podem prescindir como parceiro económico que viabiliza as suas existências. Por outro lado, a Rússia espera de forma impaciente, mas contida, a extinção da chama autonómica dessas regiões e o seu pedido de reintegração política na asa da grande águia russa. A Rússia conhecerá, no plano internacional, uma perda contínua de influência, apesar de seus esforços par manter à tona de água. Os problemas internos são enormes, o que, só por si, não permite uma grande concentração de esforços no plano externo, a que acresce o sentido de humilhação fase ao estrangeiro. Será necessário que o governo central russo se saiba defender contra as reivindicações dos governos regionais locais, usando toda a diplomacia e bom senso para evitar tentativas separatistas ou guerras sangrentas. O que aconteceu na Chechénia não augura nada de muito promissor neste capítulo, pelo excesso da força e autoritarismo de Moscovo. Não serão precisas muitas mais Tchchenias para que este cenário conheça o seu fim, rumo a desintegração jugoslávizção da Federação da Rússia e se a Rússia pôde contar com o silêncio cúmplice do ocidente, demasiado preocupado em manter o poder central russo, a repetição amiúde de conflitos sangrentos noutras repúblicas tornará impossível o amparo ocidental.”*⁷⁰

Uma outra questão levantada neste estudo era concernentes as motivações dos russos a responderem o ataque georgiano a Ossétia do sul. O processo de intenção separatista na vizinha república russa da Geórgia é antigo e de muitas formas o gigante russo tem tentado tirar partido da situação, principalmente pelo facto já conhecido de que depois do fim da guerra fria a Rússia ter perdido espaço e que hoje procura a todo custo recuperar e neste caso específico a Ossétia do sul e a Abekásia sempre estiveram sob mira russa.

Estamos em crer e tal como afirmaram as autoridades russas, o exército russo intervenho no conflito para proteger os cidadãos russos que se encontravam em território osseta. Vale lembrar que das razões apontadas por muitos analistas para o ataque russo, Kornely K. Kakachia ressalta o seguinte:

“Os objetivos da invasão russa da Geórgia são de longo alcance e incluem:

1) a «Mudança de regime», derrubando o Presidente Saakashvili e alternando o regime político na Geórgia para o substituir por uma liderança pró-Rússia;

⁶⁹ PEREIRA, Carlos Alberto dos Santos - **Rússia: A Sombra do Exército Vermelho**. Revista Militar

[Consult. 19 Jul. 2011]. Disponível em: <URL:http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=458>, p. 1

⁷⁰ REGO, Helena Cristina - **A Nova Rússia**. Lisboa: Editora ISCSP, 1999, p. 374

2) a renúncia da Geórgia da sua ambição de integrar a NATO, enviando uma mensagem forte aos outros «satélites» russos sobre as consequências da vontade de aderir à nato;

3) a destruição da economia e infra-estruturas da Geórgia;

4) o reconhecimento da soberania da Abcásia e da Ossétia de modo a legalizar uma presença militar russa permanente na Geórgia; e

5) o monopólio do fornecimento de energia do mar Cáspio.”⁷¹

A aproximação georgiana aos Estados Unidos já era sobejamente conhecida que não agradava a Rússia, os interesses dos norte-americanos na região era de entre outros, investir na exploração do gás natural e permitir uma passagem maior de hidrocarbonetos ao resto da Europa, abrindo o tampão russo aos recursos energéticos provenientes do Azerbaijão e os países da Ásia Central. Com a entrada russa no conflito, o exército georgiano ficou completamente devastado e isso foi mais do que suficiente para desmoralizar o então presidente Mikail Sakashvili e com o apoio a um governo pró russo a facilitar os interesses russos no controlo da exploração energética da região.

Notamos que a questão da excessiva força usada pelos russos não se prende somente ao excesso de “raiva” ao governogeorgiano, mas a uma mensagem que a Rússia passava ao ocidente que na região em causa, que quem manda é a Rússia e que é o espaço caucasiano é vital para as suas aspirações geopolíticas e geoestratégicas na busca da tão sonhada auto afirmação económica que perdeu há algum tempo atrás. E concluímos que a Rússia ao se posicionar desta maneira voltou sim a mostrar que está presente e que deve ser tida em conta nas grandes questões mundiais e que os Estados Unidos devem se acautelar nas incursões de apoio que procurarem engendrar na região.

Não há garantias totais de que o atual governo georgiano vai ser completamente pró-russo sendo que tantos nas declarações do atual presidente Giorgi Margvelashvili, há uma completa demonstração de que o Estado georgiano vai continuar com as suas aspirações europeístas e de adesão a NATO, sem obviamente descorar do facto de que fará tudo ao seu alcance para que possa haver boas relações com a vizinha Rússia. Ao se posicionar dessa maneira, passamos a acreditar que o atual governo faz afirmações desse tipo porque não quer claramente assumir em primeira instancia que está contra a adesão a NATO e a Europa, mas demonstra quer e no fim poderá não efetivar-se para agradar a Rússia.

Esta é uma das consequências mais gritantes sendo que o mundo reconhece os efeitos nefastos as armas de destruição em massa. É claro que o fim ou o bloqueio deste tipo de negociações não levariam nem uma nem outra potencia a utilização das mesmas, mas coloca sempre o mundo em estado de alerta pelo facto de não permitir o andamento de um processo que se espera seguro. Tal como proferiu George Walker Bush, a BBC News,

⁷¹KAKACHIA, Kornely K. - **A guerra dos Cinco dias**. IPRI, Lisboa; [Consult. 25 Nov. 2013] Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a03.pdf>, p. 35

“ Uma relação contenciosa com a Rússia não é do interesse da América e uma relação contenciosa com a América não é do interesse da Rússia ”.

Igualmente importante, as discórdias em volta do «escudo antimíssil». O conflito originou ainda a uma redução da participação e da ajuda de Moscovo a Washington no centro da situação no Afeganistão. Lembramos que o Afeganistão e propriamente o grupo Talibã tem sido uma grande preocupação dos Estados Unidos em terminar com o terrorismo na região e com o flagelo de grupos que se são potenciais perigos para as frentes estratégicas na região. A Rússia é sem dúvidas dos maiores ou o maior parceiro dos Estados Unidos na luta contra o terrorismo e a estabilidade no Afeganistão.

CONCLUSÃO

Perante todos os sinais que foram apresentados ao longo deste trabalho, podemos apresentar algumas conclusões sobre o objetivo de estudo que pelo qual foi disposto a seguir investigação, que é o conflito Russo-georgiano e as suas consequências nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos.

Ao analisar a questão concernente a temática em estudo ou o tema em si, levantou um grande interesse sendo que qualquer elemento ou situação contraditória entre os Estados Unidos e a Rússia é passível de muitas ilações e inclusive nos remeter aos momentos da guerra fria. Procuramos aprofundar ao máximo o nosso objeto de estudos e acreditamos ter contribuído para o alcance da meta de explicar em primeira instancia o conflito de uma forma geral de forma a introduzir melhor os leitores no que diz respeito ao tema.

O conflito entre a Rússia e a Geórgia foi sem dúvidas um dos acontecimentos que marcou uma viragem significativa nas relações internacionais e para os Estados Unidos da América em particular porque marcou o retorno da Federação Russa ao cenário internacional. Nossa abordagem inicial nos levava a crer que o mesmo conflito nos remeteriam a um estágio da guerra fria, acreditávamos que não exatamente, mas comente alguns dos “cenários” foram idênticos, parecia de certa maneira com os acontecimentos da era em que o mundo estava dividido ou tendendo para tal. Maria Raquel Freire ajuda então a concluir que um estágio da Guerra fria é desajustado pelo facto de o ocidente a quando do conflito ter respondido cautelosamente.

O conflito foi sim de pequeno, mas com proporções gigantescas. A Hipótese levantada é que o conflito causou consequências nas relações entre os dois estados, concluímos que a nossa hipótese se fundamentou porque em função da resposta russa a Geórgia, os Estados Unidos reagiram para persuadir a Rússia a parar com as hostilidades contra o Estado georgiano. Uma das consequências deste conflito nas relações entre os dois estados, foi de os Estados Unidos ter repensado a sua política de estabelecer-se no Cáucaso como posição estratégica, ou seja acreditamos que a atitude da Rússia “forçou” o governo americano a redesenhar a forma com se posiciona na região, é uma ação associada muito a questão da instalação do Sistema de Defesa que os americanos tencionavam instalar na Polónia e na Ucrânia.

O isolamento diplomático tem sido aplicado a muitos países quando por forma arbitrária desobedecem ao direito internacional ou a moral internacional. Como consequência na relação entre os dois países, o conflito ainda contribuiu para que os Estados Unidos ponderassem isolar a Rússia diplomaticamente. Foi sugerido ainda que a Rússia fosse expulsa da Organização Mundial do Comércio. Estas duas consequências, segundo pesquisa realizada, não criaram grandes embaraços ao Estado russo porque em parte a União Europeia é extremamente dependente do poder energético russo, esta questão tem

sido sem dúvida o grande elemento de desequilíbrio que o Estado russo tem usado para criar um contrabalanço nas relações com os países que o cercam, e por isso concluímos que não foram de todo solução para esta potência que reaparece no cenário mundial colocasse fim as hostilidades ao estado vizinho. Outras consequências que nos parecem não menos importante são as de autoridades americanas advertirem a Rússia por intervirem no conflito, achamos ainda importante ressaltar que a Rússia acusaram a OTAN e os Estados Unidos de terem estado por detrás do ataque georgiano a Ossétia do Sul. Concordamos que a Rússia tenha razões consideráveis para fazer tal acusação pelo facto de a Geórgia ter estado e está até o momento com aspirações à OTAN, e que instrutores americanos se encontravam em terreno georgiano para treinar as tropas locais.

Indagações não existem de que um dos grandes objetivos dos Estados Unidos com a Geórgia pelo menos naquela altura era de incentivar ao máximo que a mesma aderisse a OTAN, esta adesão ou tentativa é sobejamente conhecida e é agreste à Rússia e do outro lado a Rússia vai fazer o máximo para travar a mesma, tanto é que na cimeira da OTAN em Dezembro de 2008, as resoluções não foram nada encorajadoras para o estado georgiano. Segundo constatamos, este foi em si um ganho para a Rússia e acreditamos que a mesma situação vai continuar no mesmo estado por muito mais tempo.

Concordamos que os Estados Unidos e a OTAN devem ser os mais moderados possíveis na relação as negociações de adesão de qualquer estado na região à organização, levará sempre a Rússia a ter atitude drásticas. Dizemos drásticas porque entendemos que a política de contenção da Rússia quanto ao ocidente não é mera retórica, mas facto.

O plano de expansão da OTAN tem muito em comum com os planos do governo norte-americano e nisso não há sombra de dúvidas. Este andamento em comum de planos colocam sempre em alerta o estado russo quanto a qualquer investida que se possa ter por parte da organização. Contudo, acreditamos que uma das consequências a mais do conflito, foi o facto de as conversações do governo russo e a OTAN, terem esfriado e na mesma sequência, em cinco meses depois do conflito o Presidente Dimitri Medvedev ter anunciado que a guerra com a Geórgia foi o facto de a política da administração americana ter arrogantemente manipulado o conflito para a introdução dos navios de guerra na OTAN no Mar Negro e impor à Europa um sistema de defesa anti-missil americano. Nisso, fica claro que as atividades da OTAN são sempre acompanhadas por interesses dos Estados Unidos da América e que quanto mais eles estiverem próximas da Rússia mais o sentimento desconfiança aumenta.

Tal como já sublinhado a cima, na região em estudo, as relações entre os estados deve ser pelo primado da passividade, é o que se espera, ou o que se deve esperar da Rússia e da Geórgia. É um processo difícil porque as questões étnicas, o excesso de nacionalismo, e o passado recente ligado a guerra fria vem de muitas maneiras impedindo que haja este clima tão esperado por toda a sociedade internacional.

Muitos autores contradizem a ideia de que o conflito perigou a paz mundial. De certa forma declarar que o conflito trouxe perigo a paz mundial é um argumento considerado extremamente forte, mas concluímos dizendo que a paz mundial tem de ser garantida e assegurada e toda a espécie de conflito tem de ser acautelado e inclusive os desta natureza.

Um dado importante no que diz respeito a investigação, é que o processo de desenvolvimento das ideias não tem limitações sendo que o mesmo se dá nos acontecimentos nas relações entre os estados. As relações internacionais estão em constantes mutações que nos remetem a continuamente desenvolvermos explicações conclusivas ou o mais perto possível delas. Nisso e de uma forma mais conclusiva possível, salientamos na nossa análise mais uma vez que as relações entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa tem conclusivamente sido uma relação de intensa desconfiança no ponto de vista da sua efetividade.

A proximidade americana á Geórgia causou um imenso desconforto a Rússia e isso foi um dos motivos para a execução do conflito entre os dois estados. Já tivéramos sublinhado no estudo em causa que existe uma questão muito importante que deve ser intensamente analisada que é o concernente as zonas de influência americana ou russa. É um aspeto que constatamos com a Geórgia em 2008 e continuamos a constatar no presente momento na República da Ucrânia e na Crimeia. A Rússia com os seus métodos, vai continuar a manter o seu poder de influência sobre os estados na região de formas a fundamentar extensivamente o seu poder e alcançar os seus objetivos financeiros, políticos e hegemónicos ou se preferirem, os seus objetivos «imperiais, expansionista e geopolítico».

Há absolutamente nos Estados Unidos e na União Europeia uma grande necessidade de “libertar” os estados da região porque entende-se que o domínio russo tem de ser o mais diminuído possível e com os argumentos da democracia e da autodeterminação dos povo alcançar estes objetivos, mas no Cáucaso, a complexidade étnico-linguística e também o próprio percurso Histórico não favorecem na nossa opinião pelo menos por agora uma efetiva absorção destes princípios, mas um favorecimento à Rússia.

O revanchismo russo com relação aos Estados Unidos e inclusive a OTAN, vai continuar patente, até porque lembrando um passado recente, a Rússia tem um “excesso” de derrotas se assim podemos considerar e que reforçam o espirito de hostilidade ao ocidente, caso como o da Jugoslávia, aonde a Rússia tentou mantê-la, mas que separou-se, a guerra no Iraque em que a Rússia se opôs e os Estados Unidos avançaram e derrubaram o regime de Sadam Hssein e ainda os muitos contratemplos que lhe são causados na comunidade de Estados Independentes.

A questão da presença norte americana na Geórgia e a conseqüente proximidade à Rússia é sem dúvidas uma questão que não deve ser banalizada. Depois de todos os acontecimentos de hostilidade ente o bloco Soviético e os Estados Unidos da América, hoje estas reservas ainda são presentes e em muitos casos conclusivas. Numa sondagem à opinião pública realizada pela Agência Russa ROMIR, no verão de 2003 no estado russo sobre quais seriam as ameaças à nação, o terrorismo e os Estados Unidos receberam cada 32 por cento das respostas dos entrevistados. Nisso notamos que não é somente um sentimento governamental russo a busca por proteção e afastamento total dos americanos, mas um sentimento de nação.

As motivações russas com o conflito e principalmente com a nova liderança da parceria Putin-Medvedev, foram de usar a máxima força e controlar a Geórgia, porque? O desenvolvimento do sector económico é dos principais ou talvez o principal motivo da atual liderança russa, a diversificação da mesma também, mas tal como é sabido, os recursos petrolíferos são a principal forma de financiamento de todos outros sectores. Manter a Geórgia sob controlo e sem influência americana e com um governo pró-russo era preciso que se alcançasse de formas ter uma passagem mais barata e dos gasodutos russos e fornecer energia ao resto da Europa. O uso de excessiva força no conflito foi algo que chocou o mundo, porque em poucos dias o exército russo devastou o georgiano. Ora depois da guerra fria, o poderio armamentístico russo tinha de certa maneira sido ofuscado e era preciso que reaparecesse no cenário mundial novamente. Está certo que é um arsenal menos moderno que o de seu oponente norte- americano, mas notamos que o uso excessivo da força caracterizou-se principalmente por uma demonstração de que quando for necessário usar o poder da força, ela será usada.

Concordamos que esta seja a razão real ou a mais perto do real, tendo em consideração que uma das motivações para o envolvimento russo tem sido o apoio aos cidadãos russos que vivem na região. Alias, a justificativa tem servido para inúmeras incursões armadas do estado russo como é o caso atual na Crimeia, depois da insurreição interna na Ucrânia.

Para terminar a reflexão conclusiva, no apraz dizer que as relações entre os estados, ao contrário do que tem sido o rumo tendencial nos últimos anos, deve primar pelos princípios da passividade. No primeiro capítulo do nosso estudo, demonstramos alguns dos princípios basilares e teorias sobre resolução de conflitos. Estes princípios devem no máximo ser aplicadas de formas a que se acautelem situações de adversidades entre os estados que os coloquem ou que possam criar situações propícias a conflitos. Precisa-se também ter em máxima consideração os princípios do Direito Internacional e as resoluções das Organizações das Nações Unidas.

Quanto a convivência dos estados na região do Cáucaso e a Leste da Europa, devem partilhar esforços para que se efetue a política de boa vizinhança e se produza então as boas relações entre os estados da região. A região em causa é muito propícia a desentendimentos por causa da multiplicidade étnica, religiosa e linguística, nisso

recomendamos que se respeite os princípios da autonomia dos povos e a autodeterminação dos mesmos com todas as especificidades inerentes.

Culminando a conclusão salientamos que continua a existir uma grande disputa entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa por zonas de influência por muitos lugares do mundo e inclusive nesta região do globo. Tal como já foi abordado no estudo, uma das razões que esteve no despertar do conflito armado foi a proximidade americana á Geórgia, para futuros projetos no âmbito da defesa e também no plano da adesão á OTAN, facto este que inquietou a Rússia. Os estados poderosos devem estabelecer suas perspectivas de futuro em termos de controlo de zonas de influência de uma formas não confrontacional e que permita uma maior interação, dentro dos princípios diplomáticos de formas a contribuir para uma maior passividade global.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS/ REVISTAS

ASMUS, Ronald D. - **About the little war that shook the world**. Nova York: Palgrave Mcmillan. 2010

BULL, Hedley - **A sociedade anarquia, Um estudo da ordem internacional**. São Paulo: Editora Universidade de Brasilla, 2002.

CHARLES-PHILIPPE, David – **A guerra e a paz**. Instituto Jean Piaget. Lisboa: 2000

DINH, Nguyen Quoc; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain - **Direito Internacional Público**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1999

DIPLOMATIQUE, Le Monde - **Atlas da Globalização**. Lisboa. Campo da Comunicação. 2000. ISBN: 9789728610166

Dougherty, James [et al.] - **Relações Internacionais, As teorias em confronto**, Lisboa: Principia.

ENCICLOPÉDIA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO – Publifolha, Lisboa: 2000

FERNANDES, António José - **Relações Internacionais, Fatos, Teorias e Organizações**. Editora Presença. Lisboa: Lisboa; Dom Quixote; 1991

FRIEDMAN, George - **A próxima Década**. Lisboa; Dom Quixote: 2013

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA; Edições Zairol, Lisboa / Rio de Janeiro: 2000

GULBENKIAN, Fundação Calouste – **Relações Transatlânticas – Europa – EUA**. 1ª Edição. Lisboa: Dom Quixote, 2004. ISBN: 972-20-2725-5

HOWARD, Michael - **The Causes of war and Other Essays**. Cambridge: MA, Harvard University Press, 1983

KIZUA, Alberto - **Manual de Teoria das Relações Internacionais**. Universidade Privada de Angola. Luanda: 2004

KORTUNOV, Sergei - **Washington is renouncing the ABM Treaty**. International Affairs, Moscou: 2002.

LOPES, Manuel Martins - **A problemática dos conflitos regionais**. Lisboa: Leilões. 1991.

MAGNOLI, Demétrio - **História e Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva; 2000

MCKINDER, Halford - **Democratic Ideals and Reality**. Londres: Foreign Affairs, 1904

- MILENIO, Editora Terceiro - **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo** – Terceiro Mundo. São Paulo: 2000.
- MILENIO, Editora Terceiro - **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: Terceiro Mundo, 2000.
- MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Coimbra: 2011. Editora Almedina,
- MOREIRA, Adriano - **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Almedina. 2011.
- NEVES, André Luís Varela - **O governo de Jorge Bush (2000-2004): Uma análise geopolítica das Guerras no Afeganistão e no Iraque**. USP. São Paulo: Tese para obtenção do grau de Doutor. 2010
- PETTA, Nicolina Luiza; OJEDA, Eduardo Aparicio Boaz - **História uma abordagem integrada**, São Paulo: Editora Moderna, 2000
- PICCOLLI, Larlecianne - **Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia: O papel da defesa antimíssil**. Porto Alegre: 2012. Dissertação para obtenção do grau de Mestre.
- RAMOS, Justino da Glória – **Manual de Relações Internacionais**. Luanda: Universidade Privada de Angola. 2004
- RATO, Vasco - **À procura da alma de Putin Rússia e as eleições americanas**. R:I. ISSN 16455-9199. VOLUME Nº 20. (2008)
- REGO, Helena Cristina - **A Nova Rússia**. Lisboa. Editora ISCSP. 1999
- RODRIGUES, Robério Paulino - **O colapso da URSS: Um estudo das causas**. São Paulo: 2006. Dissertação para a obtenção de grau de Doutor
- SANTOS, Victor Marques - **Teoria das Relações Internacionais, Cooperação e Conflito** Universidades Técnica de Lisboa. Lisboa: IPRI. 2012
- SILVA, Manuel da - **Terrorismo e Guerrilha**. Lisboa: Edições Sílabo. 2010.
- SOUSA, Fernando - **Dicionário de Relações Internacionais**. Lisboa: Afrontamento.
- VERÍSSIMO, Gilberto - **Elementos de Geopolítica e Geoestratégia**. Editora Ler Devagar, 2010
- WALTZ, Kenneth N. - **Man, the state and war: A theoretical analysis**. New York: Columbia University Press, 2001.

ARTIGOS ELETRÓNICOS

ALMEIDA, João Marques - **A União Europeia e a Rússia após a crise da Geórgia**, [Consult. 02 Jul. 2011]. Lisboa. IPRI. 2008. Disponível em: <URL: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a02.pdf>>.

BLANK, Stephen J - **Georgia: a Guerra que a Rússia perdeu**. Moscovo: Military Review, 2009. [Consult. 17 Nov. 2013]. Disponível em: <URL: http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20090430_art006POR.pdf>.

CAICAN, Renato - **Geopolítica: Teorias do Heartland e do Rimland**. [Consult. 22 Nov. 2013] UOL: Disponível em: WWW:<URL: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland-e-do-rimland.htm>>.

CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS, p.8; Disponível em: <URL: http://www.observatoriodha.com/uploads/5/6/8/7/5687387/carta_das_naes_unidas.pdf>.

CASTRO, Guilherme Antunes - **A questão separatista entre Georgia, Ossétia do Sul e Abkhazia**. Minas Gerais. 2010. [Consult. 15 Out. 2012]. Disponível em: www: <URL: http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20101101130439.pd>.

CHAVES, Daniel; SCHURSTER, Karl - **Soberania nacional no pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão**. Rio de Janeiro. Interllecutor [Consult. 03 Abr. 2013]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.revistaintellecter.cenegri.org.br/ed2009-10/danielchaves-karlschurster-10.pdf>>. ISSN 1807-1260.

FREIRE, Maria Raquel - **Repensar Política externa: uma perspectiva positiva. O caso da Federação Russa**. IPRI. [Consult. 14 Fev. 2012]. Lisboa Disponível em: WWW:<URL: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005>. ISSN 1645-9199

FREIRE, Maria Raquel - **Uma nova guerra fria**. IPRI: 2009 [Consult. 21 Fev. 2014]. Disponível em:<URL: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992008000300005>.

GOMES, Enrique Manuel Candeia Rosa - **A nova ordem mundial – do fim do mundo bipolar à emergência de novos atores internacionais**. Lisboa: 2009 [Consult. 04 Abr. 2014]. Disponível em: <URL: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2053/1/Tese%20de%20Mestrado%20Final.pdf>>.

KAKACHIA, Kornely - **A guerra dos cinco dias**. IPRI, Lisboa; [Consult. 15 Set. 2013]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a03.pdf>>. Lisboa: IPRI. 2009

MAZARATI, Numa; SERRANO, Franklin - **A geopolítica das Relações entre a Federação Russa e os EUA: da comparação ao conflito**. Aikos. 2011. [Consult. 23

Mar. 2013]. Rio de Janeiro: Disponível em: WWW:<URL:<http://www.revistaoikos.org/seer/index.php/oikos/article/view/293/165>>.

MILHAZES, José - **Rússia e Geórgia divergem em relatório da EU sobre conflito**. Lisboa. [Consult. 22 Jul. 2013]. Disponível em: WWW:<URL:<http://darussia.blogspot.pt/2009/09/russia-e-georgia-divergem-em-relatorio.html>>.

NYQUIST, Jeffrey R. - **Entenda o conflito Rússia x Geórgia**. [Consult. 10 Out. 2012]. Disponível em: <URL: <http://pensarigor.blogspot.pt/2008/08/entenda-o-conflito-russia-x-georgia-ii.html>>.

NUNES, João - **Para que serve a teoria das Relações Internacionais**. Nº 36 (2012), p. 4 [28 Fev. 2014] Disponível em: URL:<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-91992012000400002&script=sci_arttext>.

PEREIRA, Carlos Alberto dos Santos - **Rússia: A Sombra do Exército Vermelho**. Revista Militar [Consult. 19 Jul. 2011]. Disponível em: <URL:http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=458>.

RODRIGUES, Alexandre Reis - **As relações Russo-Americanas**. [Consult. 20 Abr. 2014] Disponível em: <URL:http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/russia/As%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Russo%20Americanas.pdf>.

RODRIGUES, Alexandre Reis - **A crise na Ossétia do Sul**. [Consult. 12 Dez. 2012]. Disponível em: WWW:<URL: http://database.jornaldefesa.pt/crises_e_conflitos/russia/A%20Ge%C3%B3rgia%20e%20a%20NATO%20.pdf>.

RELATÓRIO DA UNIÃO EUROPEIA, EU. [Consult. 3 Maio 2012]. 2008. Disponível em: WWW:<URL:http://europa.eu/geninfo/query/resultaction.jsp?SMODE=2&ResultCount=10&Collection=EuropaFull&Collection=EuropaSL&Collection=EuropaPR&ResultMaxDocs=200&qtype=simple&DefaultLG=pt&ResultTemplate=%2Fresult_pt.jsp&page=1&QueryText=relatorio+sobre+a+ossetia#queryText=relatorio+sobre+conflito+na+ossetia+do+sul&tab=europa&locale=pt>.

SHEVTSOVA, Lilia - **Post-Comunist Russia: a historic opportunity missed**. Lisboa: In International Affairs. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1065825##, 2007, [Consult. 25 Out. 13]

SOUSA, Pedro - **Relações EUA-Rússia: Os Anos Recentes**; [Consut. 22 Abr. 2013]. Disponível em: <URL:<http://www.cepese.pt/portal/investigacao/working-papers/relacoes-externas-de-portugal/relacoes-eua-russia-os-anos-recentes/Relacoes-EUA-Russia-Os-Anos-Recentes.pdf>>.

